



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Jornalismo de ambiente na TVI: as alterações climáticas através da relação dos jornalistas com as fontes de informação

Maria Margarida Tomás Silvestre Silva

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Jornalismo

Orientadora:

Professora Doutora Fernanda Bonacho – Professora-Adjunta na Escola Superior
de Comunicação Social

março, 2021

Declaração Anti plágio

Declaro que o presente trabalho, requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, é exclusivamente da minha autoria. Mais informo que todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas, segundo a 6ª edição da Norma APA. Este relatório de estágio, de nome “Jornalismo de ambiente na TVI: as alterações climáticas através da relação dos jornalistas com as fontes de informação”, é publicado pela primeira vez em março de 2021, na Escola Superior de Comunicação Social. Nunca foi submetido a qualquer outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outro tipo de avaliação. Por outro lado, também não deverá ser utilizado posteriormente sem a devida citação identificada. Declaro ainda ter consciência de que o plágio é crime e de que o mesmo pode levar à anulação do trabalho agora apresentado.

março de 2021

O candidato,

Margarido Silvestre

Resumo

As alterações climáticas são um tema com o qual estamos cada vez mais familiarizados, devido ao facto de se ter tornado uma temática recorrente na informação noticiosa nacional e internacional. No entanto, esta situação nem sempre foi assim. Ao longo do tempo, o jornalismo de ambiente sofreu alterações quanto à sua presença nos noticiários e, mais recentemente, a pandemia do novo coronavírus teve grande influência nas notícias de ambiente veiculadas pelos meios de comunicação.

O presente trabalho apresenta uma análise teórica sobre as fontes de informação e jornalismo de ambiente, focado nas alterações climáticas, bem como a relação estabelecida com os dados práticos obtidos durante o estágio na redação da TVI. O objetivo é compreender o espaço que o jornalismo de ambiente tem atualmente neste canal, bem como a relação dos jornalistas com o tema e com as fontes de informação que utilizam.

Para guiar a investigação elaborou-se a seguinte questão de partida: com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação, como é que as notícias da TVI sobre alterações climáticas são trabalhadas? Foi, assim, realizado um inquérito a vários jornalistas da estação televisiva e desenvolveu-se uma análise qualitativa e quantitativa do noticiário das 20h (*Jornal das 8*), durante o período de 17 de fevereiro a 17 de maio de 2020.

A relação entre jornalistas e fontes de informação prova-se um elemento fundamental nesta investigação, pois a construção de notícias de ambiente decorre da ligação que se estabelece. O jornalista, enquanto ator autónomo, não pode, nunca, pôr de parte a sua ligação com as fontes de informação, mas pode ser limitado por decisões editoriais.

Palavras chave: Jornalismo de ambiente, fontes de informação, jornalistas, televisão, alterações climáticas.

Abstract

Climate change is a topic with which we are increasingly familiar, due to the fact that it has become a recurring theme in national and international news information. However, this has not always been the case. Over time, environmental journalism has changed in terms of its presence in the news and, more recently, the pandemic of the new coronavirus has had a great influence on the environment news carried by the media.

The present work presents a theoretical analysis on the sources of information and environmental journalism, focused on climate change, as well as the relationship established with the practical data obtained during the internship in the writing of TVI. The objective is to understand the space that environmental journalism currently has in this channel, as well the relationship of journalists with the topic and with the information sources they use.

To guide the investigation, the following starting question was elaborated: based on the relationship between journalists and sources of information, how are TVI's news about climate change handled? Thus, a survey was carried out on several journalists from the television station and a qualitative and quantitative analysis of the 8 pm news (*Jornal das 8*) was carried out during the period from 17 February to 17 May 2020.

The relationship between journalists and information sources proves to be a fundamental element in this investigation, since the construction of environmental news results from the connection that is established. The journalist, as an autonomous actor, can never discard his connection with the sources of information, but he can be limited by editorial decisions.

Keywords: Environmental journalism, sources, journalists, television, climate change.

Agradecimentos

O primeiro agradecimento é direcionado à minha orientadora, Professora Doutora Fernanda Bonacho. Obrigada por toda a ajuda prestada durante este período instável causado pela pandemia do novo coronavírus. A sua disponibilidade e paciência, bem como a motivação e crença pelo meu tema de investigação foram imprescindíveis na elaboração do trabalho.

Um agradecimento à minha instituição de ensino, a Escola Superior de Comunicação Social, a qual me formou com rigor e permitiu realizar o estágio curricular na TVI.

Ao jornalista José Gabriel Quaresma, obrigada por ser como um Professor e partilhar comigo muita da sua vasta experiência. Um profissional incrível que me integrou e apoiou desde a primeira semana de estágio. Obrigada por todas as vezes que dispensou do seu tempo para me ensinar, por todas as saídas que me permitiu acompanhar, por confiar em mim para o ajudar em alguns trabalhos e por partilhar o meu questionário com toda a redação da TVI, facilitando a minha análise de dados.

Ao jornalista António Assis Teixeira, um agradecimento por toda a disponibilidade e acolhimento ao longo do estágio. Pelo incentivo a praticar para ser melhor e nunca ter medo dos desafios. Um agradecimento muito especial, pelo espírito prestável, que mesmo não me conhecendo há muito, durante a minha ausência por causa da pandemia, me facilitou o acesso à comunicação com outros jornalistas e divulgou o meu questionário.

Ao jornalista Paulo Salvador, que me deu oportunidade de o ajudar na criação de uma reportagem do início ao fim e de realizar tarefas que ainda não tinha tido oportunidade de experienciar.

À minha família e pessoas muito importantes, por me permitirem frequentar o Ensino Superior e desenvolver este trabalho, pela confiança nas minhas capacidades e toda a motivação que me deram nos dias mais complicados.

Índice	
<i>Introdução</i>	1
<i>Metodologia</i>	4
<i>Capítulo 1. Fontes de informação</i>	7
1.1 Conceito teórico	7
1.2 Reciprocidade entre fontes de informação e jornalistas	10
<i>Capítulo 2. Jornalismo de Ambiente: Alterações climáticas e Televisão</i>	13
2.1 Importância do jornalismo de ambiente	14
2.2 Ponto de viragem no foco para as alterações climáticas	18
2.3 A transmissão das mensagens sobre alterações climáticas	21
2.4 O ceticismo que paira em torno do tema.....	27
<i>Capítulo 3. TVI – Televisão Independente</i>	30
3.1 Empresa e audiências.....	30
3.2 Estágio	34
3.2.1 Integração na redação - I parte do estágio	34
3.2.2 Rotina de trabalho e trabalhos realizados na I parte do estágio.....	37
3.2.3 Reintegração na redação - II parte do estágio	41
3.2.4 Rotina de trabalho e trabalhos realizados na II parte do estágio.....	45
<i>Capítulo 4. Análise do jornalismo de ambiente na TVI</i>	47
4.1 Análise do <i>Jornal das 8</i>	47
4.2 Análise do questionário	51
4.3 Análise entrevistas.....	58
<i>Considerações finais</i>	61
<i>Referências Bibliográficas</i>	66
<i>Anexos</i>	69

Índice de figuras

Figura 1 - Géneros televisivos dominantes (duração) no horário nobre (20h e 23h), por serviço de programas em 2019	33
Figura 2 - Estrutura dos Editores de informação da TVI/TVI24 a partir de 1 de setembro de 2020	34
Figura 3 - Estrutura da Direção de informação da TVI/TVI24 a partir de 1 de setembro de 2020	35
Figura 4 - Antiga zona de editores e editoria de sociedade na redação da TVI, piso inferior. Fotografia do autor.....	37
Figura 5 - Nova redação da TVI, piso inferior. Fotografia do autor	43
Figura 6 - Zona de trabalho da equipa do digital, piso inferior. Fotografia do autor.....	44
Figura 7 - Zona de trabalho pessoal, piso superior. Fotografia do autor.....	45
Figura 8 - Zona de trabalho na editoria de sociedade. Fotografia do autor.....	46

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Número de notícias relacionadas com o tema das alterações climáticas.....	49
Gráfico 2 - Número de vezes que cada palavra chave serviu para identificar uma notícia	50
Gráfico 3 - Temas das notícias sobre alterações climáticas	51
Gráfico 4 - % de notícias sobre alterações climáticas por quarto de hora no <i>Jornal das 8</i>	52
Gráfico 5 – Tipos de fontes de informação mais utilizadas pelos jornalistas da TVI	53
Gráfico 6 – Tipos de fontes de informação menos utilizadas pelos jornalistas da TVI	54
Gráfico 7 - As alterações climáticas deviam ter mais destaque no espaço informativo da TVI?.....	54
Gráfico 8 - Frequência com que os jornalistas escrevem notícias sobre alterações climáticas	55
Gráfico 9 - Valorização da relação de confiança pelos jornalistas com as fontes de informação.....	56
Gráfico 10 - Qualidades que os jornalistas valorizam na relação com as fontes de informação	56
Gráfico 11 - Frequência com que os jornalistas trabalham com fontes utilizadas anteriormente.....	57
Gráfico 12 - Fontes de informação evidenciadas pelos jornalistas da TVI	57
Gráfico 13 - Forma como os jornalistas contactam as fontes de informação	58
Gráfico 14 - Técnicas de tratamento de informação utilizadas pelos jornalistas.....	59
Gráfico 15 - Trabalhar novamente com fontes de informação que já exerceram pressão	59

Introdução

O jornalismo de ambiente é uma temática atual e pertinente de analisar, uma vez que diz respeito às notícias sobre o ambiente que nos rodeia e, por isso, convém que estejamos informados sobre o tema e sobre a forma como os meios de comunicação o trabalham. Estando as alterações climáticas na ordem do dia, irei focar-me neste fenómeno aquando das várias pesquisas para a elaboração do relatório, beneficiando da importância que o tema tem na atualidade, o que aumenta o interesse do desenvolvimento do relatório.

Os meios de comunicação são uma peça fundamental na transmissão da informação para o público, promovendo a literacia de ambiente entre a cidadania e tornando-a mais ativa e consciente. Tendo em consideração que a maioria dos cidadãos se serve, sobretudo, da televisão para obter conhecimento sobre os problemas da sociedade (Cardoso, Paisana, & Pinto-Martinho, 2019, p.11), focar-me-ei na análise dos conteúdos televisivos, mais concretamente, nos noticiários transmitidos.

Mas será que o jornalismo de ambiente tem uma presença constante na televisão portuguesa? Durante vários anos, o tema ambiental não fazia parte dos noticiários portugueses, sobretudo até 1975-77, altura em que o PREC estava instalado no país. Somente a partir dos anos 90 é que o ambiente se torna uma constante e “apenas faltaram notícias de ambiente em nove telejornais – 3,2 por cento do total” (Schmidt, 2000, p. 80). Como refere Luísa Schmidt na análise evolutiva do tema ambiente em televisão, entre 1957-1995, esta mudança teve origem em vários acontecimentos marcantes que ocorreram no país, nomeadamente:

A exploração do caulino de Barqueiros (1986), as demolições dos clandestinos nas praias da Arrábida, a possibilidade de instalação de uma lixeira nuclear em Aldeadavilla (1987), o encalhe do cargueiro Reijin carregado com cinco mil automóveis (1988), algumas eucaliptizações contestadas e boicotadas pelas populações em Abobeira, Valpaços e Mértola (1989), a construção da Via do Infante (1989), e a própria poluição visível e cheirável de diversos rios. (Schmidt, 2000, p. 82)

Com o aumento da cobertura de temas ambientais, as notícias mais frequentes nesta categoria eram sobretudo as catástrofes naturais [“fogos, cheias, secas, tempestades, sismos e vulcões” (Schmidt, 2000, p. 98)]. No entanto, adianta Schmidt que, atualmente, os meios de comunicação, que funcionam como uma janela para o mundo, têm a capacidade de selecionar, transformar e fazer circular as questões ambientais mais urgentes (Schmidt, 2000, p. 138).

Outro fator relevante para analisarmos a forma como a temática de ambiente é trabalhada é através da relação entre os jornalistas e as fontes de informação. Em Portugal já existem alguns estudos que abordam a relação dos jornalistas com as fontes de informação (Campello, 2017; Lomba, 2009; Marinho, 2000; Matos, 2010; Sousa, 2017; Teixeira, 2009). No entanto, o presente trabalho tem pertinência na teoria do Jornalismo, porque foca a investigação na temática do jornalismo de ambiente, direcionado para as alterações climáticas, analisando a relação dos jornalistas com as fontes de informação num dos canais generalistas do país (TVI) e pretende obter conclusões mais atuais.

A cooperação existente entre jornalistas e fontes de informação tem sempre influência na quantidade de notícias que são escritas e na forma como são escritas. Como tal é determinante compreender esta relação para construir uma análise completa. Desenvolveu-se um inquérito direcionado aos jornalistas da TVI para compreender se existem ou não áreas de trabalho específicas para cada um e quais as fontes de informação com que contactam mais. Através da análise das respostas é possível compreender como os jornalistas se relacionam com as fontes de informação e o que pensam das questões ambientais. Uma das primeiras conclusões possíveis é que, para trabalhar o ambiente, é importante estabelecer uma relação próxima com as fontes de informação.

De forma a complementar a análise é também importante estudar a presença do tema em televisão. Assim poder-se-á verificar a frequência do tema nos noticiários e perceber se existe uma relação direta entre essa frequência e a pertinência do tema para os jornalistas.

Inicialmente, a intenção de analisar os noticiários era, somente, identificar a quantidade de peças sobre alterações climáticas que surgiam e analisá-las. No entanto, uma vez que as circunstâncias se alteraram devido a uma pandemia mundial, decidiu-se aproveitar os novos dados e alargar o âmbito das conclusões do trabalho.

Assim sendo, a análise do noticiário decorreu, aproximadamente, entre o período da chegada da Covid-19 à Europa até ao início do primeiro desconfinamento em Portugal. Desta forma, os novos dados ajudariam a perceber qual a influência que uma pandemia pode ter ao nível das temáticas ambientais tratadas na informação noticiosa televisiva.

Para desenvolver e orientar todo o trabalho, definiu-se a seguinte questão de partida: (p1) com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação, como é que as notícias da TVI sobre alterações climáticas são trabalhadas? No entanto, após ser formulada a questão, houve necessidade de colocar outras questões para restringir o objeto de estudo, nomeadamente, (p2) quais as fontes de informação mais utilizadas pelos jornalistas para escrever sobre jornalismo de ambiente? (p3) Os jornalistas consideram que a quantidade de notícias sobre alterações climáticas

é suficiente? (p4) Qual o espaço que as notícias sobre alterações climáticas têm no *Jornal das 8*?
(p5) Uma pandemia influencia a presença das temáticas ambientais dos noticiários?

Todas estas questões resultaram da inquietação de perceber qual o espaço que o jornalismo de ambiente tem em Portugal, mais concretamente na informação do principal noticiário da TVI. Desta forma, este relatório de estágio apresenta os seguintes objetivos: a) analisar como os jornalistas trabalham a informação ambiental que recolhem, com base na relação que estabelecem com as suas fontes de informação; b) identificar as circunstâncias em que surgem os temas ambientais no discurso jornalístico; c) quais os temas relacionados com as alterações climáticas mais abordados na TVI durante o período estudado.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho foram combinadas várias metodologias consideradas as mais adequadas para alcançar os objetivos do trabalho.

Numa fase inicial de recolha de informação, foi elaborada uma revisão de literatura, no sentido de, como indica Berger, realizar “pesquisas literárias para obtermos o máximo de informação possível sobre um determinado assunto antes de restringirmos o foco do projeto de pesquisa”¹ (Berger, 2000).

Assim sendo, a pesquisa abrangeu temas como o jornalismo de ambiente, a relação dos jornalistas com as fontes de informação, a análise evolutiva da televisão em Portugal, sob a perspetiva do ambiente, o tratamento das alterações climáticas pelos meios de comunicação e alguns relatórios (ERC e Reuteurs) sobre a temática em questão. Após a recolha de informação e leitura atenta, procedeu-se à análise crítica dos conteúdos.

Entretanto, foi realizada, também, uma análise de conteúdo ao *Jornal das 8* da TVI, entre o período de 17 de fevereiro até 17 de maio. A data de início da análise coincidiu com a entrada na estação de televisão para o estágio, e a sua data final, teria coincido com a conclusão do estágio se a pandemia da Covid-19 não se tivesse instalado. Durante estes três meses fiz o levantamento dos dias em que as notícias abordaram temas ambientais, relacionados com as alterações climáticas (ver anexo 4), o que permitiu registar o seu conteúdo, o horário e o jornalista que produziu a notícia. O critério de escolha das notícias baseou-se na identificação das seguintes palavras chave ao longo da peça: alterações climáticas, alterações da temperatura, ambiente, aquecimento global, cheias, degelo, gases com efeito de estufa, nível do mar, poluição e secas. A análise permitiu observar o destaque e a frequência do tema no principal jornal diário da TVI e fazer uma relação com outros dados em análise.

Segundo Bardin (1977), é importante realizar uma análise de conteúdo pois “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissémico esconde-se um sentido que convém desvendar” (p.14). Logo, esta técnica que analisa as várias formas de comunicação, permite-nos encontrar mensagens através do tratamento da informação (Bardin, 1977, p. 34). Por outro lado, Berelson (citado por Bardin, 2000), definiu a análise de conteúdo como “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (p.36).

¹ “We generally make library searches to gain as much information as we can about a given subject before narrowing down the focus for our particular research project” _ (tradução do autor).

Através deste método, que pode ser utilizado ao longo de toda a investigação, conseguimos aprofundar as informações em análise, uma vez que olhamos para os dados de uma forma diferente, além do que é evidente. Concretamente na presente investigação, o método foi útil durante a análise dos temas investigados e dos dados obtidos.

No período de estágio, tirei partido da presença no local, bem como dos trabalhos que foram desenvolvidos e permitiram enriquecer a investigação. Assim sendo, a metodologia utilizada foi a observação participante, uma vez que pude assistir ao trabalho diário dos jornalistas e desenvolver trabalhos na redação. Segundo Berger (2000):

A observação participante é diferente; é uma técnica de pesquisa qualitativa que fornece a oportunidade de estudar pessoas em situações da vida real. É uma forma de pesquisa de campo onde as observações são realizadas em ambientes reais e onde existe uma falha do tipo de controlo e estrutura que se tem nas experiências, por exemplo. Na observação participante, tal como o nome sugere, os investigadores envolvem-se no grupo, organização ou entidade que estão a estudar². (p.161)

Esta integração no meio permitiu-me aproximar dos jornalistas e pedir a sua colaboração para responder a um questionário (metodologia quantitativa) sob a temática ambiental, com perguntas abertas e fechadas. Sendo os jornalistas da TVI a minha amostra, o objetivo era identificar quais os jornalistas que escrevem sobre ambiente, se há mais homens do que mulheres, a relação que estabelecem com as fontes de informação e como encaram as notícias ambientais.

Segundo Berger (2000) existem dois tipos de questionário, sendo que o selecionado para este trabalho foi o “questionário analítico” (p.188). Este tipo de questionário:

Procura descobrir o porquê das pessoas se comportarem da forma que comportam. Os investigadores geralmente usam dados de questionários descritivos para desenvolver hipóteses e usam questionários analíticos para testar as suas hipóteses sobre o que causa certos tipos de comportamento. Os questionários analíticos tentam determinar se há

² “Participant observation is different; it is a qualitative research technique that provides the opportunity to study people in real-life situations. It is a form of field-research in which observations are carried out in real settings and where there is a lack of the kind of control and structure you have in experiments, for example. In participant observation, as the name suggests, researchers become involved in some group or organization or entity that they are studying” _(tradução do autor).

relações de causa entre certos tipos de comportamento e várias características sociais e demográficas das pessoas³. (Berger, 2000, p.189)

Por sua vez, Fernandes (1993) insere o questionário na observação direta extensiva, ao afirmar que a elaboração do questionário deve ser meticulosa, “de modo que traduza fielmente as opiniões das pessoas interrogadas e as perguntas postas deem às pessoas a oportunidade de exprimirem as atitudes e opiniões que são realmente relevantes na explicação dos seus comportamentos efectivos” (Fernandes, 1993, p. 172).

Para complementar os dados fornecidos pelo questionário realizei entrevistas às duas jornalistas mais mencionadas no mesmo, como sendo quem trabalha frequentemente o tema das alterações climáticas e do jornalismo de ambiente na TVI. Segundo Fernandes (1993), a entrevista é uma das técnicas da observação direta intensiva que “centra as suas atenções em grupos restritos que procura conhecer bem com o maior pormenor” (p. 175). O que distingue esta técnica, do questionário é o que permite obter dados mais pessoais, através da “mais demorada e metódica atenção que se dá ao entrevistado” (Fernandes, 1993, p.175). O autor faz ainda distinção entre dois tipos de entrevista (documental e opinião), sendo que optei pela entrevista de opinião, que recolhe indicações sobre opiniões, atitudes e comportamentos prováveis.

Para organizar a análise, dividiu-se o relatório de estágio em quatro capítulos. No primeiro capítulo, contextualiza-se a temática da relação dos jornalistas com as fontes de informação e tenta-se explicar os vários conceitos de fontes de informação. No segundo capítulo faz-se uma contextualização do jornalismo de ambiente e de como as alterações climáticas são tratadas pelos meios de comunicação. O terceiro capítulo refere-se à instituição TVI onde foi realizado o estágio. Faz-se uma caracterização da estação televisiva e apresentam-se alguns dados sobre as suas audiências e *share*. Apresenta-se depois um subcapítulo que descreve o meu percurso e aprendizagem na redação da TVI. Por último, no quarto capítulo, apresentam-se os dados e respetiva análise da minha investigação, faz-se o cruzamento dos dados obtidos em questionário com a análise do *Jornal das 8* e os dados obtidos durante o estágio.

Através desta investigação espera-se contribuir para perceber melhor, não só como se faz jornalismo de ambiente em Portugal, mais concretamente na redação da TVI, mas também de que forma a relação entre jornalistas e fontes de informação influencia a produção de notícias.

³ “seeks to find out why people behave the way they do. Researchers often use data from descriptive surveys to develop hypotheses and use analytical surveys to test their hypotheses about what causes certain kinds of behavior. Analytical surveys attempt to determine whether there are causal relationships between certain kinds of behavior and various social and demographic characteristics of people” _(tradução do autor).

Capítulo 1. Fontes de informação

1.1 Conceito teórico

O jornalismo pode ser considerado uma arte que resulta da relação entre o jornalista e as fontes de informação. Se estas fornecem informação sobre os mais variados temas aos jornalistas, que trabalham e divulgam o conteúdo noticioso ao público, é importante definir o que é, de facto, uma fonte de informação. Segundo Santos (2006):

A fonte de informação é a entidade (instituição, organização, grupo ou indivíduo, seu porta voz ou representante) que presta informações ou fornece dados ao jornalista, planeia ações ou descreve factos, ao avisar o jornalista da ocorrência de realizações ou relatar pormenores de um acontecimento (p.75).

O Governo de um país é, por exemplo, uma fonte credível a que se recorre frequentemente, tal como os cientistas o são na área do ambiente. No entanto, há vários níveis de credibilidade associados às fontes de informação, os quais variam consoante a proveniência da fonte e a ligação que têm com o jornalista.

Como exemplo e relacionando com o fator da credibilidade, os cientistas que trabalham para associações de defesa do ambiente, ou que se alinham em torno de causas ambientais, são tidos em maior consideração do que os contratados pelos Governos ou pelas empresas (Garcia, 2004, p. 28). “No jornalismo de ambiente, os próprios cientistas são uma das principais, mais fiáveis e mais frutíferas fontes de informação” (Garcia, 2004, p. 30). De acordo com estes pressupostos está a preferência de cientistas associados a organizações não governamentais por parte dos jornalistas, o que se deve ao facto de os cientistas governamentais poderem ser influenciados, mais facilmente, quanto às informações que dão.

Existe, portanto, uma relação delicada entre os jornalistas e as suas fontes de informação, nomeadamente os cientistas, que podem influenciar a forma como as notícias são desenvolvidas. Luísa Schmidt adianta que os meios de comunicação:

Tanto são vistos pelos cientistas como uma ameaça na deturpação e usurpação dos saberes, como um aliado imprescindível na afirmação e expansão desses saberes e na luta pela liberdade intelectual. Para todos os efeitos, os dois mundos são já indissociáveis e até interdependentes. (Schmidt, 2008, p.87)

Quer o campo mediático, quer o campo científico têm tempos de ação diferentes, o que provoca nos cientistas um sentimento de descontrolo sob a informação que é transmitida e na linguagem que é utilizada pelos meios de comunicação social. Pode acontecer que a informação científica seja transmitida de uma forma tão simples, que acaba por distorcer a realidade (Schmidt, 2008, p.86).

Para facilitar a identificação dos vários tipos de fontes utilizadas pelos jornalistas, Santos (2006) emprega as seguintes designações: *oficiais*, *não oficiais*, *especialistas* e *anónimas*. São, também, os termos que serão utilizados ao longo do trabalho.

A fonte oficial, é por norma, a mais utilizada pelos jornalistas, pois “o esforço diário da fonte oficial é manter um caudal de confiança, numa garantia de informação e apoio ao jornalista nas dúvidas deste” (Santos, 2006, p. 78). À medida que se forma uma ligação de confiança, a fonte ganha mais autoridade e prestígio, relativamente a fontes de informação menos próximas. É, também, muito frequente que as fontes oficiais partilhem informações *off the record*. Segundo Schlesinger (citado por Santos, 2001), as confissões *off the record* são uma forma de as fontes de informação persuadirem os jornalistas e ganharem a sua atenção (p. 94).

“Por seu lado, as fontes não oficiais (associações, empresas de menor dimensão, grupos cívicos, organizações não governamentais) lutam pela divulgação dos seus acontecimentos” (Santos, 2006, p. 79), que poderão ser muito interessantes para os jornalistas que pretendem incluir a diversidade de perspectiva no seu trabalho de investigação e reportagem.

As fontes especialistas são as mais fáceis de identificar, pois têm conhecimentos específicos das suas áreas de trabalho e/ou investigação. Assim, os “médicos, especialistas de ambiente, sociólogos, e politicólogos situam-se entre as fontes especialistas mais procuradas e trabalhadas nas notícias” (Santos, 2006, p. 81).

As fontes anónimas, segundo Gans e Sigal (citado por Santos, 1997) só são valorizadas quando apresentam algo fora do normal, de forma a cumprirem o requisito de valor notícia. Segundo Santos (2006), as fontes anónimas são:

Pessoas a quem o jornalista atribui opiniões, tomadas de posição e informações diversas, sem revelar o nome daquelas. A fonte anónima pode ser um organismo governamental ou membro de uma comunidade, um indivíduo ou vários e, até, uma instituição mediática, caso de agência de informação ou jornal. Muitas vezes, não tem interesse na sua identificação por estar próxima do poder, mas discordar de medidas tomadas ou por simples vingança sobre um superior hierárquico. (p. 82)

Desempenhando funções diferentes, os jornalistas e as suas fontes de informação retiram benefícios diferentes das notícias. Ou seja, perante a informação, as fontes pretendem destacar-se da concorrência, enquanto que os jornalistas pretendem dar a notícia de forma clara e transparente, sem alimentar o jogo das fontes de não revelarem a informação toda de uma só vez.

Por parte das fontes de informação, há uma postura ativa – mobilizar recursos, protagonizar e vigiar a concorrência das outras fontes – ou passiva – esperar para reagir.

Por parte dos jornalistas, os objetivos das notícias, para além da informação sobre os acontecimentos, visam desocultar as vantagens próprias e não reveladas das fontes.

(Santos, 2006, p. 26)

1.2 Reciprocidade entre fontes de informação e jornalistas

Devido aos diferentes proveitos que ambos os atores retiram da partilha da informação, verifica-se uma relação de interesse, mas também de entreajuda entre jornalistas e fontes de informação. Considera-se “a ligação fonte-jornalista como uma relação apoiada em autonomia e entreajuda”, em que, por vezes, se chega a identificar um certo “poderio do jornalista face à fonte” (Santos, 2001, p.95). Por outro lado, esta interação também pode variar entre a confiança e a suspeita (Santos, 1997, p.53).

É, por isso, essencial existirem regras que orientem esta cooperação. O “rigor na informação, rapidez na prestação da informação, enquadramentos adequados dos acontecimentos, colaboração ou desconfiança mútua” (Santos, 2006, p.33) são algumas dessas regras.

Garcia (2004) defende que nesta relação, os jornalistas agem com maior foco nas suas fontes aquando da publicação de determinada notícia (p.35). Isto por três razões: a) “...a comunicação social tende a levar muito em conta o que as fontes têm a dizer sobre as notícias” (Garcia, 2004, p. 35); b) “...há uma aliança estreita entre jornalistas e fontes, em que cada parte necessita da outra para os seus fins” (Garcia, 2004, p. 35); c) “...as próprias fontes serem um poderoso agente para legitimar uma notícia” (Garcia, 2004, p. 36).

A relação entre jornalistas e fontes varia, também, consoante o meio de comunicação em questão, uma vez que o tempo de preparação noticiosa difere de meio para meio. A televisão, por ser um meio de comunicação mais rápido e, muitas vezes transmitido em direto, promove um tratamento mais superficial com a fonte (Santos, 2001, p.99).

Sendo a informação/notícia o elo entre estes dois atores, pode-se distinguir várias classificações de notícias. Segundo Traquina (citado por Santos, 2003), “...as correntes diferenciam-se em: *espelho* (a notícia reflecte a realidade), *acção pessoal* (privilegia a abordagem do indivíduo), *organizacional* (a notícia provém de processos de interação social dentro da empresa jornalística), *acção política* (os jornalistas têm um papel pouco relevante e estão ao serviço do capitalismo) e *construção social*, subdividida em *estruturalista* (a notícia resulta da organização da estrutura jornalística, mas reconhece-se autonomia nos jornalistas) e *interaccionista* (há um processo de produção, seleção e transformação de uma matéria-prima, o acontecimento, num produto, a notícia)”.

A notícia pode focar-se em diferentes aspetos, mas tem sempre a mesma finalidade, ou seja, informar. Para Bordieu (citado por Santos, 2006) “o campo de notícia é um espaço de relações sociais em torno de um *enjeu* ou desafio com ganhos e perdas por parte dos agentes intervenientes”.

Ideia que Santos (2006) reforça, pois tanto os jornalistas, como as fontes, disputam entre si o controlo para definir quais são os interesses políticos, sociais ou económicos (p.24).

Cada notícia remete-nos para um acontecimento, os quais podem ter objetivos diferentes. Para facilitar a sua identificação, Santos (1997) apresenta quatro níveis de categorias do acontecimento, nomeadamente, rotina, acidente, escândalo e acaso. A rotina é “baseada em intenções ou objectivos planeados, sendo as pessoas que empreendem o acontecimento (*effectors*) as mesmas que o promovem” (Santos, 1997, p. 24), por exemplo, nas conferências de imprensa e na maioria das notícias da imprensa diária. O acidente é um “acontecimento não intencional, em que os promotores do acontecimento público diferem dos que a realizam” (Santos, 1997, p. 24). Como por exemplo, podemos nomear as revelações sobre um medicamento que tem efeitos contrários ao que devia, demonstrando falhas num produto que devia ser seguro. O escândalo é “uma ocorrência que se torna acontecimento graças à atividade intencional dos informadores, que por uma razão ou outra, não partilham as estratégias dos efetivadores da ocorrência” (Santos, 1997, p. 25). As surpresas de atividades ilegais que não eram do conhecimento público podem funcionar como escândalos. Por fim, o caso é um “acontecimento não planeado, mas promovido pelo próprio *effector*” (Santos, 1997, p.25).

Entre todas estas opções de acontecimentos e trocas com as fontes de informação, o jornalista procura manter-se o mais imparcial possível, não cedendo a influências ou interesses de terceiros, pois deve preservar “a sua autonomia profissional perante pressões, quer internas quer externas, garantia de uma maior isenção perante partes com interesse económico, político ou outro” (Santos, 2006, p.85).

Contudo, um bom jornalista deve dar voz a todos, logo deve averiguar todas ou várias opiniões sobre o mesmo tema, apresentando as várias perspetivas. Isto permite também a comprovação dos factos transmitidos. Para atestar a veracidade das informações, há que cruzar a informação com várias fontes da mesma área. No caso de se verificarem opiniões muito diferentes, isto pode gerar um sentimento de desconfiança por parte do telespectador.

Frequentemente, descrevem-se os meios jornalísticos como reflexo da sociedade, que garantem a pluralidade de ideias. O jornalista verifica a exactidão do relatado e, com padrões e procedimentos profissionais, procura afiançar o relato do mundo [como ele é], como se fosse um espelho que produz a realidade. (Santos, 2003, p. 14)

O trabalho entre jornalistas e fontes de informação baseia-se numa cooperação, que permite ao jornalista retratar a sociedade tal como ela é, através de princípios que tem de respeitar.

No caso das fontes utilizadas no jornalismo de ambiente, estas que “estão do lado aparentemente bom do debate ambientalista têm uma vantagem suplementar, que facilita a sua relação privilegiada com os órgãos de comunicação social” (Garcia, 2004, p. 27). Ou seja, por exemplo as associações ambientais, que à partida não têm interesses económicos ou políticos nas mensagens que transmitem, acabam por ser consideradas, pelos jornalistas, fontes principais e encaradas com proximidade.

Após a recolha de informação pelo jornalista e a divulgação da notícia, começa a verificar-se uma intensificação da importância do tema. Logo, o “papel activo dos media enquanto agentes de promoção dos problemas científico-ambientais começa, desde logo, no lançamento e instalação dos temas” (Schmidt, 2008, p.87). Depois o fenómeno da *agenda-setting*, faz com que o tema apresentado pelo jornalista, se intensifique e chegue às preocupações públicas (Schmidt, 2008, p.88).

No caso do ambiente, como é uma temática que nem sempre gera consenso ou certezas, a divulgação do assunto pode ser precipitada e, muitas vezes, considerada uma incerteza científica pelos jornalistas. O que, de acordo com Allan e Carter (citado por Schmidt, 2008), pode levar à procura de outro tipo de fontes: “o desacordo e até oposição entre as opiniões dos cientistas sobre muitas questões ambientais retiraram uma certa dominância por parte da comunidade científica, levando os media a recorrer muitas vezes a outras fontes, eventualmente menos fiáveis, mas mais «decididas» ou «opinativas» relativamente à incerteza – aqueles que muitos cientistas denominam «pseudo-experts»”.

Capítulo 2. Jornalismo de Ambiente: Alterações climáticas e Televisão

No contexto do jornalismo de ambiente é importante definir o que representa o ambiente, de modo geral, perante a lei de um Estado para ajudar a entender a importância e destaque do tema nos meios de comunicação. Para tal, serão utilizados dados nacionais e internacionais, como é o caso das leis portuguesas e da União Europeia (U.E.).

De seguida, serão abordados temas como a importância da existência do jornalismo de ambiente e as normas de escrita utilizadas nesse contexto. O ceticismo que existe em torno da problemática das alterações climáticas, as pressões que são exercidas sobre os jornalistas para que tratem ou evitem determinado tema e os *framings* que são escolhidos para fornecer informação e elucidar o público são algumas das questões a ser discutidas.

2.1 Importância do jornalismo de ambiente

Atualmente, as temáticas ambientais estão na ordem do dia, mas não é desde sempre que o ambiente tem destaque nos meios de comunicação social. Nem é desde sempre, que o ambiente é uma prioridade política e/ou económica.

Este tema começou a ganhar relevância com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, no ano de 1986 e com as políticas a que se viu obrigado a cumprir para garantir a sua permanência na organização.

Antes deste período, os episódios que alcançavam maior cobertura jornalística eram as questões nucleares e as catástrofes naturais (entre 1957 e 1967), as cheias e as marés negras a partir de 1967, a crise energética de 1973/74 e em 1985, o acidente nuclear de Chernobyl, por exemplo. As lixeiras nucleares, o problema dos incêndios e a eucaliptização foram outros temas bastante noticiados (Schmidt, 2000, p.135).

A nível de conteúdo ambiental nacional, de acordo com Luísa Schmidt (citada por Campos, 2012) as notícias eram maioritariamente rurais e existia um grande controlo relativamente às notícias que eram publicadas. Exemplo disso é o caso do período pós-25 de Abril, onde o ambiente era uma temática abafada (Campos, 2012, p.14).

Somente com a intensificação das políticas internacionais é que o ambiente começa a tornar-se um assunto autónomo nos noticiários. De acordo com Schmidt, citado por Campos (2012), nos anos 80 os ambientalistas começam a ganhar voz e “surgiram novos temas nas notícias de ambiente, tais como os movimentos ecológicos, os estudos ecológicos, as tecnologias ambientais e a emergência do mercado verde”.

O surgimento do ambiente como ator constante nos noticiários deu-se a partir da década de 90, quando apareceram as secções de ambiente na rádio, na imprensa e nas televisões privadas, e foi também nessa altura que o jornalismo de ambiente se torna recetivo às notícias internacionais (Campos, 2012, p.14). Em 1992, ocorre a primeira Cimeira da Terra e a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, eventos com grande impacto a nível mundial e que reforçam a noticiabilidade dos temas ambientais de cariz internacional para o interesse público nacional (Campos 2012, p.14).

Neste sentido, a cobertura mediática que o ambiente começou a ter, trouxe inúmeras vantagens para a literacia ambiental da sociedade. “Os meios de comunicação cresceram para

desempenhar papéis vitais e variados na tradução (de informações, conceitos, desenvolvimentos, debates) entre comunidades, como a comunidade científica e o público”⁴ (Boykoff, 2011, p. 40).

Esta grande quantidade de novas informações e a introdução do jornalismo de ambiente trouxe consigo duas questões. O que distingue este jornalismo dos outros e o que realmente abrange, permitindo, assim, aprofundar a sua importância. Segundo Garcia (2004), este tipo de jornalismo não é muito diferente dos restantes:

Escrever sobre o ambiente não difere muito de escrever sobre política, economia, crime ou cultura. Os procedimentos básicos são os mesmos: a recolha do máximo de informações, a confrontação de diferentes opiniões, a busca do rigor informático, a objetividade possível – tudo isto orientado pela bússola do interesse público. (Garcia, 2004, p. 19)

Uma definição breve, que permite perceber que o jornalismo de ambiente se rege pelas mesmas bases que outras áreas do jornalismo e, que por isso, é um tema tão válido quanto os outros.

De uma forma geral, considera-se que a secção de ambiente inclui notícias cujos temas se referem “a alterações do meio em que vivemos” (Garcia, 2004, p. 19). Neste sentido, podem ser temáticas como as alterações climáticas, a água, a biodiversidade, o ordenamento do território, o ruído, etc. É evidente que, determinados temas, captam maior atenção por parte do público, sendo característica deste fenómeno a atualidade e a empatia que as notícias causam.

Não é sobre o ambiente em si que estamos a escrever, mas sobre retratos do ambiente, ou seja, sobre formas de observar, compreender e reagir às questões ambientais. Os jornalistas, na maior parte dos casos, agem em função das preocupações reinantes num dado momento. (Garcia, 2004, p. 21)

Isto é, existe uma oscilação sobre o interesse que é dado ao ambiente, variando consoante as preocupações da sociedade a cada momento. Presente deve estar sempre a ideia de que escrever sobre ambiente vai muito além de “reportar as mutações do planeta à medida que elas se vão materializando” (Garcia, 2004, p.20), porque o tema inclui tudo o que diz respeito às transformações do meio que nos envolve e pode abarcar temas desde a reciclagem até às

⁴ “Mass media grew to play vital and varied roles in translation (of information, concepts, developments, debates) between communities, such as the scientific community and the public” (tradução do autor).

construções em áreas protegidas, como às alterações climáticas (Garcia, 2004, p.19). Segundo Boyce & Lewis (2009):

As pesquisas neste campo enfatizam o papel desempenhado pelos meios de comunicação na definição da agenda de interesse público e debate político, além de enquadrarem como a questão é entendida. Isto levantou duas questões principais: primeiro, como as alterações climáticas são relatadas e, segundo, com que frequência elas são relatadas⁵.
(p.9)

Garcia (2004) identifica quatro características que acredita estarem presentes nas notícias de carácter ambiental. A primeira é a noção de risco onde “qualquer modificação no ambiente ou na gestão do ambiente envolve um efeito *a posteriori* – que pode ser intenso, modesto ou insignificante, positivo, negativo ou neutro. (...) nas transformações que podem aumentar ou diminuir um determinado risco” (Garcia, 2004, p. 21). Depois, os processos longos, que são fenómenos que demoram vários anos para se verificar e sobre os quais é mais complicado escrever, como por exemplo as alterações climáticas. Isto porque “a temperatura da Terra está a aumentar rapidamente. Mas a velocidade desta mudança mede-se em décadas ou séculos” (Garcia, 2004, p. 22). A incerteza científica é outra característica identificada, que se verifica em temas que os cientistas ainda desconhecem na sua plenitude ou que suscitam opiniões diferentes/contrárias. “É sobre este mar de indagações da ciência que flutua a nossa compreensão dos problemas ambientais e a forma como avaliamos o risco” (Garcia, 2004, p. 22). Por fim, a complexidade técnica, ou seja, os termos técnicos que explicam determinado problema ou que fazem parte de um processo de formação de um problema ambiental. Concretamente esta é uma característica que apresenta “a possibilidade de uma determinada circunstância vir a provocar algum dano que justifica uma notícia de ambiente” (Garcia, 2004, p. 23).

Através destas características ou critérios verifica-se a complexidade que implica escrever sobre ambiente, e que evidencia o importante papel do jornalista na descodificação da informação disponibilizada por cientistas, governantes e organizações não governamentais, que pode causar mal-entendidos se não for bem interpretada.

A forma como os media cobrem o problema e os vários fatores que moldam essa cobertura têm consequências importantes para a forma como as pessoas entendem as alterações

⁵ “Research in this field emphasizes the role played by the news media in setting the agenda for public concern and political debate, as well as framing how an issue is understood. This has raised two key issues: first, how is climate change reported and, second, how often is it reported” (tradução do autor).

climáticas e para como a sociedade lida com isso. Um entendimento impreciso pode levar a reações que são inconsistentes com a ciência e a realidade da situação⁶. (Boyce & Lewis, 2009, p. 29)

Partilhando da mesma opinião, Ball-Rokeach & DeFleur (citado por Boyce & Lewis, 2009) defendem que a sociedade só se consciencializa de um problema quando o vê: “a teoria da dependência afirma que a influência dos media na construção do significado depende de quão prontamente disponíveis são as experiências relevantes para o significado na vida quotidiana das pessoas”⁷ (p. 201). É por esse motivo que os meios de comunicação têm tanta importância na transmissão de realidades mais afastadas, pois a maioria das pessoas não tem experiências diárias com o aquecimento global.

Através do contacto com este tipo de informação é possível a sociedade construir ligações mentais entre ciência, política, ambiente e o seu dia a dia, sendo através dos meios de comunicação que a maioria dos indivíduos aprende sobre clima e alterações climáticas. Contudo, a importância da presença de espírito crítico é inegável, pois os media nem sempre são claros na informação que disponibilizam, o que pode “contribuir para debates ilusórios, enganadores e contra producentes sobre as dimensões críticas das questões climáticas, entre o público e as comunidades políticas”⁸ (Boykoff, 2011, p. 54).

⁶ “The way the media cover the issue, and various factors that work to shape this coverage, has important consequences for how people understand climate change and how society deals with it. Inaccurate understanding may lead to reactions that are inconsistent with the science and reality of the situation” (tradução do autor).

⁷ “The dependency theory states that the influence of the media in the construction of meaning is dependent on how readily available meaning-relevant experiences are in people’s everyday lives” (tradução do autor).

⁸ “contribute to ongoing illusory, misleading and counterproductive debates within the public and policy communities on critical dimensions of the climate issue” (tradução do autor).

2.2 Ponto de viragem no foco para as alterações climáticas

O problema das alterações climáticas só mais tarde começou a ter importância, enquanto subtema do ambiente. Esta situação verificou-se, sobretudo devido ao surgimento de vários acordos a nível mundial que foram ganhando relevância e espaço nos noticiários.

O Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) foi estabelecido em 1988, pelas Nações Unidas e a Organização Meteorológica Mundial “para analisar, sistematicamente, o conhecimento científico sobre as alterações climáticas e as suas potenciais consequências” (Garcia, 2004, p. 116). A principal missão do IPCC é “coligir, organizar e interpretar o que a comunidade científica, com as suas experiências e modelos matemáticos, produz sobre o assunto, nos quatro cantos do planeta” (Garcia, 2004, p. 116).

A Convenção-Quadro das Alterações Climáticas foi adotada por 180 países, na Cimeira da Terra, em 1992 na cidade do Rio de Janeiro. Esta Convenção começou a vigorar no ano de 1994, onde “ainda havia muitas dúvidas sobre a influência humana na subida do termómetro da Terra” (Garcia, 2004, p. 120).

“O principal objectivo desse acordo é conseguir estabilizar as concentrações (não as emissões) de gases com efeito de estufa na atmosfera a um nível que impeça uma interferência antropogénica [ou seja, humana] perigosa sobre o sistema climático” (Garcia, 2004, p. 120). Neste sentido, a Convenção promove a tomada de medidas, por parte dos países, para que as causas das alterações climáticas sejam reduzidas e não se deixem avançar as suas consequências.

É importante salientar que os países mais desenvolvidos têm uma responsabilidade maior para com esta causa, uma vez que têm sido estes a causar o aumento da concentração de gases com efeito de estufa. Este fenómeno foi resultado da intensa utilização de combustíveis fósseis e da destruição de florestas desde a Revolução Industrial (Garcia, 2004, p. 121).

O Protocolo de Quioto, assinado no ano de 1997, é outro marco na História das alterações climáticas. Este surgiu da necessidade de reforçar os objetivos da Convenção-Quadro, estando “condicionado aos seus princípios básicos, como o de que os países industrializados devem dar o primeiro passo para prevenir o aquecimento acelerado do planeta e ajudar as nações mais pobres a adaptarem-se aos efeitos das alterações climáticas e a desenvolverem-se com base em tecnologias mais limpas e menos poluidoras” (Garcia, 2004, p. 121).

Este Protocolo obriga 25 países (15 deles fazem parte da U.E.) a “limitar ou reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa”, sendo que os objetivos são diferentes para cada país (Garcia, 2004, p. 121). Em 2001 os EUA desvincularam-se do acordo, desresponsabilizando-se do cumprimento das medidas que o Protocolo propõe.

Mais recentemente, na História das *climate changes*, ocorreu a Cúpula da Ação Climática, a 23 de setembro de 2019 em Nova Iorque com líderes de vários países. O Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, “planeou melhorar as contribuições nacionais determinadas até 2020, em linha com a redução de 45% das emissões de gases de efeito estufa na próxima década e reduzir as emissões a zero até 2050”⁹ (United Nations, s.d.).

Com início a dia 2 de dezembro de 2019, até dia 13 do mesmo mês, decorreu a 25ª Conferência das Partes (COP) da Convenção sobre Mudança (UNFCCC) em Madrid (ONU News, 2019). Esta Convenção teve como principal objetivo fazer os últimos ajustes da operacionalização do Acordo de Paris, assinado em 2014 na COP24, por esse motivo focaram-se nas políticas ambientais dos vários países, os quais tinham de reformular os planos de ação climática e apresentá-los em 2020 (United Nations Climate Change, 2019). A COP26, que se iria realizar em novembro de 2020, foi adiada para o próximo ano em Glasgow, devido à Covid-19 (United Nations Climate Change, 2020).

As alterações climáticas começaram a ser consideradas um problema social a nível mundial durante os anos 80 (Balbé, 2018).

Foram notícia de primeira página no final dos anos 1980, quando o tema começou a sair do círculo académico para entrar no domínio das preocupações públicas, ressurgiram depois em 1992, durante a Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro, voltaram aos noticiários em 1997, com a assinatura do Protocolo de Quioto e mais recentemente, em 2000/2001, emergiram mais uma vez, com as negociações finais sobre o funcionamento desse acordo internacional. (Garcia, 2004, p. 113)

Boykoff (2011) reforça a ideia anterior, mas estabelece uma ponte com a atualidade, afirmando que “antes dos anos 80, as notícias sobre alterações climáticas ou aquecimento global eram esporádicas, comparando com a cobertura mediática que existe atualmente em várias regiões do mundo”¹⁰ (p. 30).

Atualmente, esta maior cobertura deve-se, em parte, à exploração de uma das principais causas das alterações climáticas, que consiste no conceito de *anthropogenic climate changes* (alterações climáticas antropogénicas). Significa isto que a grande maioria das consequências das alterações climáticas são provocadas pelas ações humanas. “Primeiro, a mudança climática

⁹ “...plans to enhance their nationally determined contributions by 2020, in line with reducing greenhouse gas emissions by 45 per cent over the next decade, and to net zero emissions by 2050” (tradução do autor).

¹⁰ “Before the late 1980s, media portrayals of climate change or global warming were sporadic, compared to the amount of coverage in most regions around the world today” (tradução do autor).

antropogénica é a ameaça verificável mais significativa que a humanidade enfrenta no século XXI, com o potencial de levar à morte, causar doenças e extinção numa escala alarmante”¹¹ (Boyce & Lewis, 2009, p. 3).

Na prática, o fator antropogénico provém das consequências negativas do consumismo. “As alterações climáticas são, afinal, um problema criado em parte pelo fenómeno compre agora, pense depois”¹² (Boyce & Lewis, 2009, p. 5). A tecnologia é feita para durar pouco tempo, devido à sua estética e resistência. Os aparelhos têm uma duração de vida curta e por isso, como o capitalismo é incentivado, o fenómeno de produção em massa prejudica o ambiente.

O consumismo prolifera nos países ocidentais, mas são os países menos desenvolvidos que acabam por sofrer as consequências mais graves desse comportamento. “A localização da maioria dos aterros da era digital segue um padrão estabelecido no século XIX, com as regiões mais ricas a usar as mais pobres como depósito de lixo eletrónico nocivo”¹³ (Boyce & Lewis, 2009, p. 26).

Com o foco centrado nas alterações climáticas, o principal objetivo da mensagem veiculada pelos meios de comunicação já não será tanto o da consciencialização, mas sim o da procura de soluções para o problema. “O problema das alterações climáticas agora parece estar implementado na agenda mediática e na consciência do público. A validade das afirmações científicas já não são um problema: o debate agora é sobre como o problema pode ser solucionado”¹⁴ (Boyce & Lewis, 2009, p. 39).

¹¹ “First, anthropogenic climate change is the most significant verifiable threat facing humankind in the twenty-first century, with the potencial to create death, disease, and extinction on an alarming scale” _ (tradução do autor).

¹² “Climate change is, after all, a problem created partly by a buy now, think later” _ (tradução do autor).

¹³ “The location of most digital-age landfills follows a pattern set in the nineteenth century, with the richest regions using the poorest as dumping grounds for noxious electronic junk” _ (tradução do autor).

¹⁴ “The issue of climate change now appears to be well established in the news media’s agenda and the public consciousness. No longer is the validity of scientific claims a major issue; the debate has largely moved on to how the problem can be solved” _ (tradução do autor).

2.3 A transmissão das mensagens sobre alterações climáticas

Segundo o relatório da Reuters (2019), a televisão continua a ser o meio de comunicação mais utilizado no que toca à procura de informação por parte da sociedade.

Em termos de fontes noticiosas, e em termos de utilização em geral, observa-se o prolongamento da importância da televisão e de Internet enquanto fontes noticiosas. No entanto, a primeira continua a exercer a sua primazia face à segunda em termos de utilização enquanto principal fonte de notícias (58% face a 30,9%, respetivamente, em 2019). (Cardoso, Paisana, & Pinto-Martinho, 2019, p. 30)

Neste sentido, a televisão parece ser o meio de eleição do público para interligar a realidade de cada um com a ciência, a política, a economia e outras áreas. Será uma forma de ajudar a sociedade a conhecer e interpretar melhor os problemas que a rodeiam.

“As mensagens dos media são contribuições críticas para o que se torna o discurso público sobre os desafios climáticos dos dias de hoje”¹⁵ (Boykoff, 2011, p. 3). É, de facto, a informação que consumimos através dos meios de comunicação, que utilizamos para debater com os que nos rodeiam. Porém, não podemos esquecer que o ponto de partida desta cadeia informativa é o trabalho dos jornalistas na recolha e interpretação das informações.

Sendo o ambiente um tema dominado apenas por alguns jornalistas, mas que muitas vezes é escrito pelos que não têm bases teóricas sobre alterações climáticas, acaba-se por transcrever as gírias dos cientistas, assumindo que a população conseguirá traduzir a informação por si. Por consequência a informação pertinente, fica abafada pelos termos especializados que são utilizados para particularizar os mais variados conceitos.

Os jornalistas procuram selecionar os conteúdos mais surpreendentes para as notícias, uma vez que facilita a construção de histórias e segue as normas jornalísticas da dramatização. Este procedimento é considerado por Boykoff (2011) importante para as representações das alterações climáticas, pois promove o imediato e o espetacular das histórias, retirando o foco das questões mais ténues ou problemáticas da esfera pública (p. 104).

De acordo com Ungar, citado por Boykoff (2011) “...narrativas, acontecimentos, estudos ou desenvolvimentos que não contenham elementos concretos de controvérsia ou provocação,

¹⁵ “... media messages are critical inputs to what becomes public discourse on today’s climate challenges”
(tradução do autor).

podem ser considerados menos noticiáveis, do que histórias tentadoras ou dramáticas sobre o clima”¹⁶.

São, também, as imagens chocantes e sensacionalistas que acabam por atrair maior atenção por parte das audiências. Contudo, há um cuidado a ter sempre na seleção de imagens para se evitar a negação ou apatia na sociedade, e assim evitar gerar sentimentos desagradáveis (Boykoff, 2011, p. 17).

Iyengar (citado por Boyce & Lewis, 2009) refere e distingue duas formas comuns de transmitir e perceber a informação sobre situações de catástrofe: “o foco em episódios esporádicos enfatiza um caso, individual ou uma ocorrência específica, tal como quando o aquecimento global é discutido em termos de uma inundação que arruína a casa de uma mulher. Quando as questões são apresentadas através de um episódio isolado, o público está inclinado a atribuir as responsabilidades a um indivíduo. Focos temáticos retratam questões num contexto mais amplo, tal como quando as alterações climáticas são discutidas em termos de efeitos económicos globais; o público estará mais inclinado a atribuir as responsabilidades às estruturas gerais”¹⁷.

A informação pode ser, assim, selecionada consoante alguns aspetos reais, depois é tratada de forma a enfatizar apenas uma parte da história e são esses fatores que acabam por promover e definir o problema para o público (Boyce & Lewis, 2009, p. 202) Daí a importância de se perceber quem tem autoridade e/ou conhecimento para abordar as questões climáticas.

Nesse sentido, há que estar alerta para o risco de se confiar em adulteradores da informação, tal como são apresentados por Boykoff (2011), em vez de especialistas, porque estas são fontes de informação distintas. Os jornalistas podem cair no erro de dar voz às fontes adulteradoras e a informação transmitida não ter rigor científico, porque foi obtida através de fontes não oficiais da internet (p.59).

Segundo, Thomas Lowe and Irene Lorenzoni (citado por Boykoff, 2011) foi definido um conceito, sobre quem tem capacidade para falar sobre o tema, resultando na seguinte definição: “indivíduos que, ao se terem especializado na sua área de trabalho ou pesquisa, têm um amplo

¹⁶ “narratives, events, studies or developments that do not contain clear elements of controversy and provocation may be deemed less newsworthy than a tantalizing and dramatic climate story” _(tradução do autor).

¹⁷ “Episodic frames emphasize one specific case, individual, or occurrence such as when global warming is discussed in terms of a flood ruining a woman’s house. When issues are presented through an episodic frame, the public is inclined to place responsibility on an individual. Thematic frames depict issues in a broader context such as when climate change is discussed in terms of its global economic effects; the public will be more inclined to place responsibility on general structures” _(tradução do autor).

conhecimento sobre a problemática das alterações climáticas demonstrado através do envolvimento em projetos e publicações internacionais”¹⁸ (p. 60).

Um dos grandes desafios de informar sobre as alterações climáticas é conseguir lidar com as incertezas que o tema abarca. Wynne (citador por Boykoff, 2011) definiu 4 tipos de incerteza, sendo eles:

“Risco - onde sabemos que as probabilidades, o comportamento e os resultados do sistema podem ser definidos e quantificados através de probabilidades.

Incerteza - onde os parâmetros do sistema são conhecidos, mas não as vantagens, nem as distribuições de probabilidades.

Ignorância - riscos que escapam ao reconhecimento.

Indeterminação - cruza-se com os três tipos anteriores e captura elementos que condicionam o conhecimento e outros fatores científicos, sociais e políticos contextuais”¹⁹.

Para combater as incertezas a pesquisa é a melhor opção. Por outro lado, Peter Weingart (citado por Boykoff, 2011) defende que “os média têm tendência a traduzir hipóteses em certezas”²⁰. Ou seja, devido ao ritmo de trabalho a que todos os meios e, particularmente a televisão, estão sujeitos, os jornalistas podem acabar por subestimar a incerteza, divulgando a notícia como se já fosse um dado certo. O que advém dessa opção é que pode ter um impacto negativo no público, fazendo com que este não acredite no que é apresentado.

No entanto,

a incerteza continua a ser uma característica inerente à política e investigação científica contemporânea, bem como à tomada de decisões quotidiana. (...) As representações da incerteza nos média têm o potencial de informar um conjunto de alternativas para a ação individual e coletiva sobre as alterações climáticas²¹. (Boykoff, 2011, p. 64)

¹⁸ “...individuals who, having specialised in their particular area of work or research, had extensive knowledge of wider climate-change issues demonstrated through involvement in climate change-related projects and international publications” _(tradução do autor).

¹⁹ “Risk – where we know the odds, system behaviour and outcomes can be defined as well as quantified through probabilities. Uncertainty – where system parameters are known, but not the odds or probability distributions. Ignorance – risks that escape recognition. Indeterminacy – this intersects with the previous three kinds and captures elements of the conditionality of knowledge and other contextual scientific, social and political factors” _(tradução do autor).

²⁰ “...media... tend to translate hypotheses into certainties” _(tradução do autor).

²¹ “Uncertainty remain an inherent feature of contemporary scientific inquiry and policy as well as everyday decision-making. (...) Media representations of uncertainty have the potential to inform a set of alternatives for individual as well as collective action on climate change” _(tradução do autor).

Como hoje as alterações climáticas já fazem parte da agenda mediática, existe a possibilidade de influenciar quem tem uma palavra a dizer sobre o tema (Boykoff, 2011, p. 76). Contudo, para ser um tema incluído na agenda mediática está sujeito à influência direta ou indireta da ciência e da política, ainda que cada um o faça à sua maneira e com uma linguagem específica.

Dentro da linguagem reside o poder de comunicar, ou não, efetivamente. No entanto, as diferenças linguísticas usadas entre ciência, política, meios de comunicação e sociedade civil podem inevitavelmente impedir os esforços para tornar as alterações climáticas - ou qualquer outra questão - significativas na sociedade²². (Boykoff, 2011, p. 70)

Quando a informação é dada pelos cientistas é apresentada com inúmeros conceitos especializados e transmitida de forma complexa, o que é logo uma barreira ao entendimento da sociedade (Boykoff, 2011, p. 70). Esta divergência de conceitos e entendimentos pode causar desinteresse por parte das audiências e contribuir para um ciclo vicioso e um desinteresse dos cientistas em explicar as matérias.

Muitos cientistas simplesmente subestimaram a importância dos esforços de comunicação em relação a outros deveres e responsabilidades profissionais. No entanto, essa falta de vontade tem impactos negativos no entendimento do público quando aqueles que se afastam do envolvimento dos média são as comunidades de especialistas relevantes que são mais capazes de fornecer comentários úteis e informados²³. (Boykoff, 2011, p. 71)

Este ciclo vicioso pode tornar-se num grande problema para a informação, pois os jornalistas precisam de obter conteúdo e, se não o conseguirem através dos cientistas, certamente irão procurá-la noutro lado, ainda que com menos rigor científico (Boykoff, 2011, p. 71).

De acordo com Olson, citado por Boykoff (2011) tem de existir consistência na informação que é dada e isso traduz-se em "...transmitir uma grande quantidade de informações usando o menor número possível de etapas, palavras ou imagens ou qualquer que seja o modo de

²² "Within language resides the power to effectively (mis)communicate. However, differences in language use between science, policy, media and civil society can unavoidably impede efforts to make climate change – or any other issue – meaningful in society" _(tradução do autor).

²³ "Many scientists have simply undervalued the importance of communication efforts in relation to other professional duties and responsibilities. Yet such unwillingness has detrimental impacts on public understanding when those recoiling from media engagement are the relevant expert communities who are most capable of providing useful and informed commentary" _(tradução do autor).

comunicação (...) é algo belo que pode projetar uma complexidade ilimitada”²⁴. Só assim a sociedade consegue compreender as alterações climáticas, sem que existam termos muito complexos e indecifráveis.

Um problema que surgiu com a entrada deste tema no *agenda-setting* foram as pressões que os jornalistas passaram a sofrer. Muitas organizações ambientais e até mesmo políticos ou empresas privadas começaram a exercer pressão sobre a forma como as alterações climáticas devem ou não ser expostas nos meios de comunicação social, pois viram os seus interesses ameaçados. Era também muito comum, que os cientistas mais céticos (tema abordado no próximo sub-capítulo) fossem apoiados por algumas organizações contra a defesa ambiental, de forma a terem uma contra argumentação, aparentemente, mais válida (Boyce & Lewis, 2009, p. 82).

A forma mais fácil de exercerem pressão é através da partilha de pontos de vista nos média e assim as várias entidades conseguiam controlar o rumo das informações que eram partilhadas (Boyce & Lewis, 2009, p. 31).

Nisbet e Mooney (citado por Boykoff, 2011) reforçam a ideia anterior, onde vários atores “individuais e coletivos - procuram aceder aos meios de comunicação para moldar as percepções de várias questões climáticas dependentes das suas perspectivas e interesses”²⁵.

A pressão, aliada a algumas normas de escrita a que os jornalistas estão sujeitos, acabam por limitar a forma como as notícias sobre alterações climáticas são transmitidas e compreendidas:

Examinar a aplicação das normas jornalísticas ao relatar as alterações climáticas, portanto, requer uma perspetiva crítica que reconheça o contexto das instituições e interesses que afetam e tendem a definir os limites do trabalho dos jornalistas. Em vez de operar simplesmente como princípios que facilitam a independência dos trabalhadores dos meios de comunicação, as normas jornalísticas tendem a ser moldadas por esses contextos institucionais dominantes, geralmente por meio de suposições e valores internalizados, e invocadas como um tipo de estratégia de defesa para isolar a cobertura das críticas reais e potenciais²⁶. (Boyce & Lewis, 2009, p. 100)

²⁴ “...conveying a great deal of information using the fewest possible steps or words or images or whatever the mode of communications is... it is a thing of beauty that can project infinite complexity” _(tradução do autor).

²⁵ “...both individuals and collectively – seek to access and utilize mass-media sources in order to shape perceptions of various climate issues contingent on their perspectives and interests” _(tradução do autor).

²⁶ “Examining the application of journalistic norms in reporting climate change, then, requires a critical perspective that acknowledges the context of the institutions and interests that impinge on and tend to define the limits of journalists work. Rather than operating simply as free-floating principles that facilitate media workers

Conjugando os fatores acima apresentados, com a luta pelo espaço de destaque num noticiário, verifica-se que os jornalistas de ambiente se tornam muito competitivos, principalmente quando têm de se destacar contra áreas como o futebol, a educação, a saúde e o terrorismo (Boykoff, 2011, p. 105). Manter as alterações climáticas no foco dos meios de comunicação não é fácil, pois, como explicado anteriormente, é um tema complexo e lento, devido aos anos necessários para se obterem conclusões fiáveis e se observarem efeitos reais do problema. Logo, se um tema para se destacar requer que existam desenvolvimentos e atualizações constantes, o ambiente torna-se um desafio de relatar para os jornalistas.

independence, journalistic norms tend to be moulded by these dominant institutional contexts, often through internalized assumptions and values, and invoked as a kind of defence strategy to insulate coverage from actual and potential criticism” (tradução do autor).

2.4 O ceticismo que paira em torno do tema

Uma problemática associada à noticiabilidade das alterações climáticas é que estas estão acompanhadas de algum ceticismo. Isto porque, não é um tema que gera concordância entre a comunidade científica ou mesmo a restante camada da sociedade.

Normalmente, este ceticismo reflete-se no facto de os indivíduos desacreditarem que algo de perigoso está a acontecer ao planeta, gerando confusão e diferentes posições. O que, diretamente, influencia a forma como esses indivíduos encaram as notícias ambientais. De acordo com Peter Jacques, Riley Dunlap and Mark Freeman, citado por Boykoff (2011) “o termo cético é mais comum ser invocado para descrever alguém que nega a seriedade de um problema ambiental, descarta evidências científicas que mostram o problema, questiona a importância e a sabedoria das políticas reguladoras para resolvê-los e considera que a proteção e o progresso ambiental são metas de competição”²⁷.

Para contornar esta situação, não é a intensificação de notícias sobre o tema que pode fazer a diferença. A solução está, sim, num aumento da literacia científica, que esclarece onde e como realmente as alterações climáticas estão a ocorrer (Boykoff, 2011, p. 165). Isto porque, a sociedade tem uma grande falha de informação sobre o tema e necessita que os especialistas apresentem os seus fundamentos e que exista um consenso por parte da comunidade científica.

Tal como reforçam os autores Boyce e Lewis,

De acordo com os recentes relatórios do IPCC, onde a maioria dos cientistas do mundo concordam que as alterações climáticas antropogénicas representam ameaças terríveis para o futuro da vida e do planeta como o conhecemos, o tempo para o ceticismo e negação já passou há muito tempo²⁸. (Boyce & Lewis, 2009, p. ix)

É evidente que os jornalistas têm um papel fundamental no combate a este ceticismo através da disseminação de informação. No entanto, têm um papel difícil quanto à forma de trabalhar as alterações climáticas, uma vez que são obrigados a apresentar as várias visões científicas sobre o problema e isso pode levar à confusão e desacreditação, por parte do público.

²⁷ “...the term ‘sceptic’ has been most commonly invoked to describe someone who denies the seriousness of an environmental problem, dismisses scientific evidence showing the problem, questions the importance and wisdom of regulatory policies to address them, and considers environmental protection and progress to be competing goals” (tradução do autor).

²⁸ “Following recent IPCC reports, in which the vast majority of the world’s scientists agree that anthropogenic climate change poses dire threats to the future of life and the planet as we know it, the time for scepticism and denial has long passed” (tradução do autor).

Os meios noticiosos estão frequentemente encarregues de enfatizar controvérsias e incertezas científicas e de dar peso indevido à minoria que discute as origens antropogénicas das alterações climáticas. Isto deve-se em parte ao princípio jornalístico de equilíbrio, em que peso igual é sempre dado a pontos de vista opostos²⁹. (Boyce & Lewis, 2009, p. 31)

Por isso, a incerteza que se gera pode ser explicada pela diversidade contraditória de informação que é apresentada pelos meios de comunicação e pelas pesquisas que são divulgadas sem estarem terminadas (Boyce & Lewis, 2009, p. 32). No entanto, as incertezas não devem ser sempre evidenciadas, mas também não podem ser excluídas por completo. Há que trabalhá-las de forma cuidada, deixando explícito ao público que, pelo menos, é claro na comunidade científica que as alterações climáticas têm tanto de causas naturais como humanas.

Estudos realizados à imprensa dos Estados Unidos da América verificam que existe um elevado nível de controvérsia em relação às alterações climáticas, uma vez que não é divulgado um consenso adequado por parte da comunidade científica. A responsabilidade deste cenário, em parte, é dos jornalistas, que quando se regem pelo critério da objetividade, também têm de mencionar as opiniões científicas que discordam das alterações climáticas (Boyce & Lewis, 2009, p. 80). Segundo Boykoff e Boykoff & Rajan (citado por Boyce & Lewis, 2009): “a imprensa dos EUA concentrou-se mais na controvérsia em torno das alterações climáticas antropogénicas. Equilibrando as diferentes visões sobre as alterações climáticas e dando a mesma atenção aos defensores das alterações climáticas (cientistas que acreditam nas alterações climáticas antropogénicas e defendem que devem ser tomadas medidas imediatas), quanto aos céticos (aqueles que acreditam que as alterações climáticas são uma flutuação natural e acham que as ações devem ser voluntárias), a imprensa dos EUA dá a impressão de que ainda há muita incerteza, apesar do amplo consenso científico sobre o aquecimento global antropogénico. A contradição no relatório leva, portanto, a uma dualidade. A ênfase na incerteza também pode ser encontrada em alguns jornais britânicos, mas é menos proeminente do que nos EUA”³⁰ (p. 204).

²⁹ “News media are often charged with emphasizing scientific controversy and uncertainty, and giving undue weight to the minority who dispute the anthropogenic origins of climate change. This partly arises from the journalistic tenet of balance, where equal weight is always given to opposing viewpoints” (tradução do autor).

³⁰ “The US press focused more on the controversy surrounding anthropogenic climate change. By balancing out the different views on climate change and by giving equal attention to climate change defenders (scientists who believe in anthropogenic climate change and think immediate action should be undertaken) as to climate change sceptics (those who believe climate change is a natural fluctuation and think that actions should be voluntary), the US press gives the impression that there is still a lot of uncertainty despite the broad scientific consensus concerning anthropogenic global warming. The balance in the reporting, therefore, leads to a bias. The emphasis on uncertainty can be found in some British newspapers as well but is less prominent than in the US” (tradução do autor).

Em comparação, a imprensa europeia, parece ter esta situação mais controlada, pois existe um menor fluxo de notícias sobre alterações climáticas. Logo, a informação é mais cautelosa e não se gera tanta incerteza perante a informação científica apresentada (Boyce & Lewis, 2009, p. 204). Contudo, mesmo entre os países europeus existem diferenças. Por exemplo, entre a Suécia e o Reino Unido, o primeiro país tem uma cobertura mediática voltada para a ação no combate às alterações climáticas, enquanto que o segundo apresenta pouca cobertura, estando o tema muito atrás de outras temáticas como a educação e saúde (Boykoff, 2011, p. 10).

Se as alterações climáticas não gerassem tanta incerteza e posições diversas por parte da sociedade, não teria uma duração tão extensa nos meios de comunicação social (Boyce & Lewis, 2009, p. 81). Num espaço que é tão limitado e onde a atenção das audiências é tão volátil, se as alterações climáticas fossem transmitidas como uma verdade absoluta, rapidamente deixariam de fazer parte da agenda mediática.

Capítulo 3. TVI – Televisão Independente

Tendo o estágio sido realizado na TVI é necessário contextualizar a história do canal televisivo, os principais programas de informação (*Diário da Manhã, Esta Manhã, Jornal da 1 e Jornal das 8*), a posição do canal em relação a outros canais genéricos e a estrutura da redação, antes de apresentar o meu percurso no estágio.

3.1 Empresa e audiências

A TVI, conhecida por muitos como o canal “Quatro”, surgiu como um projeto ligado à Igreja Católica e iniciou as suas emissões regulares a 20 de fevereiro de 1993 (Martins, 2006, p. 92), tornando-se o segundo canal privado do país. Cinco anos mais tarde, entre 1998 e 1999 a maioria do capital da TVI foi adquirido pelo grupo Media Capital, anteriormente denominado de Soci, liderado por Miguel Paes do Amaral, ficando, em 2001, o negócio consolidado com a totalidade da empresa (MediaCapital, 2019a). O ano de 2004 tornou-se marcante para o Grupo, uma vez que se assinalou a entrada da empresa para a bolsa. No ano seguinte, o Grupo Prisa passou a ter a gestão executiva da Media Capital e em 2007 já tinha quase todo o capital da empresa (MediaCapital, 2019a).

Atualmente, a TVI faz parte do grupo juntamente com a “TVI24, TVI Ficção, TVI *Reality*, TVI África e TVI Internacional chegando a mais de 10 milhões de falantes de português em todo o mundo através da sua informação, entretenimento e ficção” (MediaCapital, 2019). O canal genérico português liderou a média de audiências durante 14 anos consecutivos (ver anexo 1) e, no mesmo período, de 2005 até 2018, a TVI teve uma percentagem anual de *share* superior aos outros canais generalistas do país (ver anexo 2).

Com base no mais recente relatório da ERC verificamos que, em 2019, a TVI foi o segundo canal generalista livre mais visto (15.6%), que “perdeu a liderança das audiências, com uma queda de 4,3 p.p. de *share* face a 2018,” para a SIC (ERC, 2020, p. 117). “Em termos de audiências de internet dos *sites* dos grupos de média, o site de televisão da TVI destacou-se com o maior *reach*” (ERC, 2020, p. q). No ano de 2021, a média anual de *share* da TVI representa o segundo lugar do *top 30 canais (shr%)*, com 16,88%, enquanto que a SIC tem 19,22% de *share* (CAEM/GfK, 2020). Ao longo de 2020 o canal apostou na qualidade e terminou o ano com 16,90% de *share*, o melhor resultado do ano (CAEM/GfK, 2020).

De acordo com a figura 1 verificamos que em 2019 os serviços noticiosos ocuparam 54,2% (ultrapassando o tempo dedicado às telenovelas “com um incremento de cerca de 13 pontos

percentuais face ao ano anterior”), as telenovelas ocuparam 24,5% e o concurso/jogo ocupou 8,3% (que “substitui os *reality shows* nesta posição”) do horário nobre (ERC, 2020, p. 426). Os restantes 13% correspondem a outros géneros televisivos, de carácter residual, daí não estarem identificados. É evidente que neste “intervalo temporal, são apenas duas as funções da programação: informar (55,8 %) e entreter (44,2 %). Quando comparadas as percentagens com o ano de 2018, verificamos uma “inversão das posições destas funções neste período horário, com uma significativa subida da duração da primeira, de cerca de 15 %, e uma igualmente significativa descida da função entreter (cerca de 16 pontos percentuais)” (ERC, 2020, p. 426).

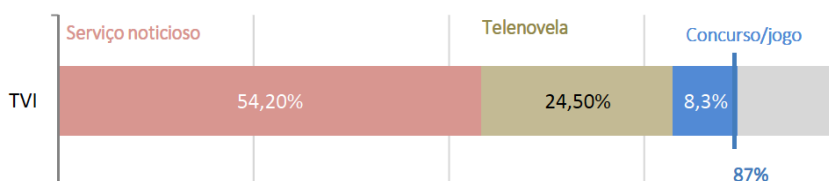


Figura 1 - Géneros televisivos dominantes (duração) no horário nobre (20h e 23h), por serviço de programas em 2019

Uma vez que os géneros predominantes em horário nobre “são serviço noticioso, telenovela e concurso/jogo”, que correspondem a 87% do serviço de programas, a diversidade de programação que, à partida, deveria existir neste período de tempo pode ser criticada no canal (ERC, 2020, p. ee).

Relativamente aos espaços informativos, a TVI é composta por quatro programas: *Diário da Manhã*, *Esta Manhã*, *Jornal da 1* e *Jornal das 8*. O *Diário da Manhã* é transmitido de segunda a domingo e é apresentado pelo jornalista Pedro Carvalhas. É o programa informativo que decorre entre as 6h30m e as 7h e apresenta uma síntese da informação. O *Esta Manhã* é o mais recente programa informativo, que decorre entre as 7h e as 10h da manhã de segunda a sexta-feira. A primeira emissão ocorreu a 1 de fevereiro de 2021 e é apresentado pela dupla Nuno Eiró e Iva Domingues, juntamente com os jornalistas Sara Sousa Pinto, Pedro Carvalhas e Susana Pinto. O programa conjuga toda a informação nacional e internacional com o entretenimento, através de rúbricas que contam com diversos convidados. O *Jornal da 1* decorre entre as 13h e as 14h30m, de segunda a domingo e pretende transmitir as principais notícias do dia. Os pivôs podem sofrer alterações, mas por norma o programa é apresentado, alternadamente, por Lurdes Baeta, Sara Pinto, João Fernando Ramos e Rita Rodrigues. Por último, o *Jornal das 8*, conhecido por *Jornal Nacional* até 2011, é apresentado diariamente por José Alberto Carvalho ou Pedro Mourinho, entre as 20h e as 21h30m, e é o principal noticiário da TVI. Aos domingos o *Jornal das 8* conta com o comentário semanal de Paulo Portas no espaço *Global*.

A redação de informação da TVI está dividida por dois pisos no edifício, onde editores e jornalistas trabalham todos juntos, numa zona ampla, mas que está dividida por grupos de secretárias que correspondem a cada editoria: desporto, economia, internacional, política e sociedade, mais o digital, que representa o *site* da TVI24 (canal informativo da TVI) e o *desk* (ponte de comunicação entre o site e a TVI24).

Aquando da primeira parte do estágio, realizado na editoria de sociedade, a Direção de informação não corresponde à atual e os editores responsáveis pela editoria eram o Francisco Prates e a Lurdes Baeta, que orientavam o trabalho dos jornalistas, relativamente ao que pretendiam para as reportagens e estruturavam a ordem das peças nos Jornais diários, por exemplo. Com a nova Direção, os editores responsáveis passaram a ser os identificados na figura 2.



Figura 2 – Estrutura dos Editores de informação da TVI/TVI24 a partir de 1 de setembro de 2020

O digital, que foi um dos locais onde decorreu a segunda parte do estágio, tem como coordenadora Paula Oliveira, que também foi a minha orientadora de estágio da TVI. Os editores do *site* estão responsáveis pela edição durante uma semana, portanto existe uma rotação semanal e são distribuídos pelo turno da manhã e da tarde.

As alterações na Direção trouxeram um novo Diretor Geral de informação para o canal: Anselmo Crespo, que iniciou funções a 1 de setembro de 2020. A figura 3 representa um esquema da estrutura da atual Direção de informação da TVI e TVI24.

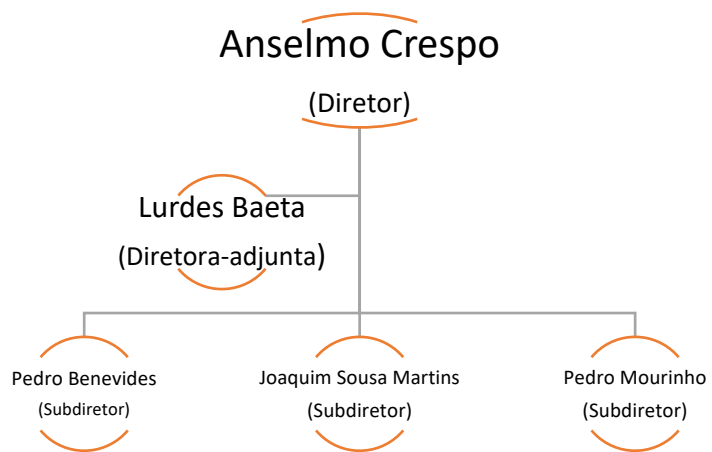


Figura 3 – Estrutura da Direção de informação da TVI/TVI24 a partir de 1 de setembro de 2020

3.2 Estágio

Antes de iniciar o meu estágio, já sabia que iria para a redação, mas faltava descobrir em que editoria iria ser colocada. A minha entrevista foi realizada pela Rita Branco dos Recursos Humanos dia 25 de novembro de 2019, que me explicou, genericamente, como funcionaria o estágio, questionou curiosidades sobre mim, o porquê de ter interesse em estagiar na TVI e, por último, pediu-me que lhe enviasse alguns textos que até à data eu tivesse escrito.

Três meses mais tarde, no dia 17 de fevereiro de 2020, pelas 10h da manhã dirigi-me, oficialmente como estagiária, para a TVI e tive conhecimento de que iria para a editoria de sociedade. Desde a entrevista até à confirmação do estágio, que ocorreu no dia 13 de fevereiro, foi um período longo de ansiedade, uma vez que a TVI estava a ultrapassar um período decisivo quanto à sua possível compra e a regulamentação dos estágios estava atrasada.

A acrescentar a toda a ansiedade que tinha sentido antes da confirmação do estágio, um mês depois do seu início o sentimento regressou. O estágio foi suspenso por período indeterminado no final do dia 12 de março, devido à “chegada” da Covid-19 a Portugal. Depois de uma quarentena obrigatória e um Estado de Emergência nacional, só no dia 29 de junho consegui entrar em contacto com os Recursos Humanos da TVI para definirmos que, em setembro, iria regressar para terminar as 8 semanas de estágio que faltavam.

3.2.1 Integração na redação - I parte do estágio

No meu primeiro dia de estágio, cheguei um pouco mais cedo da hora combinada e fui logo recebida, juntamente com outro colega de turma, pela Rita Branco. Fomos encaminhados à sala de Recursos Humanos para tratar da burocracia necessária para a oficialização do estágio e recolher o cartão de acesso às instalações da TVI. Eram 10h10m quando fomos levados à nossa futura área de trabalho.

Durante a primeira parte do estágio, a editoria de sociedade encontrava-se no centro do piso inferior da redação da TVI, junto à editoria de política e justiça. Fui apresentada ao meu primeiro orientador de estágio, Francisco Prates, um dos editores da redação e definimos logo o meu horário. Era um horário flexível, de acordo com as atividades que eu estivesse a realizar, mas seria de segunda a sexta-feira das 9h ou 10h até às 17h, até porque a maioria das saídas em reportagem estão agendadas para as 9h.

Para me ambientar às instalações, o meu orientador pediu a outra estagiária da editoria (que estava lá há algum tempo) que me fizesse uma visita guiada aos principais locais, enquanto ele

pedia à informática os meus dados de acesso à plataforma *INews*. Através dessa plataforma pude ter acesso ao alinhamento dos jornais (passados e presentes), bem como à calendarização das saídas dos jornalistas (hora, jornalista, operador de câmara, local e assunto), entre outras funções.

A minha primeira tarefa dada pelo Francisco Prates e a qual dominou muitos dos meus dias de estagiária era ler notícias em vários *sites*, para ganhar sensibilidade sobre quais os temas que estavam na ordem do dia e que meio de comunicação as lançava primeiro. Para tal, foi-me disponibilizado um computador de um jornalista, sendo que, quando este chegasse eu teria de trocar para um outro computador vago. O meu orientador tem uma estação de trabalho fixa, juntamente com os outros editores da redação e a qual ficava atrás do local onde me sentava.

Por norma, havia sempre lugar para mim na mesma fileira de computadores e apesar de estar na editoria de sociedade, atribuíram-me um local entre a editoria de política e justiça. Todos os dias ali me sentava com outra estagiária e muitas vezes, fazíamos trabalho de equipa e entreajudávamos. Nestas estações de trabalho há dois tipos de computadores, uns direcionados somente para a edição das peças e os ditos computadores “normais”.



Figura 4 – Antiga zona de editores e editoria de sociedade na redação da TVI, piso inferior. Fotografia do autor.

A relação entre a equipa era boa, mas senti que a relação com os estagiários era construída lentamente, até que ganhassem confiança connosco. O objetivo seria construir uma boa relação com os jornalistas para que eles nos convidassem a acompanhar uma saída em reportagem.

O local onde me encontrava também não era o mais fácil no sentido de criar ligações, pois situava-me junto a um corredor onde os editores se reuniam para tomar várias decisões e andavam sempre apressados e atarefados com a preparação das notícias que iam ser transmitidas no *Jornal da 1*. Logo, nem sempre me dedicavam muito tempo ou me davam tarefas para desenvolver, o que eu compreendia. Muitas vezes eu ficava a observar os jornalistas a editar as peças e quando estes se mostravam recetivos eu colocava algumas dúvidas e assim ia desenvolvendo uma relação com eles.

3.2.2 Rotina de trabalho e trabalhos realizados na I parte do estágio

As minhas primeiras quatro semanas de estágio, realizadas antes da pandemia, não se podem considerar rotineiras, porque cada dia era diferente e imprevisível. Os editores, sim, tinham uma rotina de coordenação diária, mas eu, enquanto estagiária, dependia do trabalho disponível para realizar a cada novo dia.

A rotina dos jornalistas e editores, apesar de ser diferente, pois cada notícia é um caso, acaba por se reger numa rotina semanal idêntica. No período da manhã os editores estruturam a ordem das peças e quais são apresentadas no *Jornal da 1*, enquanto os jornalistas se preparam para as entrevistas e saem em reportagem. Às vezes, regressam apressados à redação para editar os conteúdos e alocá-los no *Jornal da 1*, outras vezes fazem emissões em direto do local para onde saíram em reportagem. Nesses casos, o repórter de imagem (R.I.) leva consigo o *teradeck*, um aparelho que permite transmitir em direto para a redação as imagens e o som que estão a captar em qualquer parte do país. Na redação, o pivô do jornal trabalha o teleponto, com base em todas as notícias que os jornalistas escrevem e estrutura-o de forma a que quando estiver a apresentar o jornal, o texto esteja adaptado à sua leitura. Por volta do meio-dia, o pivô grava um resumo das notícias em destaque que serão apresentadas no *Jornal da 1* para passar no *Você na TV*.

Às 14h é altura em que os turnos trocam, entram outros jornalistas e os editores da manhã transferem o trabalho para os editores da tarde. Sendo que quem está no horário da manhã (7h – 14h) numa semana, na seguinte está no horário da tarde (14h – 21h). Por norma, de manhã o Francisco Prates e o editor chefe, Vasco Rosendo, estavam encarregues de me orientar e à tarde era a Lurdes Baeta.

Os meus primeiros dois dias de estágio foram um pouco desanimadores, porque o editor que estava responsável por mim apenas me sugeria que lesse notícias, enquanto procurava um jornalista com quem eu pudesse sair em reportagem. Devido ao facto de estar atarefado, não lhe foi logo possível arranjar-me uma saída em reportagem. Mesmo que eu fizesse alguma sugestão, a mesma não era aceite, justificando que iria encontrar algo mais adequado para mim.

Na altura, fiquei um pouco desmotivada, mas também tinha noção de que tinha passado muito pouco tempo e atualmente, fico feliz que tudo tenha decorrido desta forma, porque a partir do terceiro dia comecei a trabalhar com jornalistas e pude sair em reportagem.

Durante esse primeiro mês saí em reportagem sete vezes acompanhando o trabalho de vários jornalistas e uma vez sozinha, dois dias antes de terminar a I parte do estágio. As três primeiras saídas foram com o jornalista José Gabriel Quaresma (J. G. Quaresma). A primeira foi sobre o dia do animal de estimação, em Cascais, e as restantes estavam ligadas ao evento *Planetiers World*

Gathering, sendo que uma delas abordava o tema do ambiente e decorreu em Sesimbra e a outra foi realizada no Jardim Arco do Cego.

Destes três primeiros trabalhos que realizei com o J. G. Quaresma, apenas o do dia do animal de estimação passou no *Jornal das 8* (ver anexo 5). Isto porque a pandemia passou a dominar a maioria dos temas apresentados e o evento *Planetiers World Gathering* foi adiado, tal como as reportagens relacionadas com o tema.

Nos trabalhos que desenvolvi com o J. G. Quaresma aprendi sobre escrita para televisão, a fazer entrevistas e a editar peças. Fui ganhando confiança em mim e no meu trabalho, tal como o jornalista ganhou confiança no meu trabalho. Ele preocupava-se em dar-me várias dicas, explicar todos os procedimentos desde que íamos no carro a caminho da entrevista, a entrevista em si, passando pelo visionamento das peças, criação da mensagem que queríamos passar para o público e edição dos conteúdos. Durante as duas semanas de trabalho com o jornalista J. G. Quaresma, aprendi a trabalhar no programa de edição (Quantel QCut), no *Vidigo* (um computador que permite gravar imagens, vídeos ou tudo o que estivermos a visionar para a base de dados da TVI), a legendar peças, a escrever notícias para televisão e a cooperar com os editores de imagem para que a peça final fosse o produto idealizado. Na maioria das vezes ajudei a transcrever as entrevistas, para que depois fosse mais fácil seleccionar os vivos que iríamos necessitar, participei no processo criativo da escrita, na recolha de imagens para pintar as peças e estive presente na edição das peças, para garantir que a ideia do jornalista era cumprida.

Destas três primeiras saídas, a mais trabalhosa e a qual aprendi mais foi a reportagem dos *Sea Shepherd*, uma organização que tem como missão “acabar com a destruição do habitat e morte de animais selvagens nos oceanos, a fim de conservar e proteger ecossistemas e espécies”³¹ (Sea Shepherd conservation society, 2020). Saímos cedo da redação, rumo a Sesimbra, onde nos encontrámos com a tripulação e gravámos o seu batismo de mergulho com o objetivo de recolherem lixo que pudesse existir no fundo do mar. Após a recolha das imagens, procedemos às entrevistas e a minha função era auxiliar o jornalista J. G. Quaresma com as perguntas e estar atenta às dicas que ele me ia dando. Nos dias seguintes, procedemos à escrita da peça e edição de conteúdos. Para mim, de todas as edições em que estive envolvida, esta foi a mais interessante e desafiante. Tive oportunidade de escolher *clips* para introduzir na peça e as minhas sugestões foram tidas em conta, o jornalista deu-me confiança para supervisionar a edição por ele e estive presente em todos os passos da reportagem, isto é, desde a recolha de informação até ao produto

³¹ “...end the destruction of habitat and slaughter of wildlife in the world’s oceans in order to conserve and protect ecosystems and species” (tradução do autor).

estar pronto a ser lançado em televisão nacional. A reportagem ficou muito interessante, mas infelizmente a sua emissão ficou suspensa, pelos motivos referidos anteriormente.

Na minha terceira semana de estágio ambas as saídas foram com jornalistas da editoria de justiça, apesar de não ser a editoria em que eu estava inserida. A primeira com Inês Pereira, para o Tribunal de Loures, onde decorreu o julgamento de Rosa Grilo e o segundo com Vânia Ramos, no Campus da Justiça para acompanhar o desenvolvimento da Operação Marquês. Nestas duas saídas a minha função era observar e relacionar-me com as jornalistas que me contextualizaram os casos. A saída da Operação Marquês acabou por ser mais enriquecedora, uma vez que a jornalista Vânia me explicou como se prepara para os diretos, como se mantém informada sobre cada investigação, como funciona a comunicação com a redação antes de entrarem em direto e o processo de troca de jornalista em direto, estando as duas no mesmo local.

A minha sexta saída em reportagem foi com a jornalista Sandra Antunes da editoria de política e fomos ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical. A jornalista sempre se mostrou recetiva à minha presença e deixava-me ajudá-la na redação. Neste dia a tarefa era prepararmos perguntas para a Ministra da Saúde, Marta Temido. O conteúdo foi logo enviado para a redação, por isso não pude participar na edição desta peça, pois foi outro jornalista que o fez.

Quanto à minha primeira saída sozinha, esta aconteceu porque houve um problema com a gravação da entrevista que o jornalista J. G. Quaresma tinha realizado e, tanto ele, como os editores, confiaram em mim para repetir a entrevista. Estava um pouco nervosa, porque ia ser a minha estreia, mas por outro lado, como já tinha assistido à primeira entrevista e era sobre um tema acessível (a associação *Be Human*) sentia-me segura. Realizei a entrevista no Jardim Constantino e depois fui desafiada a escrever uma notícia sobre o tema para mostrar ao meu responsável de estágio. Quando a minha notícia foi avaliada, recebeu algumas críticas construtivas, como por exemplo o facto de ter de simplificar ao máximo a linguagem, para que o tempo de leitura fosse menor e começar a peça com uma frase impactante.

Por fim, a minha última saída foi muito enriquecedora e eu nem fazia ideia que iria ser a última dos seis meses seguintes. Foi com a jornalista Sara Sousa Pinto e mais uma vez a saída estava relacionada com o evento *Planetiers World Gathering*. A Sara mostrou-se sempre muito recetiva em ouvir as minhas dúvidas e explicar-me como se tinha preparado para as entrevistas, convidou-me inclusive para editar e escrever a peça com ela. Na redação visionámos as entrevistas e começámos a estruturar a peça. Uma vez que esta não seria emitida no dia, iríamos terminar no dia seguinte a sua edição, contudo, no final desse dia os Recursos Humanos informaram que os estágios iriam ficar suspensos até ordem contrária. Durante seis meses estive ausente da redação, enquanto todos enfrentávamos a pandemia.

Ao longo da I parte do estágio, nem sempre existiram saídas que eu pudesse acompanhar e, por isso, desenvolvi pequenas atividades como recolher imagens no *Vidigo*, alocar peças no alinhamento do jornal e legendar peças, o que facilitou o trabalho de vários jornalistas.

No período em que o estágio esteve suspenso aproveitei para terminar o questionário “Jornalistas e fontes de informação: jornalismo de ambiente e alterações climáticas” (ver anexo 3) e enviá-lo para a redação. Quando obtive o número de respostas esperado (cerca de 20), fiz uma primeira análise geral e pude concluir que na redação há poucos jornalistas focados em ambiente, à exceção de Isabel Loução Santos, Isabel Semedo e Catarina Canelas. Nesse sentido seria interessante trabalhar com elas ou conseguir entrevistá-las na II parte do estágio, para perceber como se preparam e se relacionam com as fontes de informação. Até porque a sensação com que fiquei do período em que estive na redação é que, por norma, são os editores que indicam aos jornalistas as fontes de informação que vão entrevistar. Pelo menos foi assim que funcionou em alguns dos trabalhos em que estive envolvida. No caso da peça sobre o dia do animal de estimação foi o jornalista J. G. Quaresma que selecionou as fontes, com base em pessoas que conhecia e estavam familiarizadas com o tema.

3.2.3 Reintegração na redação - II parte do estágio

O dia 7 de setembro de 2020 foi a data em que retomei o estágio, depois do país ter enfrentado três meses de estado de emergência e um longo período de quarentena. Foi dado aos estagiários a opção de regressar em julho ou em setembro. Eu optei pela segunda data, porque em julho, a zona metropolitana de Lisboa ainda se encontrava em Estado de Contingência e haviam 19 freguesias em Estado de Calamidade (uma delas era Queluz de Baixo, onde se localiza a redação da TVI) e tendo em conta que vivia com pessoas inseridas num grupo de risco, decidi adiar o regresso.

Cheguei à TVI às 10h e fui encaminhada à redação para falar com a Paula Oliveira, a nova responsável pelo meu estágio. Toda a redação estava diferente, em comparação ao último dia na I parte do estágio. Os estúdios encontravam-se em obras e a disposição das editorias e das secretárias estava diferente. Os lugares passaram a estar separados por vidro acrílico, tínhamos de desinfetar o local de trabalho à chegada e toda a equipa tinha de usar máscara.



Figura 5 – Nova redação da TVI, piso inferior. Fotografia do autor.

A Paula questionou-me sobre qual a editoria em que eu estava inserida antes da pandemia, mas disse-me logo que, por enquanto, eu teria de ir para outra, uma vez que a editoria de sociedade ainda estava em adaptação após as mudanças e não iriam conseguir dar-me a atenção necessária.

No seguimento de ter sido questionada sobre o gosto pela escrita fui encaminhada para a equipa do *online*, onde passaria a escrever notícias para o *site* da TVI24, no horário das 10h às 18h, de segunda a sexta-feira.



Figura 6 – Zona de trabalho da equipa do digital, piso inferior. Fotografia do autor.

Na II parte do estágio a zona do *online* estava localizada no centro da redação, no piso inferior e junto ao *desk*. Anteriormente encontrava-se num canto da redação, um pouco deslocado, acabando por passar despercebido.

A equipa do *online* recebeu-me bem e desde o primeiro minuto que me deram tarefas para realizar. Familiarizei-me com o *Backoffice*, sistema onde se inserem as notícias no *site* e nas redes sociais e onde os editores organizam as notícias em destaque. Indicaram-me, também, os *sites* mais utilizados para procurar notícias, que podiam ser interessantes para o *site* da TVI24.

Nas primeiras duas semanas, como ainda havia muitos jornalistas de férias ou em teletrabalho, eu tinha sempre lugar nas secretárias da zona do *online*. Entretanto, com o regresso dos jornalistas e a regra de que cada um deveria ter o seu próprio computador de trabalho, fui encaminhada para o piso de cima, tal como outros estagiários, para ocuparmos uma zona que estivesse vaga. Para comunicar com as editoras responsáveis, utilizava o *Hangout* do *Gmail*.



Figura 7 – Zona de trabalho pessoal, piso superior. Fotografia do autor.

Apesar de estar noutra piso, senti que o meu trabalho era valorizado e que continuava a fazer parte da equipa. Por norma, sempre que possível, sentava-me na zona do *online* quando as editoras avisavam que haveria lugares que iriam estar vagos o dia todo.

Quando saí do *online* para trabalhar exclusivamente com o jornalista Paulo Salvador numa reportagem, tinha menos volume de trabalho ao longo do dia, mas fui sempre bem recebida e incluída em todas as fases da reportagem.

A fase final do estágio decorreu na editoria de sociedade, que continuou a localizar-se no piso inferior, mas agora de frente para o estúdio principal da redação. Acabei por experienciar uma nova integração na equipa, porque estava tudo modificado e passei a ser acompanhada pela Teresa Rodrigues, subeditora da editoria. Um outro fator que limitou a experiência na editoria foi o facto de ao segundo dia ter regressado a casa, para cumprir isolamento profilático durante três semanas. No dia 3 de novembro regresssei à redação da TVI para formalizar o estágio, junto da minha orientadora de estágio. Uma vez que as medidas impostas pelo Governo, relativamente ao controlo da pandemia, indicaram a obrigatoriedade do teletrabalho e eu já tinha recolhido todas as informações necessárias para o desenvolvimento do relatório de estágio, recebi o parecer da orientadora e concordámos que, apesar de me faltarem 72h para concluir as horas de estágio, o estágio terminaria naquela data.



Figura 8 – Zona de trabalho na editoria de sociedade. Fotografia do autor.

3.2.4 Rotina de trabalho e trabalhos realizados na II parte do estágio

As primeiras três semanas e meia de estágio basearam-se numa rotina. Estive a trabalhar no digital e, por isso, diariamente chegava à redação e escrevia notícias que me eram atribuídas pela editora ou que eu encontrasse na internet, em *sites* de outros órgãos de comunicação (por norma internacionais). Houve também outro tipo de tarefas que me foram solicitadas, como foi o caso da classificação de vídeos.

O editor responsável também tinha uma rotina de trabalho diária. Controlava os *post's* que estavam em destaque no *site* da TVI24 e distribuía o trabalho pelos jornalistas daquela editoria. Por norma há um jornalista encarregue da Lusa, que está constantemente a ver as notícias que são lançadas e a inseri-las no *site* e há uma jornalista fixa, que só trabalha as redes sociais.

Na primeira semana escrevia notícias mais simples, para me habituar ao estilo de escrita e à estrutura dos textos utilizada pelos jornalistas. Com o tempo fui conquistando mais confiança e foi-me dada liberdade para procurar temas de interesse pessoal e escrever sobre eles. Por norma, eram notícias relacionadas com o ambiente. De todas as notícias que me foram atribuídas pelos jornalistas nenhuma foi sobre ambiente.

Enquanto decorria o *Jornal da 1*, o editor responsável exportava *clips* de notícias à medida que iam sendo apresentadas, depois eram classificados e inseridos no *Twitter* da TVI24.

Uma das tarefas que mais gostei de fazer nestas primeiras semanas, foi a classificação de vídeos para o *Twitter* (ver anexo 7). Era um trabalho de grande responsabilidade e os meus textos eram sempre corrigidos antes de serem publicados, mas senti que era uma forma de ajudar a equipa numa tarefa essencial do dia a dia. Tinha de dar um título que incentivasse o *click* dos leitores e escrever um resumo do conteúdo mais relevante da notícia.

Relativamente às notícias que escrevi (ver anexo 6) foram 48 e no *site* foram publicadas 40. A maioria dos trabalhos foram realizados com sucesso à exceção de um na segunda semana, que foi considerado incompleto pelas editoras. Foi um trabalho sobre o reaparecimento de animais em Chernobyl, baseado num vídeo da *BBC News*, mas senti alguma dificuldade na realização do mesmo, porque não sabia de que *sites* tinha permissão para retirar imagens, uma vez que não se podem utilizar imagens de outros órgãos comunicacionais. Não compreendi também que devia ter realizado uma pesquisa mais aprofundada em outros *sites* antes de escrever o texto, em vez de me basear só naquele vídeo.

Uma das notícias mais desafiantes e enriquecedoras que escrevi foi sobre as depressões que se estão a formar no solo da Sibéria. A tarefa foi realizada no dia 22 de setembro com base na observação de uma reportagem da *BBC News*. Contudo a parte positiva deste trabalho foi a

correção. Um dos jornalistas do digital disse-me que a notícia precisava de “mais sumo”, porque como eu me tinha baseado num vídeo, quem lê-se a notícia não ia conseguir visualizar mentalmente a informação do vídeo e não ia querer perder muito tempo com a notícia. Em conjunto realizámos o exercício de novo e reescrevemos a notícia.

A primeira tarefa foi definir o ângulo da notícia, o qual resultou em: as alterações da paisagem na Sibéria, causadas pelas alterações climáticas. Depois, no primeiro/segundo parágrafo tínhamos de explicar o acontecimento e nos dois parágrafos seguintes tínhamos de dizer por que isso acontece e colocar algumas citações. Começámos por procurar informações sobre o tema e apontá-las, só no fim de termos todos os dados necessários é que começámos a escrever. Com este exercício aprendi que o importante é termos os dados necessários para escrever e só depois é que podemos estruturar toda a notícia ao nosso gosto, desde que respeitando as regras de escrita jornalística.

Outras tarefas que aprendi a realizar foi como criar uma galeria no *Backoffice*, o que depois permite inserir as imagens nas notícias, aprendi a redimensionar as imagens para poderem ser utilizadas no *site* e a diferenciar o tipo de texto mais indicado para uma notícia e o tipo de texto utilizado para complementar uma galeria de imagens.

Na semana e meia que trabalhei com o jornalista Paulo Salvador o objetivo foi ajudá-lo na realização de uma peça cujo tema foi a dieta mediterrânica, enquanto estilo de vida. Foi-me explicada a ideia da reportagem e estive envolvida em todo o processo. Realizei um *vox pop* em Benfica, ou seja, várias entrevistas rápidas a pessoas aleatórias, questionando-as se sabiam o que era esta dieta.

Na redação, juntamente com o jornalista, escolhemos os vivos mais interessantes para a reportagem, pesquisei dados estatísticos, escolhi vetores que iriam surgir ao longo da reportagem, uma vez que foi gravada em *croma* (fundo verde) para permitir que na edição colocássemos animações e por último escolhemos os vivos das entrevistas realizadas no Porto e no Algarve por correspondentes da TVI. A edição da peça foi realizada por um dos editores de imagem da TVI, mas nós acompanhámos todo o processo para darmos as indicações da ordem das entrevistas e que sons e imagens deveriam ser colocados. A reportagem ficou com cinco minutos e foi emitida no *Jornal das 8* no dia 10 de outubro (ver anexo 5).

Na editoria de sociedade realizei uma entrevista ao Diretor da Uber, que foi pedida por uma jornalista do Porto e eu fui em sua representação.

Capítulo 4. Análise do jornalismo de ambiente na TVI

4.1 Análise do *Jornal das 8*

Inicia-se agora a análise das notícias emitidas no *Jornal das 8*, inseridas na categoria de jornalismo de ambiente, focado nas alterações climáticas. O objetivo é tentar perceber qual a frequência, o destaque e os temas relacionados com as alterações climáticas mais abordados no principal jornal diário da TVI.

Com base no relatório da Reuters de 2020, os portugueses pensam que as alterações climáticas são um problema muito ou extremamente sério, ocupando o sexto lugar entre os países estudados, com 85% dos inquiridos a darem esta resposta (Newman, Fletcher, Schulz, Andi, & Nielsen, 2020). No entanto, num total de 91 dias analisados foram apenas transmitidas 26 notícias relacionadas com o tema das alterações climáticas. Na maioria desses dias é transmitida somente uma notícia, à exceção do dia 4 de março que transmitiu duas e do dia 22 de abril que transmitiu 5 notícias, por ser o dia da Terra (ver gráfico 1). Relativamente à duração deste tipo de notícias, de um modo geral a maioria tem entre um minuto e meio e dois minutos, aproximadamente.

Num período de tempo tão extenso não se pode considerar que tenham sido emitidas muitas notícias sobre a temática em análise, o que leva a crer que a televisão não está a responder às preocupações da maioria da população portuguesa, ao apostar pouco em notícias sobre alterações climáticas.

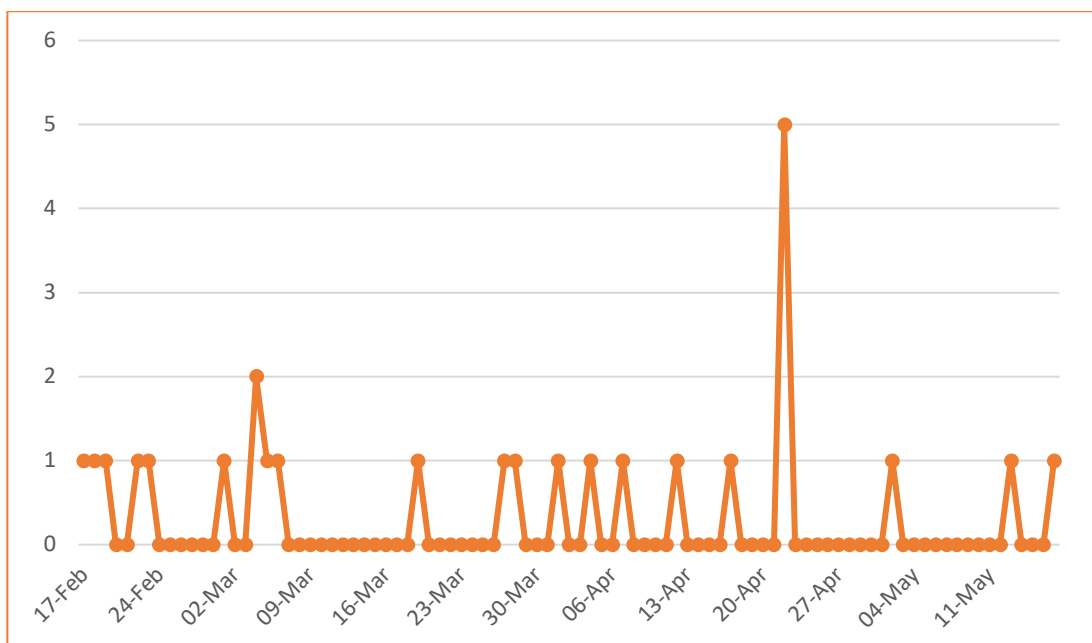


Gráfico 1 – Número de notícias relacionadas com o tema das alterações climáticas

Em cada uma das notícias selecionadas com base nas palavras-chave definidas *a priori*, nem todas as palavras-chave foram mencionadas pelo jornalista ou entrevistado ao longo da peça, porém foi sempre mencionada pelo menos uma em cada notícia.

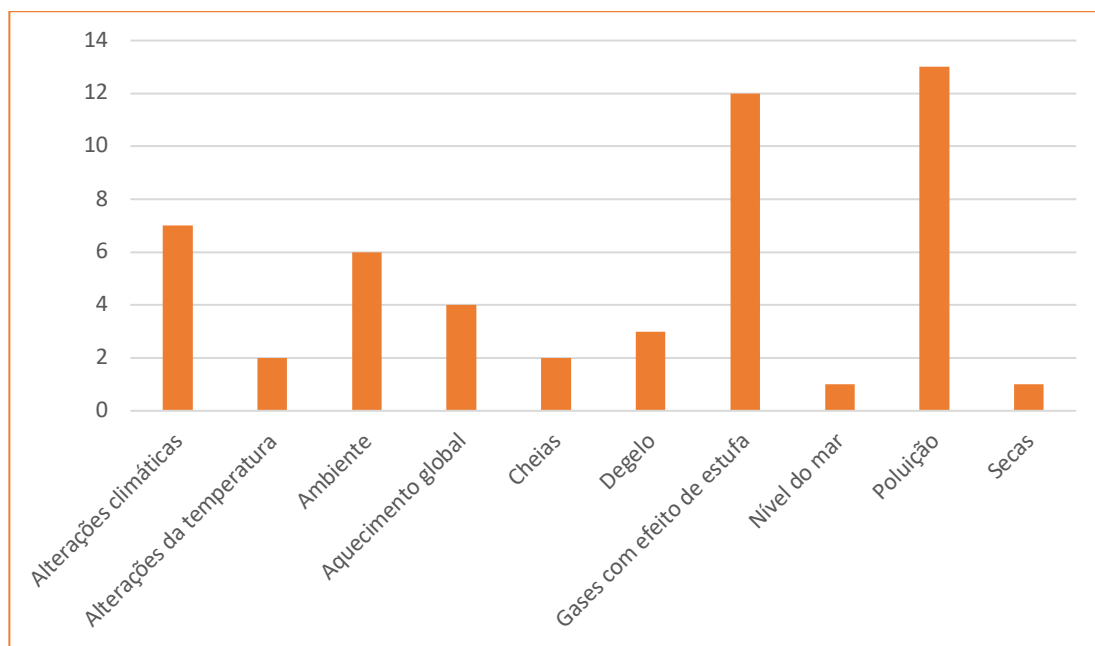


Gráfico 2 – Número de vezes que cada palavra-chave serviu para identificar uma notícia

De acordo com o Gráfico 2, as palavras-chave que identificaram mais notícias foram “poluição”, registada 13 vezes e “gases com efeito de estufa”, registada 12 vezes. No caso dos gases com efeito de estufa, por vezes a palavra estava subentendida através de dióxido de carbono, dióxido de azoto, dióxido de nitrogénio ou dióxido de hidrogénio. As palavras-chave menos mencionadas foram “nível do mar” e “cheias”, com apenas uma referência cada.

Em relação à análise dos temas mais abordados ao longo das 26 notícias anotou-se cada tema individualmente e depois foram distribuídos por temas mais generalistas, o que resultou em cinco categorias possíveis. Nomeadamente “fenómenos climáticos atípicos”, “degelo”, “consequências da Covid-19”, “leis e medidas” e um outro tema designado de “outros”, que incluía notícias demasiado específicas para serem inseridas num tema geral.

O tratamento dos temas resultou no gráfico 3, que nos permite verificar que o tema mais abordado é o das “consequências da Covid-19”, sejam elas positivas ou negativas e surgiu em 13 notícias. Alguns exemplos destas notícias são a redução da poluição atmosférica, novamente devido ao confinamento que reduziu drasticamente a mobilidade das pessoas e por consequência baixou os níveis de emissão de gases com efeito de estufa (ver anexo 4, dia 22 de fevereiro); a captação de imagens de satélite que mostram a redução dos níveis de poluição sobre a China, durante o período de quarentena (ver anexo 4, dia 4 de março); a comparação entre a invisibilidade das alterações climáticas e do vírus, em contraste com a visibilidade dos efeitos de cada um (ver

anexo 4, dia 22 de abril); a redução da poluição nas águas do rio Douro, devido ao confinamento durante a pandemia (ver anexo 4, dia 12 de maio).

O segundo tema mais abordado é o dos “fenómenos climáticos atípicos”, noticiado sete vezes e engloba, por exemplo, tempestades (ver anexo 4, dia 17 de fevereiro); cheias provocadas por chuvas acima da média esperada (ver anexo 4, dia 5 de março); incêndios que se tornam mais fáceis de propagar devido à seca e às oscilações da temperatura (ver anexo 4, dia 27 de março) ou pragas na África Oriental, provocada por períodos de fortes chuvas e depois grande seca, fruto das alterações climáticas (ver anexo 4, dia 23 de fevereiro). Menos vezes abordado foi o tema do “degelo”, que apenas apareceu numa notícia durante o período analisado (ver anexo 4, dia 19 de fevereiro).

Na temática “outros” estão inseridas notícias como o investimento de nove milhões de euros do fundador da *Amazon*, Jeff Bezos, no combate às alterações climáticas (ver anexo 4, dia 18 de fevereiro); a reportagem sobre Xico Gaivota, um homem que recolhe lixo das praias e alerta para a poluição dos oceanos e as consequências que daí advêm (ver anexo 4, dia 6 de março); e por fim, a entrevista ao diretor executivo do *Planetiers World Gathering*, Sérgio Ribeiro, que explica que temos de tornar as nossas ações mais sustentáveis para o planeta e travar as alterações climáticas (ver anexo 4, dia 22 de abril).

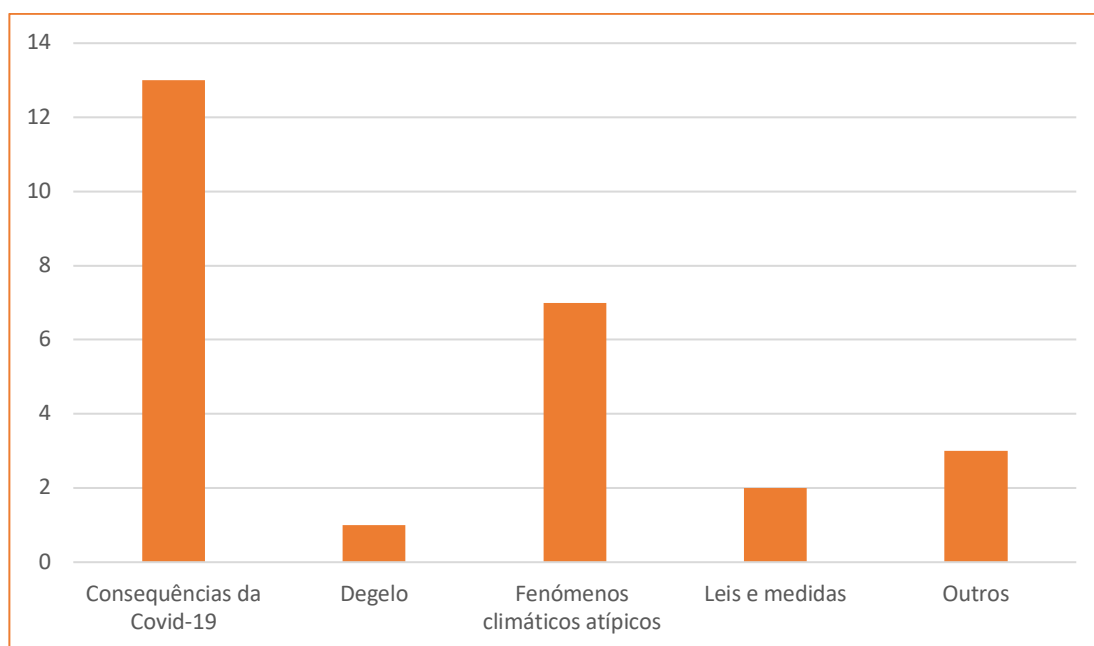


Gráfico 3 – Temas das notícias sobre alterações climáticas

Para responder aos objetivos do trabalho, outra análise pertinente que deve ser efetuada com base nos dados do *Jornal das 8* é o horário em que as notícias sobre alterações climáticas costumam ser emitidas. Para elaborar o gráfico 4 dividi o horário do noticiário por quartos de hora e inseri o número de notícias emitidas em cada parte. O horário de emissão com maior percentagem

de notícias relacionadas com o tema analisado é entre as 21h e as 21h14m, com 27% do total apresentado (ver gráfico 4), o que coincide com o início da segunda parte do *Jornal das 8*. O horário com a segunda maior percentagem é o período entre as 21h30m e as 21h44m, que corresponde ao encerramento do *Jornal das 8*. Pelo contrário, o horário que apresenta menor emissão de notícias sobre alterações climáticas ou, neste caso específico, nenhuma notícia encontra-se entre as 20h15m e as 20h29m.

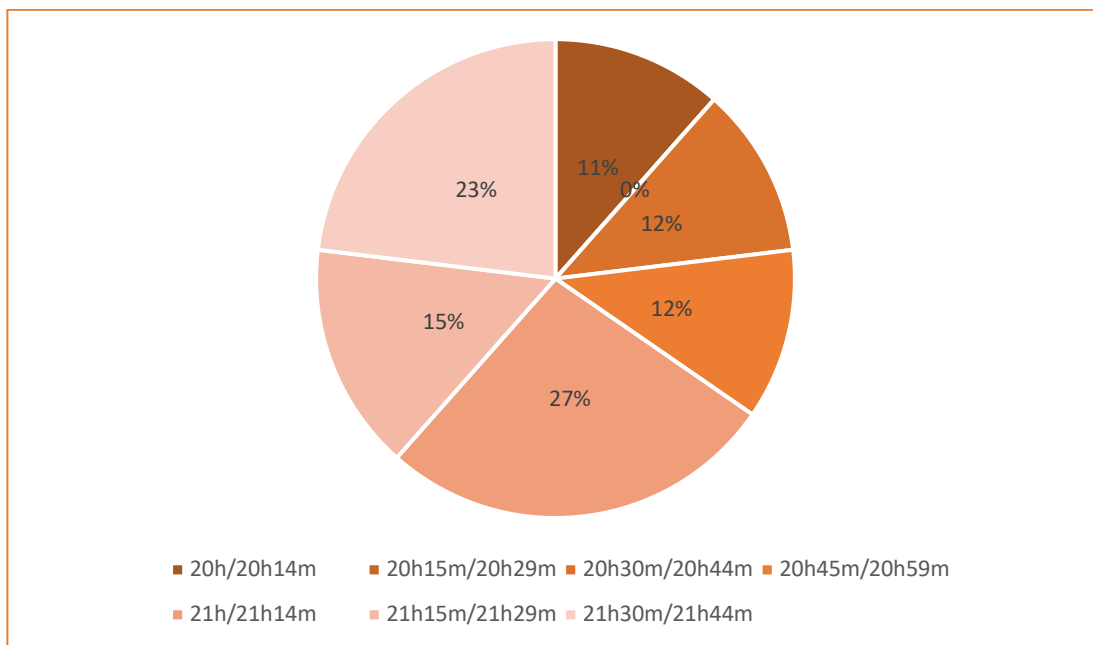


Gráfico 4 - % de notícias sobre alterações climáticas por quarto de hora no *Jornal das 8*

Podemos assim concluir que a emissão de notícias relacionadas com as alterações climáticas é baixa no *Jornal das 8* e que, por norma, são emitidas no início da segunda parte do noticiário (21h e as 21h14m) ou no período que antecede o encerramento do mesmo (20h15m e as 20h29m).

Os temas predominantes no jornal da TVI estão relacionados com as consequências ambientais provocadas pelo novo coronavírus, devido ao confinamento a que todos estivemos sujeitos e que provocou, por exemplo, a redução da emissão de gases com efeito de estufa. Portanto, assistimos a uma limitação superior a 50% do tema das alterações climáticas associada aos efeitos da Covid-19.

Uma especulação que pode ser realizada é que, caso o mundo não tivesse atravessado a pandemia, o número de notícias sobre alterações climáticas podia ser ainda menor, contando apenas com 13 notícias. Novamente com base no gráfico 3, podemos verificar que se a pandemia não contribuisse efetivamente para limitar a presença das temáticas ambientais nos noticiários, o tema mais abordado poderia ser o dos “fenómenos climáticos atípicos”.

4.2 Análise do questionário

O questionário partilhado com a redação da TVI, que inclui cerca de 116 jornalistas, teve como objetivo facilitar a análise da relação entre os jornalistas e as fontes de informação, na medida como os jornalistas trabalham a informação que recolhem e obteve 21 respostas (cerca de 1/5 da redação). Através das respostas obtidas verificamos que os jornalistas inquiridos são 10 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, os quais se distribuem pelos seguintes anos de trabalho na estação televisiva: 8 jornalistas têm 5 ou menos anos de trabalho; 2 jornalistas com 10/11 anos de trabalho, 7 jornalistas com entre 17 e 21 anos de trabalho e 4 jornalistas com 25 ou mais anos de trabalho.

Procurou-se responder às questões iniciais deste trabalho, nomeadamente quais as fontes de informação mais utilizadas pelos jornalistas e se a quantidade de notícias sobre alterações climáticas apresentadas pelo canal é suficiente na opinião dos jornalistas. Relativamente à primeira questão, é possível obter uma resposta com base nos dados do gráfico 5. De acordo com as respostas dos jornalistas, as fontes de informação mais utilizadas no canal são fontes especialistas, com 52%, seguidas pelas fontes oficiais com 48%. Quer as fontes não oficiais, quer as fontes anónimas não foram mencionadas em qualquer uma das respostas.

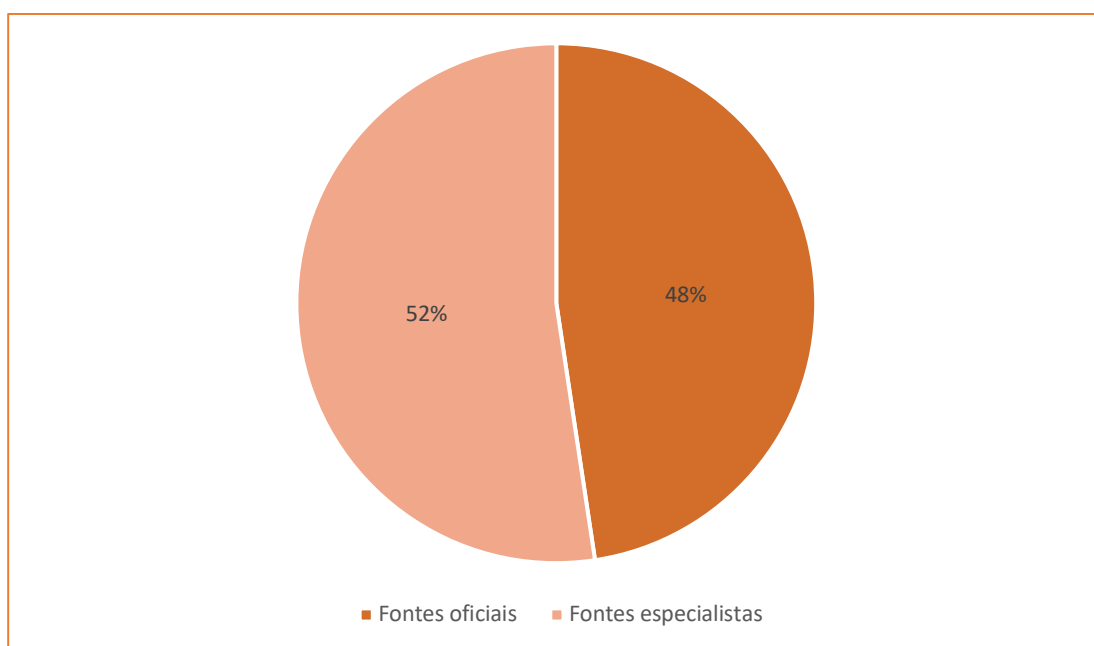


Gráfico 5 – Tipos de fontes de informação mais utilizadas pelos jornalistas da TVI

Em contrapartida, as fontes de informação menos utilizadas pelos jornalistas da TVI são as fontes não oficiais, com base em 76% dos inquiridos (ver gráfico 6). Com 9% encontram-se as fontes não oficiais das redes sociais.

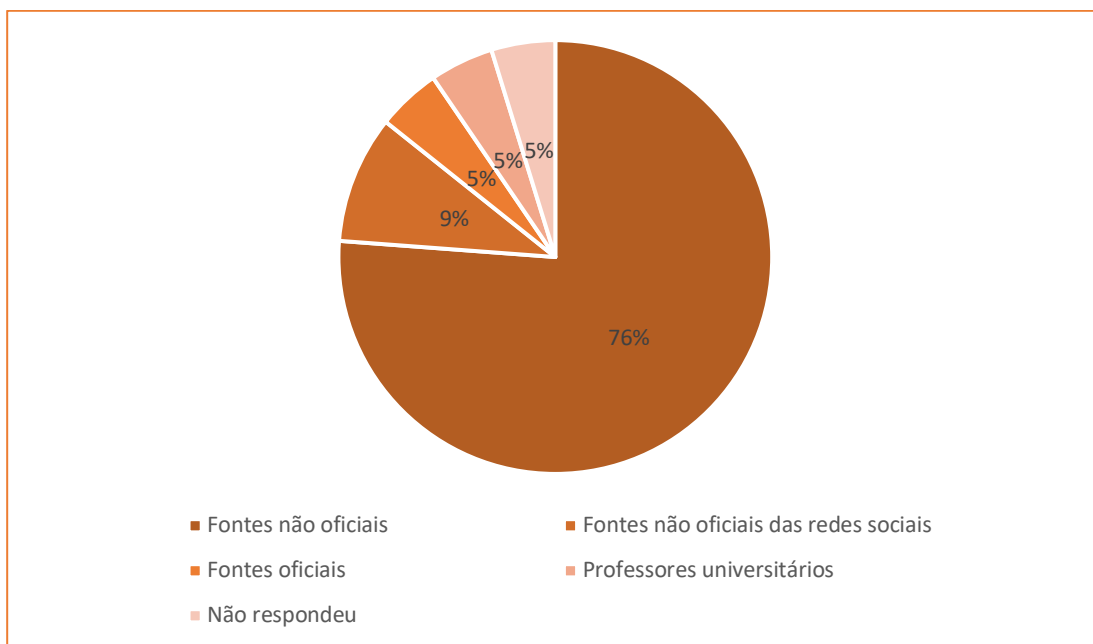


Gráfico 6 – Tipos de fontes de informação menos utilizadas pelos jornalistas da TVI

Quanto à questão da quantidade de notícias sobre alterações climáticas apresentadas pelo canal ser ou não adequada na opinião dos jornalistas, verifica-se no gráfico 7 que 16 dos inquiridos defendem que as alterações climáticas deviam ter mais destaque no espaço informativo da TVI. De acordo com as respostas dadas no questionário, a justificação mais comum para esta posição é “por estar na ordem do dia” e “consciencializar o público quanto ao impacto que tem no conjunto das atividades humanas”.

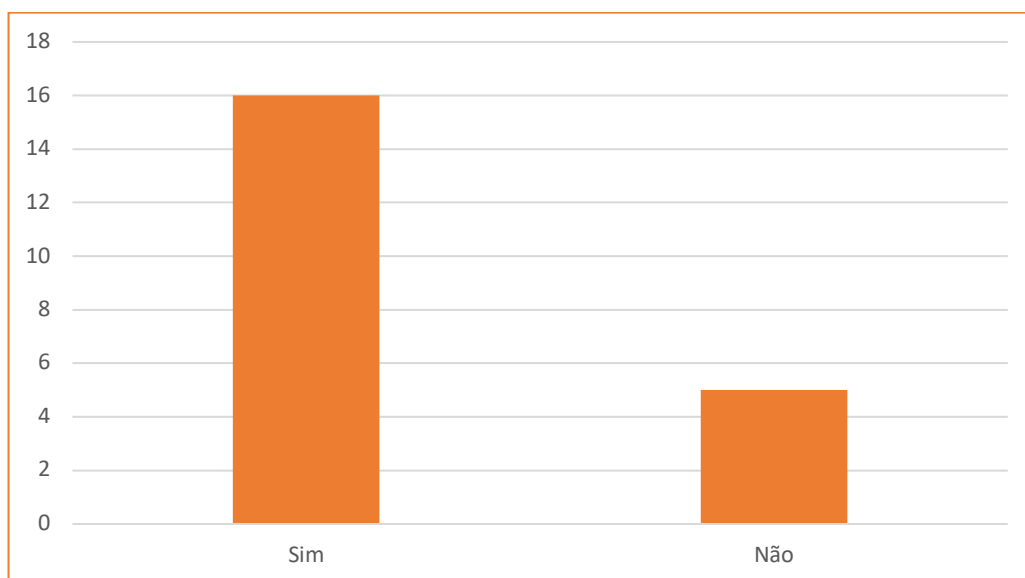


Gráfico 7 – As alterações climáticas deviam ter mais destaque no espaço informativo da TVI?

Por outro lado, cinco dos inquiridos defendem que o tema não devia ter mais destaque porque, como indicam nas respostas ao questionário, já “tem o destaque necessário” ou “tem vindo a aumentar o seu destaque ao longo dos anos”.

Enfatizando a opinião dada por alguns dos inquiridos, de que o tema devia estar mais presente nos noticiários, verificamos no gráfico 8 a frequência com que os jornalistas escrevem notícias sobre alterações climáticas na estação televisiva analisada. Verifica-se que 11 dos inquiridos afirmam escrever “raramente” notícias sobre o tema e cinco dos inquiridos afirmam que o fazem mensalmente (entre cinco a oito vezes). Apenas dois dos inquiridos afirmam nunca escrever sobre alterações climáticas e apenas um inquirido escreve diariamente.

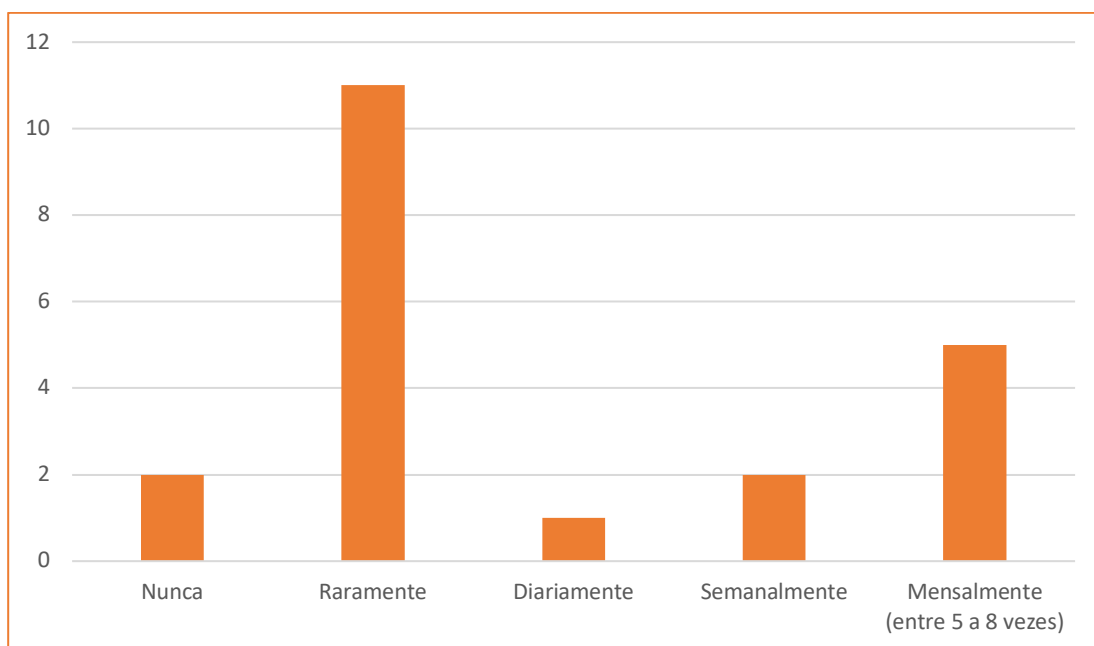


Gráfico 8 – Frequência com que os jornalistas escrevem notícias sobre alterações climáticas

Para facilitar a produção de notícias, os jornalistas vão alargando a sua lista de contactos ao longo do tempo e vão fomentando uma relação com as fontes de informação. A relação de confiança foi apontada por todos os jornalistas como uma vantagem para a produção das notícias (ver gráfico 9), embora outras qualidades sejam valorizadas e adquiridas com o tempo. A segunda qualidade mais valorizada pelos jornalistas aquando do contacto com uma fonte de informação é a “credibilidade”, destacada por 13 inquiridos (ver gráfico 10). Segue-se o “conhecimento teórico”, o “rigor” e a “fiabilidade”, com quatro menções cada (ver gráfico 10). Com menor destaque estão as qualidades de “profissionalismo” e “seriedade”.



Gráfico 9 – Valorização da confiança pelos jornalistas na relação com as fontes de informação como vantagem para a produção de uma notícia

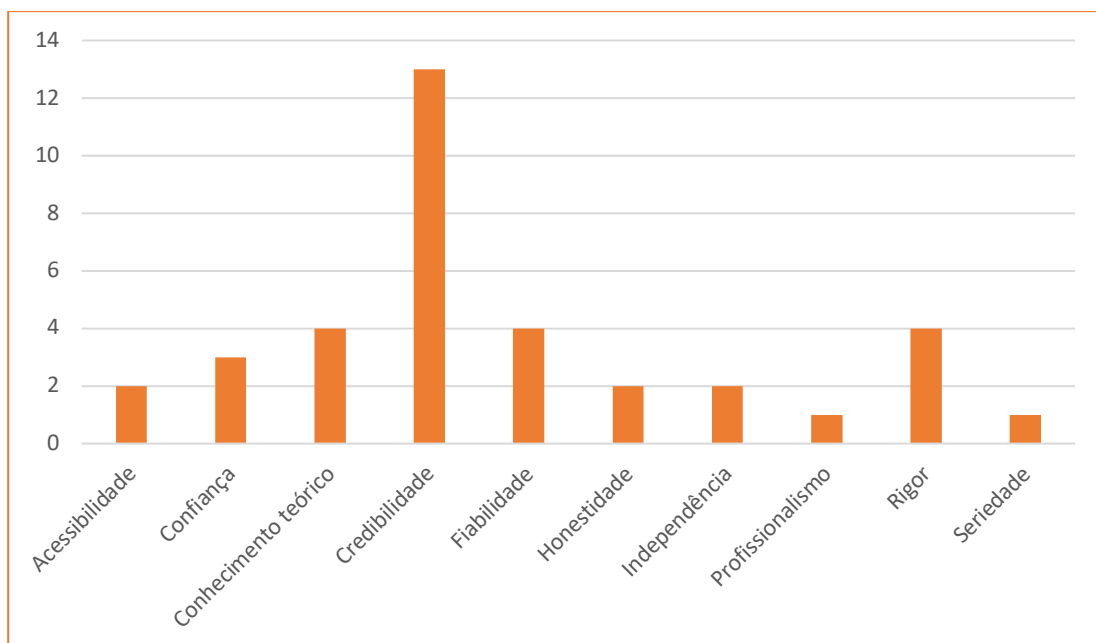


Gráfico 10 – Qualidades que os jornalistas valorizam na relação com as fontes de informação

É, também, visível a relação que surge entre jornalistas e fontes de informação através das vezes que trabalham juntos. À medida que vão cooperando mais vezes, a relação de confiança é construída e cimentada. Neste sentido, o gráfico 11 demonstra que 14 dos jornalistas afirmam contactar “frequentemente” com fontes de informação utilizadas anteriormente e dois jornalistas afirmam trabalhar “sempre” com fontes de informação já conhecidas. Apenas cinco dos inquiridos afirmam trabalhar “raramente” com fontes de informação anteriormente utilizadas.

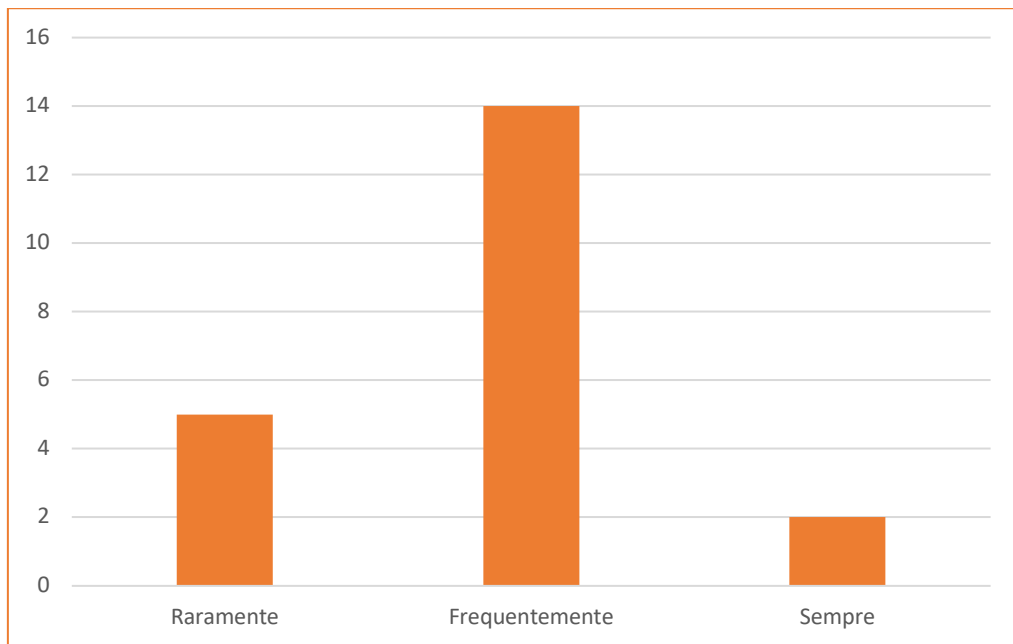


Gráfico 11 – Frequência com que os jornalistas trabalham com fontes utilizadas anteriormente

Outra questão importante de compreender é quais as fontes de informação mais procuradas pelos jornalistas, no que toca ao desenvolvimento de trabalhos na temática ambiental. De acordo com o gráfico 12, as associações ambientalistas e as ONG's foram as fontes de informação mais destacadas por diferentes jornalistas (nove cada) como sendo as consultadas quando precisam de informação sobre alterações climáticas. Dados do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) e contacto direto com a população local foram as fontes de informação dadas por menos jornalistas como exemplo (um cada).

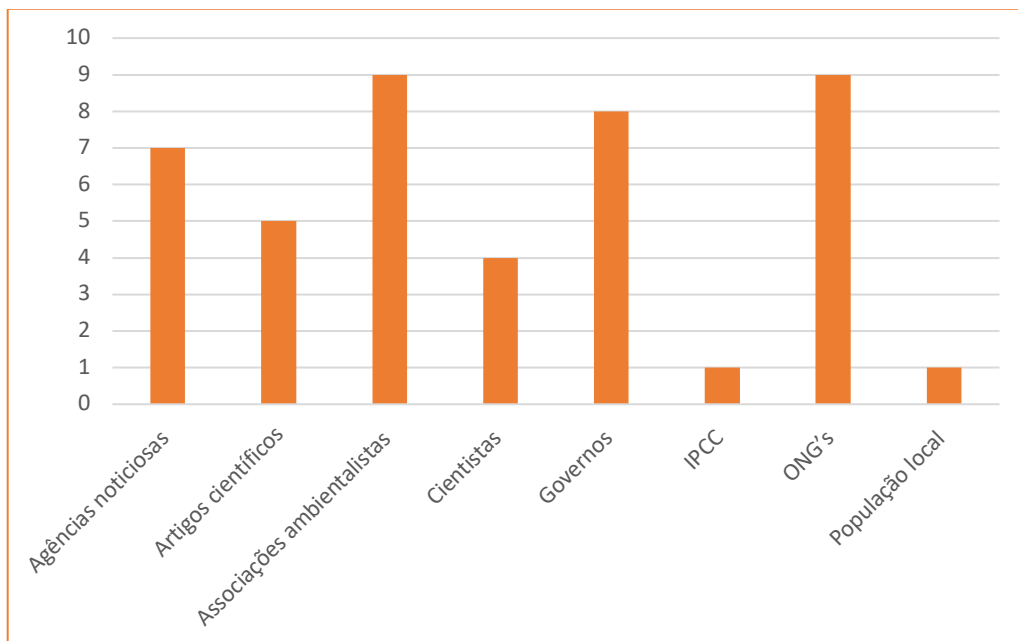


Gráfico 12 – Fontes de informação evidenciadas pelos jornalistas da TVI

O contacto com as fontes de informação nem sempre é possível de se realizar pessoalmente, sobretudo em questões ambientais, porque a maioria são internacionais. Nesse sentido foi questionado aos jornalistas qual a forma de contacto que utilizam para comunicar com os entrevistados. A resposta mais frequente foi a utilização tanto do telemóvel, como do e-mail para obter informações. Apenas um dos inquiridos respondeu “telemóvel, e-mail e entrevistas”.

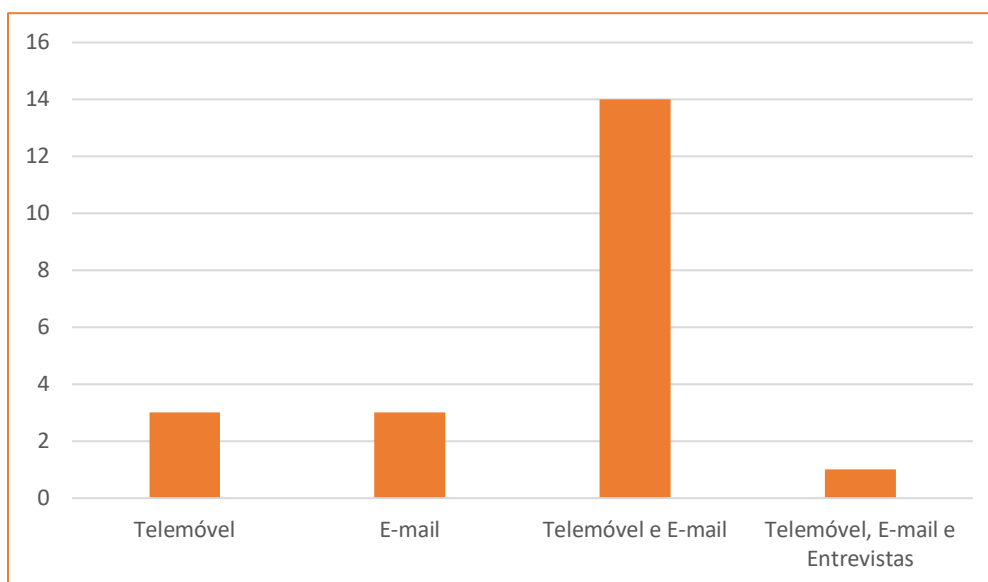


Gráfico 13 – Forma como os jornalistas contactam as fontes de informação

O passo seguinte à recolha de informação é o tratamento da mesma, de forma a que seja possível tanto à fonte, como ao espetador compreender a mensagem. Observando o gráfico 14 verifica-se que a técnica com maior percentagem de utilização (32%) é “descodificar a informação para a tornar perceptível a todos”, o que significa que os jornalistas se preocupam em escrever notícias de forma clara e transversal a todas as idades e graus de literacia. Em seguida, com 26%, encontra-se a realização de leituras, através das quais os jornalistas ganham mais conhecimento sobre as temáticas, facilitando a escrita e organização de ideias essenciais. Com a terceira maior percentagem está a técnica de “cruzamento de dados” (21%), que permite compreender os temas de outra forma e explicá-los com contexto. A resposta “da mesma forma que outra temática”, não é esclarecedora para o trabalho, porque o objetivo seria perceber em que consiste essa forma de tratamento. No entanto, através das entrevistas analisadas no próximo subcapítulo é possível obter uma explicação.

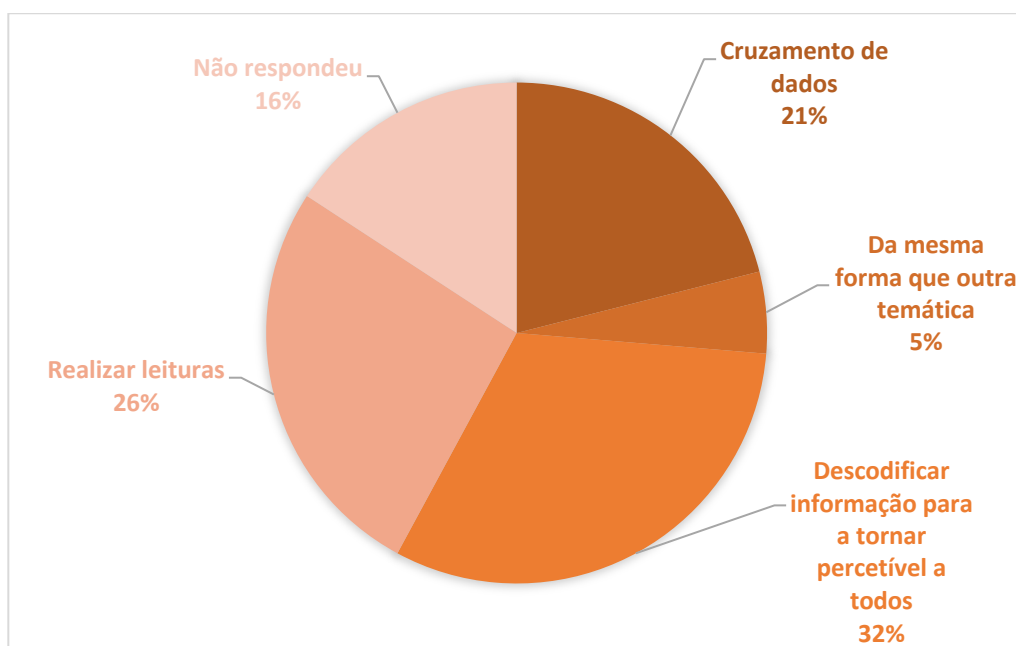


Gráfico 14 – Técnicas de tratamento de informação utilizadas pelos jornalistas

Em algumas situações a relação de confiança entre jornalistas e fontes de informação é comprometida pela exerceção de pressão por partes das fontes, quando querem que alguma informação específica seja divulgada. Como forma de reação, os jornalistas podem ou não cortar relações. O gráfico 15 revela que 35% dos inquiridos responderam “sim” à questão “voltaria a trabalhar com fontes de informação que exerceram pressão”, revelando não se sentirem incomodados com esse tipo de comportamento. 25% responderam “sim, mas só porque não havia outra alternativa”, o que revela algum desagrado, mas que por motivos de força maior tiveram de ceder. A resposta “não” foi dada por outros 25% dos inquiridos, demonstrando não voltarem a trabalhar com uma fonte que lhes exercesse pressão.

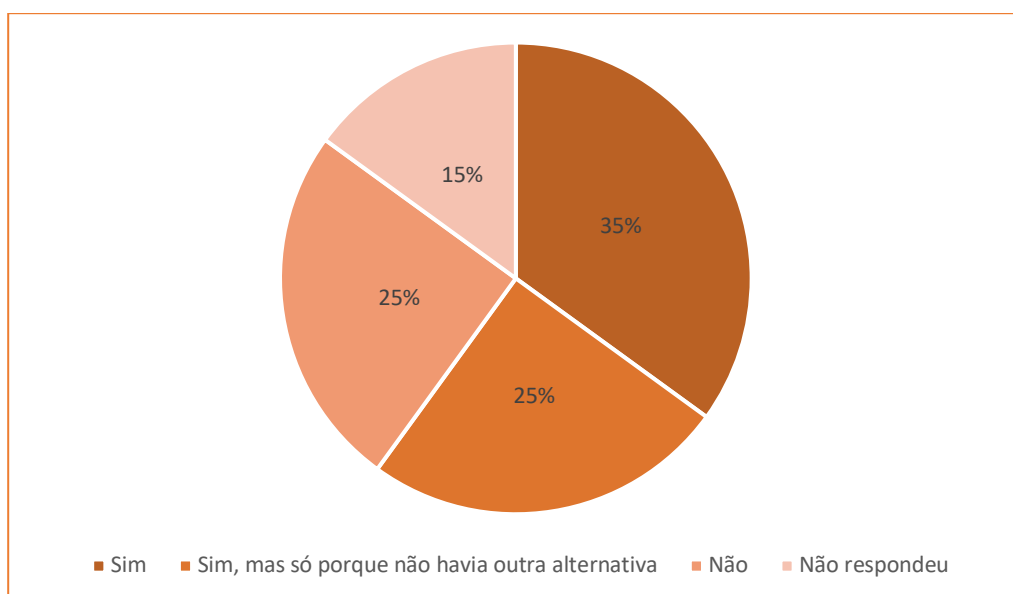


Gráfico 15 – Trabalhar novamente com fontes que já exerceram pressão

4.3 Análise entrevistas

As duas entrevistas realizadas (ver anexo 8 e 9) tiveram como objetivo aprofundar alguns dos dados mais interessantes para o trabalho, obtidos através do questionário (ver anexo 3). A seleção das entrevistadas baseou-se na informação dada por todos os jornalistas inquiridos, que indicaram Isabel Loução Santos e Isabel Semedo como sendo as jornalistas que mais trabalham a questão das alterações climáticas na TVI. Houve ainda uma terceira jornalista, Catarina Canelas, que foi sugerida no questionário, mas não obtive nenhuma resposta da sua parte. Um fator curioso é o facto de só terem sido identificadas jornalistas mulheres, como tendo interesse no tema.

Esclarecendo primeiramente a questão levantada no subcapítulo anterior, relativamente ao significado da resposta “da mesma forma que outra temática”, do gráfico 15, a jornalista Isabel Semedo justifica que as informações “são trabalhadas precisamente da mesma maneira que as outras notícias todas. Vamos contactar várias pessoas e depois disso tudo fazemos então o nosso filtro, de forma a compactar tudo numa reportagem” (ver anexo 8). Pode concluir-se que, tanto para a temática das alterações climáticas, como para as restantes, os jornalistas têm um papel de filtro e explicador informativo.

A entrevistada Isabel Loução Santos (ver anexo 9), acrescentou que “alguns cientistas já perceberam qual é a lógica da narrativa do jornalista, em televisão especificamente. Já perceberam qual é a linguagem que eles têm de utilizar, já se estão a adaptar um pouco a esta nossa linguagem, mais de descodificar os conceitos. Mas ainda assim nós temos sempre de pedir-lhes esse exercício de simplifique agora isso ou, por exemplo, muitas vezes nós temos de pensar em situações, de como é que eu entenderia, enquanto espetadora esta questão que estou a conhecer e como é que eu a gostaria de transmitir, para eu perceber”. A jornalista até deu como exemplo um dos seus trabalhos sobre alterações climáticas, em que tinha de explicar um fenómeno que ocorre no vórtice polar e que, em conversa com a fonte de informação, questiona “e se eu lhes explicasse isto abrindo e fechando uma porta? Temos nós de processar essa informação e tentar torná-la o mais simples possível e nessa transformação nós perguntarmos, temos de perguntar se aquilo é rigoroso ou não”.

As opiniões conjugam-se quando Isabel Semedo diz “a ideia é o simplificar a linguagem. Os termos técnicos, alguns dá para simplificar, outros não”. Isabel Loução Santos acrescenta “a ideia aqui é ser o mais rigorosa possível, naquilo que se diz. A ideia é que o cientista veja, uma dona de casa veja, um senhor que trabalhe nas obras veja e perceba e o cientista não fique chocado, entenda que aquilo é uma forma de se chegar a todas as pessoas, mas que ainda assim é rigorosa e factual”.

Ambas as entrevistadas também partilham a opinião de que o tema das alterações climáticas poderia ser mais explorado. Isabel Semedo afirma que “no que diz respeito às televisões ainda há...

apesar de haver a sensação de estarmos sempre a falar da mesma coisa, ou seja, alterações climáticas, tempo, etc, acho que em termos científicos ainda podemos aprofundar um pouco mais e fazer mais reportagens nesse sentido”. Isabel Loução Santos acrescentou “talvez. Por exemplo se a empresa apostasse numa editoria, talvez ponderasse isso”. Até porque, se houvesse mais espaço no noticiário para abordar a temática ambiental, a relação dos jornalistas com as fontes de informação seria outra.

De acordo com Isabel Loução Santos “a nossa relação com as fontes, eu acho que vai também do tempo que podemos dedicar-lhes. Como não há uma editoria específica de ambiente, não há o porquê de fomentar esses contactos. Conhecer pessoas... Porque também se nós não temos um espaço onde temos a certeza que vamos ter uma notícia, específica sobre ambiente, se depende muitas das vezes da opinião do coordenador, que pode mudar consoante o coordenador e o dia, isso significa que nós não temos assim muita certeza se de facto o fomentar essas fontes, depois vai ter frutos”.

Contudo, à medida que se vai trabalhando com as fontes de informação os jornalistas criam “proximidade com as fontes o que facilita imenso, não só ao fazer trabalhos específicos e tornar isso numa notícia, mas muitas vezes para retirar dúvidas, para esclarecer, para dar conhecimento de coisas que nós precisamos de fazer, em que ele não participa, mas nós precisamos do conhecimento dele e, portanto, isso é ótimo”.

Isabel Semedo acrescenta que “as fontes são adquiridas ao longo de um percurso profissional e a partir do momento em que contactamos a pessoa pela primeira vez, cria-se ali uma ligação, eu fico com o contacto, ele fica com o meu e cada vez que precisamos eventualmente de uma opinião, uma pequena entrevista ou mesmo só um esclarecimento contactamos e é assim que se constrói a relação”.

Com base nas entrevistas em Portugal, as fontes ambientais mais recorridas são sobretudo os cientistas, os ambientalistas e os especialistas que trabalham nas universidades. O Governo e algumas empresas são mais contactados para confirmar alguma informação que tenham conhecimento.

No caso da TVI, como não há uma editoria de ambiente são as jornalistas que têm interesse pela área, que acabam por trabalhá-lo sempre que têm oportunidade para tal. Uma escolhe temas mais direcionados para o oceano e a sua preservação, como é o caso da Isabel Semedo. Por sua vez, Isabel Loução Santos está mais direcionada para as alterações climáticas em concreto. “As alterações climáticas têm sobretudo a ver com fenómenos climatéricos, mas com fenómenos de clima, ou seja, há aqui uma grande diferença, que às vezes as pessoas não entendem que é a diferença entre a meteorologia e clima. Um fenómeno meteorológico é um evento a curto prazo, que acontece muitas vezes por outros fatores conjunturais daquele momento. Um fenómeno

climático é diferente. Precisa de um intervalo de 20 a 30 anos, até se tornar relevante e quando tratamos de alterações climáticas, estamos a falar desses grandes movimentos”.

Considerações finais

O presente relatório de estágio surgiu do objetivo de compreender como os jornalistas da TVI trabalham a informação sobre alterações climáticas que recolhem, com base na relação que estabelecem com as suas fontes de informação. Desta forma, procurou-se explorar o espaço que o jornalismo de ambiente tem na narrativa informativa em Portugal, mais concretamente no noticiário da TVI - um dos quatro canais generalistas portugueses. Apresentam-se, agora, as conclusões do trabalho divididas em duas dimensões: a experiência obtida no estágio curricular e o resultado da análise de conteúdo.

Estágio: o que acrescentou ao trabalho

O estágio realizado na TVI foi uma experiência positiva, que permitiu enriquecer as minhas capacidades jornalísticas, bem como as aptidões de observação do meio envolvente e análise da informação. Tive a oportunidade de conhecer uma nova realidade: o mundo da televisão, por detrás do ecrã e, particularmente, como funciona uma redação jornalística.

Uma vez que o estágio foi repartido em duas partes, ao longo de nove meses, tive oportunidade de trabalhar na editoria de sociedade e no *site* da TVI24. Infelizmente, sempre que estava familiarizada com o ambiente de trabalho e as rotinas, o estágio era suspenso devido ao agravamento da pandemia.

Ao longo do estágio realizei tarefas como: redação de notícias para o *site*, realização de entrevistas para reportagens televisivas, participação na edição de peças, publicações de vídeos em plataformas digitais e acompanhamento de jornalistas em reportagem (referido no ponto 3.2).

Um dos aspetos importantes a retirar da experiência enquanto estagiária foi a possibilidade de poder acompanhar jornalistas e ouvi-los descrever como é a relação com as fontes de informação e como a constroem. Assim foi possível concluir que o estabelecimento de uma relação entre estes dois atores é essencial, independentemente da editoria onde se trabalha, bem como facilita o trabalho jornalístico, pois os jornalistas servem-se dos contactos já estabelecidos para, a qualquer momento, realizarem as entrevistas necessárias.

Uma dificuldade que o jornalismo de ambiente enfrenta, e que é evidente na redação da TVI, é o facto de não existir uma editoria de ambiente, tal como referido no ponto 4.3. O tema do ambiente está inserido na editoria de sociedade, mas ainda assim pode ser trabalhado por jornalistas de qualquer editoria. Neste caso em particular, as duas jornalistas que têm maior interesse sobre o tema, estão destacadas para a editoria de economia, o que não lhes permite ter o

tempo que gostariam para desenvolver notícias sobre alterações climáticas, mas são um exemplo de que “frequentemente, a especialização surge num jornalista devido às suas inclinações pessoais” (Santos, 2006, p.47) e não às necessidades editoriais.

Ou seja, as editorias estão definidas e cada jornalista está destinado a trabalhar os assuntos correspondentes à editoria a que pertence, independentemente da sua especialização enquanto profissional. Contudo, no caso de um jornalista ser especializado em ambiente não significa que possa dedicar-se exclusivamente ao tema, mas pode levá-lo a trabalhar o tema caso esteja inserido noutra editoria. No caso da editoria de sociedade, os jornalistas podem trabalhar vários temas, como por exemplo a saúde, o ambiente, o crime, entre outros, o que indica que, apesar de existirem áreas de trabalho específicas, os jornalistas podem tratar vários assuntos.

As alterações climáticas são um tema cuja presença na narrativa mediática depende, na maioria das vezes, de avanços científicos que devem ser explicados à população. Para além disso, é também um tema limitado aos acontecimentos nacionais e internacionais que vão ocorrendo, os quais não são frequentes o suficiente para ganhar mais espaço na agenda mediática. Um terceiro fator que limita o tema é o facto da repartição em vários assuntos da editoria de sociedade impedir que o tema ambiental seja trabalhado diariamente.

Comparando as notícias televisivas analisadas com as notícias *online* que observei durante o estágio, verifiquei que no *site* da TVI24 é mais frequente encontrar notícias sobre alterações climáticas. Isto porque o *online* é um espaço flexível onde há sempre possibilidade de publicar informação e que, mesmo que o tema não seja abordado no *Jornal das 8*, pode ser inserido no *site* a qualquer altura.

Devido a essa possibilidade de atualização é mais fácil para os jornalistas trabalharem o tema das alterações climáticas e o ambiente, uma vez que o espaço é ilimitado e isso permite uma publicação mais constante deste tipo de notícias. As fontes de informação utilizadas para trabalhar as alterações climáticas no online são, maioritariamente, jornais internacionais conceituados (*BBCNews* e *CNN*), o que se revela numa relação mais abstrata entre jornalista e fonte de informação. Para além do *site*, as notícias são partilhadas no *Twitter*, que oferece uma maior visibilidade da temática ao público.

Jornalismo de ambiente: uma relação prejudicada pela falta de tempo de antena

Após a análise realizada no capítulo quatro, podemos concluir que as alterações climáticas são um tema pouco abordado no *Jornal das 8* da TVI e uma das principais justificações é o facto de não existir uma editoria de ambiente, como já foi salientado. Isto implica uma diminuição do número de notícias, prejudica a relação entre jornalistas e fontes de informação (que poderia ser mais fomentada, caso existissem mais notícias sobre esta temática para escrever) e afeta, principalmente, o nível de conhecimento do público sobre alterações climáticas.

No noticiário das noites da TVI, o tema mais abordado durante o período estudado foi as consequências da Covid-19 no ambiente, o que revela uma influência da pandemia sob as temáticas ambientais e indica que possivelmente, se a pandemia não tivesse surgido, a presença do tema das alterações climáticas seria menor. De salientar que, em 91 dias analisados, foram emitidas apenas 26 notícias sobre alterações climáticas, o que leva a crer que a televisão não está a responder às preocupações da maioria da população portuguesa, que considera as alterações climáticas um problema muito ou extremamente sério (Newman, Fletcher, Schulz, Andi, & Nielsen, 2020).

Podemos, também, concluir que o jornalismo de ambiente no noticiário de um dos quatro canais generalistas portugueses, a TVI, não tem o mesmo espaço de antena que outros temas noticiados. Verificou-se que as alterações climáticas raramente têm destaque na abertura do *Jornal das 8*, sendo normalmente emitidas entre as 21h e as 21h14m, que coincide com o início da segunda parte do noticiário ou no horário de encerramento do jornal (21h30m-21h44m).

Recorrendo ao inquérito e às entrevistas elaboradas, a maioria dos jornalistas defendeu que as notícias sobre alterações climáticas são trabalhadas “da mesma forma que outra temática”. Depois de recolhida a informação, independentemente do tema, o jornalista tem sempre de tratar a informação antes de a transmitir ao público. No caso do ambiente, podem haver mais termos técnicos ou descrições de fenómenos que devem ser simplificados, mas há sempre que manter o rigor jornalístico e essa tarefa é transversal a todos os temas. Por isso, pode concluir-se que não existe um tratamento da informação diferente ou uma distinção do tema ambiental, perante as restantes temáticas.

Quanto à relação entre o jornalista e as fontes de informação, esta funciona como uma ponte para o sucesso e qualidade da notícia, mas é uma relação que se estabelece com o tempo e a convivência necessários à confiança e comunicação. Uma vantagem das relações estabelecidas dentro do contexto ambiental é que, à medida que há uma maior confiança entre jornalistas e fontes de informação, os métodos de trabalho deixam de ser desconhecidos entre ambos e conseguem

adaptar-se, de forma a que a notícia seja mais clara, objetiva e autêntica para quem a consome. Este fenómeno também é constatado quando os jornalistas assumem que, por exemplo, as fontes utilizadas na ciência já se tentam adaptar à linguagem jornalística televisiva, ao demonstrarem cuidado relativamente às palavras que utilizam para explicar os conceitos, no sentido de melhorar o entendimento da mensagem por parte do público em geral. Com base nos dados obtidos verificou-se que os tipos de fontes de informação mais utilizados são as oficiais e especialistas, tendo as associações ambientais e as ONG's sido mencionadas mais vezes como exemplo.

De facto, a relação de confiança entre os atores principais necessários à escrita de notícias é essencial para haver a vontade para questionar um assunto até que fique totalmente esclarecido, assegurando que a informação é credível. Tendo em conta que não existe uma editoria de ambiente na TVI, os jornalistas, por vezes, não fomentam tantas relações na área, porque não sabem se terão espaço para apresentar a notícia e não têm certezas de que o facto de fomentar a relação com essas fontes dará frutos.

Por fim, um outro entrave é o facto de haver apenas três jornalistas com um interesse evidente pelas alterações climáticas na estação, mas é interessante constatar que são todos do sexo feminino. Já a maioria dos jornalistas defende que o tema devia ter maior destaque no noticiário, mas devido a fatores como o tempo para dedicar ao tema ou o espaço de antena, as alterações climáticas raramente são trabalhadas no canal de televisão. De acordo com os resultados do inquérito, há ainda alguns jornalistas que consideram que o ambiente já tem o destaque necessário e, por isso, afirmam que não irão fazer um esforço para trabalhar o tema mais frequentemente. Assim, é possível concluir que não existe uma relação direta entre a frequência do tema no noticiário e a pertinência do tema para os jornalistas, uma vez que apesar da maioria dos jornalistas defender uma maior presença das alterações climáticas, é evidente que essa vontade não se reflete no número de notícias.

Sintetizando a resposta à seguinte questão de partida, “com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação, como é que as notícias da TVI sobre alterações climáticas são trabalhadas?”, conclui-se que, sempre que é do interesse do jornalista abordar o tema das alterações climáticas, a criação de uma relação estável e de confiança com as fontes de informação é crucial, para que as notícias possam ser trabalhadas com rigor e filtradas com qualidade, de forma a que o público compreenda o assunto. Ou seja, ainda que essa filtragem faça parte do tratamento jornalístico de todo o tipo de notícias, as relações cimentadas com cientistas, professores universitários e especialistas de institutos, por exemplo, são sempre uma mais valia para o jornalista, aquando da preparação e simplificação rigorosa de uma notícia sobre o ambiente e alterações climáticas.

O facto de o início da investigação ter coincido com a pandemia teve consequências positivas e negativas. A nível prático foi prejudicial, porque o estágio teve de ser interrompido por duas vezes, o que condicionou o meu trabalho. A nível de conteúdo beneficiou com o número de dados a serem analisados, pois as alterações climáticas obtiveram alguma atenção mediática, como causa do possível abrandamento da poluição mundial causado pelo confinamento. Neste sentido, esta questão poderia vir a ser o ponto de partida para outras investigações no âmbito do jornalismo de ambiente, com o intuito de comparar a narrativa jornalística sobre o tema antes e durante o período de uma pandemia.

Referências Bibliográficas

- ◆ Balbé, A. D. (2018). *Representações das alterações climáticas nas redes sociais Facebook e Twitter*. (Doctoral dissertation, Universidade do Minho, Braga, Portugal). Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/59752> [Consultado em novembro, 2, 2019].
- ◆ Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (L.A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Capa de Edições 70.
- ◆ Berger, A. A. (2000a). Library searchers. In *Media and communication research methods: Na introduction to qualitative and quantitative approaches* (Cap.2, pp. 21-32). Thousand Oask: Sage.
- ◆ Berger, A. A. (2000b). Participant observation. In *Media and communication research methods: Na introduction to qualitative and quantitative approaches* (Cap.10, pp. 161-170). Thousand Oask: Sage.
- ◆ Berger, A. A. (2000c). Surveys. In *Media and communication research methods: Na introduction to qualitative and quantitative approaches* (Cap.12, pp. 187-206). Thousand Oask: Sage.
- ◆ Boykoff, M. T. (2011). *Who speaks for the climate?: Making sense of media reporting on climate change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ◆ CAEM/GfK. (2020). *Televisão*. Disponível em: <http://www.caem.pt/tv> [Consultado em maio, 14, 2020].
- ◆ Campello, C. C. (2017). *O tratamento das fontes de informação jornalística em campanha eleitoral*. (Master's thesis, Faculdade de Letras - Universidade do Porto, Porto, Portugal). Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=201527 [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ Campos, I. R. (2012). *Jornalismo especializado na transição do papel para o online: o caso dos jornalistas de ambiente em Portugal* (Master's thesis, FCSH - Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/7599> [Consultado em março, 27, 2020].
- ◆ Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2019). *Reuters Digital News Report 2019 - Portugal*. Portugal: Publicações OberCom.
- ◆ ERC. (2020). *Relatório de regulação 2019*. Lisboa.

- ◆ Fernandes, A. J. (1993). *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*. Porto: Porto Editora.
- ◆ Garcia, R. (2004). *Sobre a terra: um guia para quem lê e escreve sobre ambiente*. Lisboa: Público.
- ◆ Lomba, C. C. (2009). *Fontes mais capazes vs jornalistas menos perspicazes*. Master's thesis, Universidade do Minho, Braga, Portugal). Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44677> [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ Marinho, S. (2000). *O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação*. *Comunicação E Sociedade*, 2, 351-356. [https://doi.org/10.17231/comsoc.2\(2000\).1406](https://doi.org/10.17231/comsoc.2(2000).1406) [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ Marktest/CAEM/GFK (2020). *Anuário de Media e Publicidade: 2000-2019*. Lisboa: Marktest.
- ◆ Martins, L. O. (2006). O mercado português de televisão. In *Mercados Televisivos Europeus: causas e efeitos das novas formas de organização empresarial* (Cap.4, pp. 91-121). Porto: Porto Editora.
- ◆ Matos, M. (2010). *Fontes de Informação na Imprensa Regional: Estudo comparativo de dois jornais dos concelhos de Santa Maria da Feira e Anadia*. (Master's thesis, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal). Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1276> [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ MediaCapital. (2019a). *História*. Disponível em: <https://www.mediacapital.pt/p/474/história/> [Consultado em julho, 6, 2020].
- ◆ MediaCapital. (2019b). *Media capital, a construir o futuro*. Disponível em: <https://www.mediacapital.pt/p/472/media-capital,-a-construir-o-futuro/> [Consultado em maio, 14, 2020].
- ◆ ONU News. (2019). *COP 25: Conheça cinco destaques da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696211> [Consultado em dezembro, 16, 2019].
- ◆ Santos, R. (2006). *A fonte não quis revelar*. Porto: Campo das letras.
- ◆ Santos, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Coimbra: Minerva.
- ◆ Santos, R. (2003). *Jornalistas e fontes de informação: a sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*. Coimbra: Minerva.
- ◆ Santos, R. (2001). Práticas produtivas e relacionamento entre jornalistas e fontes de informação. In ? . ? (Ed. ou Eds.), *O jornalismo português em análise de casos* (pp. 93-133). Lisboa: Editorial Caminho.

- ◆ Schmidt, L. (2008, janeiro). Comunicar a ciência: o papel dos media e os problemas científico-ambientais. *Ciência e Cidadania – Homenagem a Bento de Jesus Caraça*, org. Luísa Schmidt e João Pina Cabral, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303685056_Comunicar_a_ciencia_o_papel_dos_media_e_os_problemas_cientifico-ambientais [Acedido em dezembro, 3, 2019].
- ◆ Schmidt, L. (2000). Programas noticiosos. In L. Schmidt, *Ambiente e televisão: Análise evolutiva 1957-1995* (pp. 79-138). Lisboa: Observa.
- ◆ *Sea Shepherd conservation society*. (2020). Disponível em Sea Shepherd: <https://seashepherd.org> [Consultado em setembro, 4, 2020].
- ◆ Sousa, A. B. (2017). *Agenda TVI: O jornalismo e o contacto com as fontes*. (Master's thesis, Escola Superior de Comunicação Social-IPL, Lisboa, Portugal). Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8040> [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ Teixeira, A. M. D. (2009). *Jornalistas e fontes de informação: Uma relação de luta e confiança*. (Master's thesis, Universidade do Minho, Braga, Portugal). Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/41739> [Consultado em maio, 28, 2020].
- ◆ United Nations. (s.d.). *UN Climate Action Summit 2019*. Disponível em: <https://www.un.org/en/climatechange/un-climate-summit-2019.shtml> [Consultado em dezembro, 16, 2019].
- ◆ United Nations Climate Change. (2019). *About the UN Climate Change Conference - December 2019*. Disponível em: <https://unfccc.int/process-and-meetings/conferences/un-climate-change-conference-december-2019/about-the-un-climate-change-conference-december-2019> [Consultado em novembro, 19, 2019].
- ◆ United Nations Climate Change. (2020). *COP26 postponed*. Disponível em: <https://unfccc.int/news/cop26-postponed> [Consultado em julho, 6, 2020].

Anexos

Anexo 1. Percentagem de audiência média por canais entre 2000 e 2019

Audiência Média por canais

Universo (em %)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
RTP1	3,4	2,7	2,7	3,4	3,7	3,5	3,6	3,7	3,6	3,5
RTP2	0,8	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	0,8	0,8
SIC	5,9	4,5	4,1	4,4	4,4	4,0	3,8	3,7	3,7	3,4
TVI	2,9	4,3	4,0	4,1	4,3	4,4	4,4	4,2	4,6	4,2

Audiência Média por canais

Universo (em %)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
RTP1	3,5	3,3	2,9	2,7	3,1	2,9	2,7	2,5	2,4	2,6
RTP2	0,8	0,7	0,5	0,3	0,3	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3
SIC	3,4	3,5	3,4	3,5	3,2	3,7	3,5	3,4	3,2	3,9
TVI	4,0	3,9	4,1	4,2	3,9	4,4	4,3	4,1	3,9	3,2

Fonte: Markttest/CAEM/GFK, in grupo Markttest, Anuário de Média e Publicidade

Anexo 2. *Share* (em percentagem) de audiências por canais entre 2000 e 2019

Share de Audiência por canais

Universo (em %)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
RTP1	24,3	20,1	21,1	23,8	24,7	23,6	24,5	25,2	23,8	24,0
RTP2	5,6	5,6	5,3	5,0	4,4	5,0	5,4	5,2	5,6	5,8
SIC	42,2	34,0	31,5	30,3	29,3	27,2	26,2	25,1	24,9	23,4
TVI	20,8	31,9	31,4	28,5	28,9	30,0	30,0	29,0	30,5	28,7

Share de Audiência por canais

Universo (em %)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
RTP1	24,2	21,6	18,5	16,9	18,7	14,8	13,7	12,4	12,2	12,5
RTP2	5,3	4,5	3,4	2,1	2,0	2,0	2,0	1,5	1,4	1,5
SIC	23,4	22,7	21,8	21,5	19,7	18,7	17,6	17,1	16,5	19,2
TVI	27,5	25,7	26,7	26,0	23,5	22,5	21,5	21,0	19,9	15,6

Fonte: Markttest/CAEM/GFK, in grupo Markttest, Anuário de Média e Publicidade

Anexo 3. Questionário - Jornalistas e Fontes de informação: jornalismo de ambiente e as alterações climáticas

Jornalistas e Fontes de informação: jornalismo de ambiente e as alterações climáticas

Eu, Margarida Silvestre, enquanto aluna do 2º ano do Mestrado em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social, pretendo analisar os dados obtidos através deste questionário para desenvolver o meu relatório de estágio. Uma vez que o meu estágio é realizado na TVI, gostava de contar somente com a ajuda dos Jornalistas que lá trabalham. O tema é o jornalismo de ambiente e as alterações climáticas, na perspetiva da relação estabelecida entre os jornalistas e as fontes de informação. Assim, o presente questionário tem como objetivo compreender de que forma é que essa relação se desenvolve na prática jornalística.

O questionário é composto por 20 perguntas, é anónimo e exclusivo para tratamento de dados estatísticos.

Agradeço a sua importante colaboração e que responda somente uma vez.

[Seguinte](#)

Jornalistas e Fontes de informação: jornalismo de ambiente e as alterações climáticas

*Obrigatório

Relativamente a si e à sua profissão de jornalista

Escolha o seu sexo. *

- Feminino
- Masculino

1. Há quantos anos desempenha a profissão de jornalista? *

A sua resposta _____

2. Há quantos anos trabalha na TVI? *

A sua resposta _____

3. Tem uma área específica de investigação jornalística? Qual? *

A sua resposta _____

4. Com que frequência produz conteúdo sobre o tema das alterações climáticas? *

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente (entre 5 a 8 vezes)
- Raramente
- Nunca

5. Na TVI, consegue identificar jornalistas especializados na área do ambiente ou que trabalhem frequentemente esta temática? Se sim, quem? *

A sua resposta

6. Enquanto jornalista, considera que o tema do ambiente devia ter maior destaque no espaço de informação? Apresente as suas razões. *

A sua resposta

7. Considera-se apto para trabalhar o tema das alterações climáticas? *

Selecionar

7.1 Justifique a resposta anterior *

A sua resposta

8. De que forma trabalha a informação técnica sobre o ambiente e as alterações climáticas? *

A sua resposta

[Anterior](#)

[Seguinte](#)

Relativamente à sua relação com as fontes de informação

9. Quais são as fontes de informação utilizadas mais frequentemente para trabalhos sobre ambiente e alterações climáticas? *

A sua resposta _____

10. Indique a fonte que utiliza com maior frequência. *

- Fontes Oficiais
- Fontes Não Oficiais
- Fontes Especialistas
- Fontes anónimas

10.1 Indique agora a fonte que utiliza com menor frequência. *

A sua resposta _____

10.2 Dê exemplos de fontes que, na sua opinião, são essenciais para esta temática.

A sua resposta _____

11. Qual o meio que utiliza para contactar com as suas fontes? *

- Telemóvel
- E-mail
- Outra: _____

12. Diariamente, com que frequência trabalha/contacta com fontes de informação que já trabalhou anteriormente. *

- Sempre
- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

13. Quais as qualidades que destaca numa fonte de informação? *

A sua resposta

14. Considera a relação de confiança entre o jornalista e a fonte uma vantagem para a produção de uma notícia? *

- Sim
- Não

14.1 Justifique a resposta anterior. *

A sua resposta

15. Qual o nível de confiança que considera ter com as fontes de informação que costuma trabalhar? *

- Muito elevado
- Elevado
- Médio
- Baixo
- Muito baixo

16. Já se sentiu pressionado por alguma fonte de informação para publicar determinada informação ou notícia? *

- Sempre
- Com alguma frequência
- Raramente
- Nunca

16.1 Se na resposta acima respondeu alguma das opções, excepto “nunca”, indique se voltou a trabalhar com essa fonte.

- Sim
- Sim, mas só porque não havia outra opção.
- Não

17. Já presenciou situações onde jornalistas/redatores cederam à pressão das fontes de informação? *

- Sempre
- Com alguma frequência
- Raramente
- Nunca

18. Tendo em conta os possíveis constrangimentos do trabalho jornalístico português atual, que propostas apresentaria para melhorar a cobertura jornalística do ambiente e alterações climáticas? *

A sua resposta

[Anterior](#)

[Submeter](#)

Anexo 4. Relatório de análise do *Jornal das 8*

Dia 17/02/2020	
Título	Tempestade “Dennis” assola ilhas britânicas
Jornalista	Rolando Santos
Hora	21h10m
Duração (m:s)	02:04
Notícia	<p>“A pequena localidade de Tenbury Wells, no centro de Inglaterra está assim esta segunda-feira. A tempestade Dennis tornou as ruas em autênticos canais. Mais de 130 habitações foram evacuadas depois de o rio Teme ter saído do seu leito. A corrente arrastou duas pessoas, os serviços de emergência só conseguiram salvar uma delas. A segunda, uma mulher, está desaparecida, mas a polícia reconhece que já não é possível encontrá-la com vida. O cenário de Tenbury Wells repetiu-se em muitos locais de Inglaterra e especialmente no País de Gales.</p> <p>(Vivo)</p> <p>No sul de Gales caiu em 48h a chuva que normalmente cai no mês inteiro. Isto levou a que os rios subissem para níveis que não eram vistos há mais de 40 anos e espera-se que a enchente ainda continue nas próximas horas. A situação é especialmente preocupante no vale do rio Seven, o mais longo da Grã-Bretanha. As regiões inglesas de Herefordshire, Shropshire e Worcestershire, que ficam nessa área são das mais afetadas. Há mais de 200 alertas de cheias em vigor, seis dos quais atingiram mesmo níveis máximos, que significa perigo de vida para as populações afetadas. Pelo menos 400 casas foram inundadas e houve muito mais situações em que foram realizadas evacuações preventivas. Já os automóveis e até alguns aviões ficaram entregues à água. Este é o segundo temporal a atingir o Reino Unido em poucos dias. A tempestade Kira matou oito pessoas na Europa e deixou o país inundado, pelo que os efeitos do Dennis vão demorar a desvanecer-se”.</p>
Resumo	Chuvas muito intensas fizeram os rios transbordar e causaram cheias. “No sul de Gales, caiu em 48h a chuva que normalmente cai no mês inteiro, isto levou a que os rios subissem para níveis que não eram vistos há mais de 40 anos”.
Palavra chave	Cheias
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
Dia 18/02/2020	
Título	Doação do fundador da Amazon, Jeff Bezos
Jornalista	Patricia Batista
Hora	20h36m
Duração (m:s)	01:36
Notícia	<p>“É o contributo do homem mais rico do mundo, para o que diz ser a maior ameaça ao nosso planeta na rede social <i>Instagram</i> onde tem um milhão e quatrocentos mil seguidores. O fundador da <i>Amazon</i>, Jeff Bezos anuncia que vai doar mais de nove mil milhões de euros para o combate às alterações climáticas.</p> <p>(VOZ)</p> <p>O dinheiro que faz parte do que chamou o fundo Bezos para a Terra começa a ser distribuído este verão, os beneficiários serão cientistas, ativistas e organizações não governamentais que lutem para ajudar a preservar e proteger o mundo natural.</p> <p>(VOZ)</p> <p>E é um indivíduo que de acordo com a <i>Associated Press</i> vai dispensar esta verba da sua fortuna pessoal avaliada pela revista <i>Forbes</i> em 120</p>

	mil milhões de euros. Uma medida que contraria outra anunciada no passado mês de janeiro. De acordo com o <i>Washington Post</i> , um grupo de funcionários disse ter sido ameaçado de despedimento pela <i>Amazon</i> , caso continuasse a criticar as políticas ambientais da empresa”.
Resumo	O fundador da <i>Amazon</i> “vai investir mais de 9 mil milhões de euros no combate às alterações climáticas. A partir do verão vão começar a ser feitas contribuições para cientistas, ativistas e organizações sem fins lucrativos”.
Palavra chave	Ambiente, alterações climáticas
Tema	Outros
Dia 19/02/2020	
Título	Estudo científico alarmante
Jornalista	Rui Cordeiro
Hora	21h05m
Duração (m:s)	02:09
Notícia	<p>“A Antártida está a derreter cada vez mais rápido. Seis vezes mais do que há 40 anos. São conclusões de um estudo de uma equipa internacional de cientistas. Zoe Thomas, australiana, é investigadora da Universidade da Nova Gales do Sul deixa uma pergunta e se as camadas de gelo da Antártida começarem a derreter? (VIVO)</p> <p>Este estudo científico foi feito com base em fotos de satélites e com recurso a aviões da NASA. Com base neste estudo, a comunidade científica arrisca prever que o aquecimento global venha causar um irreversível derretimento da Antártida. O cenário de colapso total não será para já, mas os ponteiros do relógio já avançam nesse sentido. (VIVO)</p> <p>Entre 1979 e 2017 o nível do mar e oceanos terá aumentado 1,4cm. Até 2100 esse aumento poderá ser de 1,8m. Fica uma certeza, a atividade humana recente intensificou o aquecimento global, o que pode resultar no derretimento total da Antártida. Nesse cenário catastrófico, o nível dos mares aumentaria 58m. Outro dado alarmante, a temperatura mais quente de sempre, registada na Antártida foi a 6 de fevereiro, 18,3 graus celsius”.</p>
Resumo	“A Antártida está em risco de derreter por completo”. “Todo o planeta tem de optar pela política de 0 carbono”. A Antártida está a derreter seis vezes mais rápido, do que há 40 anos.
Palavra chave	Degelo, aquecimento global, aumento do nível do mar, temperatura.
Tema	Degelo
Dia 20/02/2020	
Dia 21/02/2020	
Dia 22/02/2020	
Título	Efeitos da Covid-19
Jornalista	Pivô José Alberto Carvalho
Hora	20h07m
Duração (m:s)	00:55
Notícia	“O relatório de uma organização independente indica que nas últimas duas semanas a China emitiu menos de cerca de 25% de dióxido de carbono para a atmosfera. O país tem muitos setores industriais parados ou semiparalisados. A produção de petróleo e aço, por exemplo está a registar a atividade mais reduzida dos últimos cinco anos. Quebra abrupta no número de ligações aéreas domésticas, também contribui para a drástica redução das emissões de carbono. Segundo os especialistas estima se em 100

	milhões de toneladas a menos de CO2 na atmosfera, o que representa cerca de 6% das emissões de todo o mundo”.
Resumo	A propagação do vírus tem um efeito positivo, a redução significativa da poluição atmosférica.
Palavra chave	Poluição, emissões de gases
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 23/02/2020	
Título	Praga de gafanhotos no Paquistão
Jornalista	Isaura Quevedo
Hora	20h59m
Duração (m:s)	02:22
Notícia	<p>“(VIVO)</p> <p>A técnica é plagiada das redes sociais, bater em painelas e fazer barulho para afastar os gafanhotos. Um método que funciona, mas que é exaustivo e por isso a família de AliAdna tem de fazer turnos para tentar conter a praga de gafanhotos que lhes tem estragado a colheita de batatas. Além destas técnicas caseiras e dos pesticidas, o povo do Paquistão aguarda ajuda profissional do Governo já que a praga intensifica-se de dia para dia e os gafanhotos reproduzem-se a um ritmo vertiginoso. O ciclo de gestação destes animais é de três meses e cada fêmea deposita em média entre 80 a 360 ovos de cada vez. Mas o Paquistão não vive este drama sozinho. Muitos países da África Oriental enfrentam agora pragas de gafanhotos. Na Etiópia estima-se que o número de gafanhotos, já na casa dos milhares de milhões, multiplique por 500 até junho, altura em que se prevê que o combate ao fenómeno comece a fazer efeito. Até lá o melhor alimento para a praga são as alterações climáticas. Fortes chuvas, seguidas de períodos de grande seca são ideais para a procriação de gafanhotos, que por sua vez são uma ameaça para a segurança alimentar da população.</p> <p>(VIVO)</p> <p>O governo do Uganda decidiu enviar dois mil militares para o nordeste do país para tentar combater o enxame assim que entrarem no país. Já a China enviou um exército de 100 mil patos para o Paquistão e para a Índia. Medidas que segundo os especialistas não deverão causar um efeito significativo no combate à praga, mas que são certamente mais eficazes que as pancadas nas panelas.”</p>
Resumo	Em vários países de África oriental as colheitas estão a ser devastadas por uma praga de gafanhotos. As alterações climáticas, nomeadamente fortes chuvas, seguida por períodos de grande seca são as condições ideais para a reprodução dos gafanhotos.
Palavra chave	Alterações climáticas, seca.
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
Dia 24/02/2020	
Dia 25/02/2020	
Dia 26/02/2020	
Dia 27/02/2020	
Dia 28/02/2020	
Dia 29/02/2020	
Dia 1/03/2020	
Título	Crise do Corona vírus
Jornalista	Pivot Pedro Pinto
Hora	20h13m
Duração (m:s)	01:11
Notícia	<p>“O alastrar de Covid-19 e todas as consequências económicas que tem provocado tiveram também um efeito direto em termos ambientais. Estas são imagens da China, captadas pelos satélites de monitorização</p>

	de poluição da NASA e da Agência Espacial Europeia, mostram a concentração de dióxido de nitrogénio, um gás nocivo emitido por veículos a motor, centrais de energia e também instalações industriais. A primeira de 1 a 20 de janeiro, a segunda fotografia de 10 a 25 de fevereiro. É visível a drástica redução da poluição por dióxido de nitrogénio, antes e depois de terem sido colocadas em quarentena várias cidades da China. Segundo os cientistas da NASA, a redução começou por ser mais aparente perto de Wuhan, a cidade onde teve início o surto de Covid-19, mas rapidamente se alastrou a todo o país. Uma mudança que esta relacionada com a desaceleração económica, após o surto do novo coronavírus. Os cientistas revelam que é a primeira vez é observada uma queda tão drástica e numa área tão ampla.”
Resumo	Imagens da China, captadas por satélites de monitorização de poluição. Mostra a concentração de dióxido de hidrogénio. Duas fotografias, que mostram a redução da poluição na China.
Palavra chave	Ambientais, gases
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 2/03/2020	
Dia 3/03/2020	
Dia 4/03/2020	
a) Título	Covid-19 na origem do fenómeno
Jornalista	Inês Tavares Gonçalves
Hora	20h32m
Duração (m:s)	02:11
Notícia	<p>“A 23 de janeiro o Governo de Pequim interrompia as entradas e saídas no país e obrigava o comércio a fechar portas. Chegava assim a primeira quarentena imposta por causa do coronavírus, parece que agora é ele responsável pelo ar mais limpo que se respira na China. (VIVO)</p> <p>Um sinal positivo para o ambiente que pode ser observado nestas imagens captadas pela NASA. A concentração de dióxido de nitrogénio, à esquerda a amarelo, diz respeito ao período entre 1 e 20 de janeiro deste ano, quando o dia a dia se fazia com normalidade. À direita, entre 10 e 25 de fevereiro e já com o país parado, conseguimos constatar a redução drástica de NO2 na atmosfera, mas este fenómeno não é o mais surpreendente. (VIVO)</p> <p>O que realmente despertou a atenção dos especialistas foi observar que para este ano a mancha de poluição não regressou no período homologado. Depois de terminarem as celebrações do ano novo na china, o país continua adormecido e as diferenças são evidentes. A queda acentuada de carros a circular e de fábricas a produzir explicam este fenómeno. (VIVO)</p> <p>Ciente do que estes números simbolizam para as finanças do país, a China prepara-se para implementar novas medidas para acelerar a economia. A fábrica do mundo, como é conhecida, mata milhões todos os anos por conta de problemas respiratórios associados aos elevados níveis de poluição”.</p>
Resumo	Imagens de satélite da NASA mostram redução nos níveis de poluição sobre a China, durante o período de quarentena.
Palavra chave	Poluição, gases com efeito de estufa (carbono e dióxido de nitrogénio).
Tema	Consequências da Covid-19
b) Título	Jovem ativista sueca diz haver “uma rendição”
Jornalista	Pedro Ramalho e Pedro Moreira

Hora	21h29m
Duração (m:s)	02:00
Notícia	<p>“Greta Thunberg, a jovem de 17 anos que se tornou o rosto mundial pela luta pelo ambiente foi convidada a vir a Bruxelas e a participar no encontro da Comissão que aprovou a primeira lei europeia do clima, mas logo a seguir a ativista sueca fez declarações e mostrou-se pouco convencida. (VIVO) A Comissão quer que a Europa seja o primeiro continente neutro em emissões de carbono em 2050 e quer consagrar o objetivo na lei comunitária, mas por hora deixa para mais tarde a forma de lá chegar e mete as intermediárias mais ambiciosas. (VIVO)”</p>
Resumo	Greta critica lei europeia do clima. A comissão europeia apresentou hoje a primeira lei comunitária do clima. Tornar a europa neutra nas emissões de dióxido de carbono em 2050, mas Greta não concordou.
Palavra chave	Emissões de gases (carbono), ambiente
Tema	Leis e medidas
Dia 5/03/2020	
Título	Mau tempo no Brasil
Jornalista	Patricia Batista
Hora	21h05m
Duração (m:s)	01:50
Notícia	<p>“Na clareira entre as árvores havia casas, várias casas, agora as equipas de resgate tentam encontrar sobreviventes numa altura em que há mais de duas dezenas de desaparecidos. A noite de segunda para terça-feira deixou marcas e más memórias em quem vive nesta zona de Guarujá, no litoral de São Paulo. (VIVO) Para António de 70 anos, pouco restou depois do temporal. (VIVO) Houve mortes em Guarujá, Santos e São Vicente, entre eles dois bombeiros que trabalhavam nas bucas em Guarujá, mais de 400 casas ficaram destruídas. (VIVO) Algumas pessoas estão agora a viver nesta escola pública, adaptada a abrigo temporário. (VIVO) De acordo com o Centro Nacional, que monitoriza os desastres naturais no Brasil, choveu em apenas 24h, cerca da média para todo o mês de março.”</p>
Resumo	Cheias na região de São Paulo provocam mortos e desaparecidos. “Choveu em apenas 24h, cerca da média para todo o mês de março.
Palavra chave	Cheias
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
Dia 6/03/2020	
Título	Xico Gaivota
Jornalista	José Gabriel Quaresma
Hora	21h17m
Duração (m:s)	05:43
Notícia	<p>“(VIVO) Gaivota em terra nem sempre é sinal de tempestade no mar. A história de Xico Gaivota é sinal de... (VIVO) Xico Gaivota era mariscador e pescador, é nas escarpas, nas rochas que se sente feliz consigo e com o horizonte.</p>

	<p>(VIVO) Gaivota, Xico Gaivota, não se inspirou em rigorosamente ninguém, criou um conceito que acabou por ser único. Peça a peça, cor a cor vai dando forma a aves gigantes, a peixes ainda maiores, não adapta, não corta, usa tudo como apanha. No fim, as obras, as peças feitas com plásticos retirados da praia voam para quem as quiser pagar.</p> <p>(VIVO) A gaivota que há dentro do Xico que se chama Ricardo, impede-o de guardar o lixo dentro da sua consciência, mesmo que a Agência portuguesa do ambiente lhe dê ouvidos.</p> <p>(VIVO) Porque Ricardo é Xico, mas na verdade não é uma gaivota. É pai, marido, é homem, também ele tem contas para pagar e por pagar. As solicitações são mais do que muitas, mas quase todas são <i>show-off</i>.</p> <p>(VIVO) Em abril, Xico Gaivota vai estar na conferência <i>Planetiers World Gathering</i>, um evento que pretende mostrar que há muitas opções sustentáveis para a sociedade e para o mercado. Vai ser em Lisboa e Xico Gaivota tem uma mensagem.</p> <p>(VIVO) E às vezes Xico Gaivota chega a meter palavras na boca de Ricardo Ramos, coisas que ele nunca imaginaria dizer.</p> <p>(VIVO) Rocha acima, rocha abaixo, sempre carregado de lixo, de plástico, que se irá transformar, um dia, numa obra de arte, enquanto o mar fica mais limpo. Mesmo que seja na exata proporção de um ínfimo grão de areia. É isso que Xico Gaivota é, é isso que Xico Gaivota faz”.</p>
Resumo	Alerta para a poluição do mar
Palavra chave	Ambiente, poluição
Tema	Outros
Dia 7/03/2020	
Dia 8/03/2020	
Dia 9/03/2020	
Dia 10/03/2020	
Dia 11/03/2020	
Dia 12/03/2020	
Dia 13/03/2020	
Dia 14/03/2020	
Dia 15/03/2020	
Dia 16/03/2020	
Dia 17/03/2020	
Dia 18/03/2020	
Dia 19/03/2020	
Título	Efeitos positivos da pandemia
Jornalista	Luís Varela
Hora	21h26m
Duração (m:s)	02:58
Notícia	<p>“Imagens de cardumes de peixes, cisnes e águas cristalinas invadem as redes sociais. Por esta altura estão assim os canais de Veneza, uma das cidades mais fustigadas a nível mundial pelos magotes de turistas, 25 milhões de viajantes por ano, para sermos concretos. As gondolas estão paradas, os barcos a motor também, assim como os cruzeiros que chegavam à cidade italiana, uma consequência positiva da quarentena obrigatória. Aliás, a redução drástica da poluição em Itália, sobretudo no Norte bastante industrializado e onde fica Milão, foi registado pela Agência espacial europeia entre 1 de janeiro e 11 de março. Trata-se</p>

	<p>de uma diminuição robusta das emissões de dióxido de azoto, um gás nocivo emitido por veículos e fábricas. A redução do tráfego aéreo também tem contribuído para a melhoria da qualidade do ar.</p> <p>(VIVO)</p> <p>Um estudo da conceituada Universidade de Stanford, nos Estados Unidos da América, estima que a diminuição dos níveis de poluição poderá ter salvo 77 mil pessoas e isto só na China. Mesmo com os cálculos mais conservadores, a Universidade americana afirma que são cerca de 20 vezes mais as vidas salvas, do que aquelas que se perderam com o vírus. Na China, a redução dos gases nocivos foi ainda mais brutal como se pode ver nestas imagens comparativas entre janeiro e fevereiro deste ano. Segundo os cientistas da NASA, a Agência espacial norte americana, nunca antes tinha sido registada uma diminuição tao drástica e numa área tao ampla como agora. Sinais de esperança, o aviso dos tempos, do tempo e da vida, cada vez mais imprevisíveis”.</p>
Resumo	Com transportes e fábricas a parar, está a dissipar-se a nuvem tóxica de poluição sobretudo em praticamente todo o lado. Na China e Itália a redução dos gases é mais acentuada.
Palavra chave	Poluição, redução de gases nocivos, dióxido de azoto
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 20/03/2020	
Dia 21/03/2020	
Dia 22/03/2020	
Dia 23/03/2020	
Dia 24/03/2020	
Dia 25/03/2020	
Dia 26/03/2020	
Dia 27/03/2020	
Título	Sem título
Jornalista	Pivô José Alberto Carvalho
Hora	21h44m
Duração (m:s)	01:08
Notícia	<p>“Os fogos florestais na Austrália constituíram umas das mais dramáticas situações de destruição da natureza, dos últimos tempos e também um dos mais profundos sinais das alterações climáticas. Os fogos gigantescos e descontrolados prolongaram-se durante meses, desde julho do ano passado ate ao mês de janeiro, agora quando o coronavírus já fazia vítimas na China. Nos incêndios morreram 26 pessoas e mais de mil milhões de animais, foram dizimadas espécies animais e vegetais que só existem, são endémicas da Austrália. Os incêndios demonstraram a fúria da natureza ou a busca do seu próprio equilíbrio e poucas semanas depois confirma-se a lei de Lavoisier. Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Cascas de árvores regeneram-se, brotam pontos verdes na terra queimada, surgem flores, os marsupiais procuram de novo comida e espaço para os seus descendentes, fetos confirmam a força da vida. Há sempre um recomeço.”</p>
Resumo	Consequências dos fogos na Austrália a nível da natureza e representam os sinais das alterações climáticas. Várias espécies foram dizimadas, mas a natureza, agora está a regenerar-se.
Palavra chave	Alterações climáticas
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
Dia 28/03/2020	
Título	Quarentena trava aquecimento global
Jornalista	Fernanda Teixeira
Hora	20h59m

Duração (m:s)	02:54
Notícia	<p>“Em tudo haverá um antes e um depois da Covid-19, uns mais cedo outros mais tarde, com mais ou menos resistência crescem os países que em todo o mundo decretam medidas para combater a propagação do surto. Há cidades, até países em isolamento e o planeta já agradece. Pessoas em confinamento, muitas em teletrabalho, ruas vazias tráfego automóvel reduzido ao mínimo, a atmosfera respira de alívio. (VIVO)</p> <p>Uma redução da poluição em apenas dez dias, de 14 a 25 de março em comparação com a média mensal de concentrações em 2019, o mapa do antes e depois fala por si. Em Portugal, em Espanha, os pontos encarniçados, feridas causadas pela grande concentração de dióxido de nitrogénio vão dando lugar a uma cor rosa de ar mais desanuviado. Os dados são captados pelo satélite europeu Copernicus da Agência espacial europeia. É também assim em França, em Paris habitualmente vista e sentida entre a bruma do fumo a diferença é visível. Em Itália é igual, de Milão onde a poluição é extrema, até Roma e Florença, cidades de beleza histórica, de elevada população e procuradas por milhões de turistas. (VIVO)</p> <p>Quando vemos as imagens da atual Veneza, protegida pelo isolamento a diferença é da noite para o dia. E do outro lado do Atlântico não é diferente, nos Estados Unidos da América, a maior economia do mundo e das que mais exige ao planeta, também já há um antes e um depois. O mapa de Nova Iorque não podia ser mais eloquente. E o mesmo na China, onde tudo começou. A epidemia do novo coronavírus e o isolamento da população, a queda do dióxido de carbono já permite agora um vislumbre de respiração do homem e do planeta”.</p>
Resumo	10 dias de isolamento deixam o planeta menos poluído. Satélites da agência espacial europeia revelam dados animadores, onde os focos de poluição reduziram.
Palavra chave	Poluição, aquecimento global, dióxido de nitrogénio (gás com efeito de estufa)
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 29/03/2020	
Dia 30/03/2020	
Dia 31/03/2020	
Dia 1/04/2020	
Título	Qualidade do ar melhora em Lisboa e no Porto
Jornalista	Pivô Pedro Pinto
Hora	20h45m
Duração (m:s)	01:02
Notícia	<p>“A redução da atividade económica e da mobilidade reduziu de forma drástica as emissões de dióxido de azoto. Em Lisboa a queda chegou aos 80% e em alguns locais do Porto aos 60%. O dióxido de azoto é um gás que resulta da queima de combustíveis fósseis utilizados nos motores de carros e na indústria. Entre os dias 10 e 18 de março, a observação dos peritos do Centro Internacional de Investigação do Atlântico revelou uma descida muita acentuada dos níveis de poluição. Ao mesmo tempo a monitorização das emissões de dióxido de azoto mostra um aumento do nível da qualidade do ar durante o período de emergência nacional, decretado pelo surto de Covid-19. A agência europeia do ambiente já tinha também confirmado uma grande redução nas concentrações de poluentes atmosféricos na Europa, em alguns locais a queda foi para metade do que se regista habitualmente”.</p>

Resumo	As medidas do estado de emergência fazem reduzir as emissões de dióxido de azoto. Estes gases resultam da queima de combustíveis fósseis. Na Europa há zonas que reduziram para metade.
Palavra chave	Dióxido de azoto (gás com efeito de estufa), poluição
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 2/04/2020	
Dia 3/04/2020	
Dia 4/04/2020	
Título	Redução inédita na emissão de gases poluentes
Jornalista	Isabel Loução Santos
Hora	21h34m
Duração (m:s)	01:49
Notícia	“É uma redução das emissões sem precedente em Portugal, conjugando a quebra nos consumos de gasóleo, gasolina e combustíveis para aviação, a paragem das centrais a carvão e o ligeiro recuo no consumo da eletricidade, diz a Associação Zero que se tem uma redução drástica das emissões de gases com efeito de estufa. No caso do CO2 menos 52 mil toneladas por dia, face a março do ano passado. As conclusões confirmam um outro estudo, revelado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, entre 10 a 28 de março, o dióxido de azoto, gás que resulta da queima de combustíveis fósseis, caiu 80% em algumas zonas de Lisboa e 60% no Porto. Um alívio para o ambiente que se repete pelo globo. A poluição atmosférica esta a cair drasticamente e a poluição sonora também. Em Paris o ruído passou a reduzir-se em 90%, substituído agora pelo chilrear dos pássaros, que lembram aos habitantes das maiores capitais mundiais que as ruas também são deles. Um período longo, mas necessariamente curto para regenerar o que já foi destruído no meio natural. A retoma económica forte, como se pretende, vai fazer destes dias passado e talvez futuro ainda mais adiado”.
Resumo	Associação zero estima queda de 52mil toneladas de dióxido de carbono por dia. Dados comparados a março do ano passado. Entre 10 a 28 de março o dióxido de azoto, caiu 80% em algumas zonas de lisboa e 60% no Porto.
Palavra chave	Dióxido de carbono, dióxido de azoto, gases com efeito de estufa, poluição
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 5/04/2020	
Dia 6/04/2020	
Dia 7/04/2020	
Título	Níveis de poluição caem a pique
Jornalista	Pivot Pedro Pinto
Hora	21h09m
Duração (m:s)	01:09
Notícia	“Com milhões de indianos em confinamento em casa a qualidade do ar no país aumentou de forma significativa. Os efeitos mais notórios são na capital, Nova Deli, a cidade mais poluída do mundo. Há muito que os monumentos não eram visíveis desta forma, apenas com o céu azul por de trás, é o caso do palácio presidencial ou da porta da Índia, dois dos mais emblemáticos locais de Nova Deli. A Índia é um dos países do mundo onde mais se sentem os efeitos da poluição atmosférica. Em 2019, mais de metade das cidades mais poluídas do mundo eram indianas, em novembro foi declarada emergência de saúde pública devido aos níveis de poluição em Nova Deli. Nas últimas semanas, depois da imposição do confinamento a tendência inverteu-se e os valores caíram de forma drástica”.

Resumo	Milhões de indianos em casa, a qualidade melhorou de forma significativa. A cidade mais poluída do mundo, nova deli, há muito que os monumentos não eram vistos só com o céu azul por trás. Um dos países onde mais se sente os efeitos da poluição mundial. Últimas semanas após o confinamento, a tendência inverteu-se e os valores caíram de forma drástica”.
Palavra chave	Poluição
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 8/04/2020	
Dia 9/04/2020	
Dia 10/04/2020	
Dia 11/04/2020	
Dia 12/04/2020	
Título	Planeta respira melhor
Jornalista	Laura Ravéra
Hora	21h06m
Duração (m:s)	02:00
Notícia	<p>“Baste olharmos para o antes e o depois para perceber que o mundo frenético como o conhecíamos está interrompido. Chora a economia, mas rejubila o meio ambiente, porque nem tudo é mau. O ar está mais limpo, as nuvens cinzentas que cobriam as grandes cidades desapareceram, nas ruas respira-se melhor porque estamos em casa. Na poluída Índia, por exemplo, há muito tempo que não se viam os Himalaias, mas agora a poluição no ar baixou de tal maneira que estas fotografias se tornaram virais. A mais alta cadeia montanhosa do mundo cedia até agora a imponência à poluição que reduziu mais de 40%. Mas aqui em Lisboa também há boas notícias.</p> <p>(VIVO)</p> <p>Rápido se percebe porquê, depois de vermos congelada a rotunda do Marquês de Pombal, que em 2012 alterou as normas de circulação precisamente para baixar os níveis de poluição.</p> <p>(VIVO)</p> <p>E é assim no mundo inteiro. As principais grandes cidades, motores da economia mundial e promotoras da poluição pararam o tempo e dão tempo ao planeta, que gira a respirar melhor”.</p>
Resumo	Descida dos índices de poluição atinge níveis históricos em todo o mundo
Palavra chave	Poluição
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 13/04/2020	
Dia 14/04/2020	
Dia 15/04/2020	
Dia 16/04/2020	
Dia 17/04/2020	
Título	Impacto da pandemia no ambiente
Jornalista	Catarina Canelas
Hora	20h40m
Duração (m:s)	02:07
Notícia	<p>“É como se o mundo não girasse. Aviões em terra, barcos atracados, carros, autocarros e comboios parados, fábricas encerradas, metade da população mundial confinada em casa e tudo isto, contribuiu para uma queda acentuada das emissões de carbono, que pode chegar aos 5%, o que não acontecia desde a II Guerra Mundial.</p> <p>(VIVO)</p> <p>É quase duas vezes mais do que a queda recorde, a que assistimos depois da crise financeira de 2008, mas esta é uma queda que se deve</p>

	à pandemia e não a mudanças estruturais com esse propósito e por isso tem os dias contados. (VIVO) Os cientistas alertam que o tempo, o pouco tempo pode não ser suficiente para aliviar a concentração dos gases de efeito de estufa acumulados na atmosfera durante décadas. As Nações Unidas reiteram que este mesmo escasso tempo é o que temos de aproveitar para mudar”.
Resumo	Corona pode causar maior queda de emissões CO2 desde a II Guerra Mundial.
Palavra chave	Emissões de gases com efeito de estufa, poluição, aquecimento global
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 18/04/2020	
Dia 19/04/2020	
Dia 20/04/2020	
Dia 21/04/2020	
Dia 22/04/2020	
a) Título	Abertura do <i>Jornal das 8</i>
Jornalista	Pivô José Alberto Carvalho
Hora	19h57m
Duração (m:s)	03:02
Notícia	“Esta é a fotografia mais publicada de sempre, representa o primeiro momento em que um ser humano viu a Terra a partir do Espaço. A exclamação do autor da fotografia, o astronauta William Anders que estava em órbita foi simples: que lindo. Chama-se a fotografia “o nascer da Terra”. Dois anos depois desta fotografia ter sido tirada, um grupo de pessoas celebrou pela primeira vez o dia da Terra, foi há 50 anos. E o que aconteceu neste escasso lapso de tempo? Há poucos meses as florestas ardiam na Austrália, extinguíam-se colónias de animais e plantas raras. A Sibéria tinha temperaturas de primavera, Nova Deli fechou, não por causa de um vírus, mas por causa da poluição atmosférica. O gelo estava mais fino do que nunca. Agora o mundo parou, os seres humanos limitam-se a sobreviver. E o que acontece? Os animais voltaram, as cores voltaram. Há pássaros pretos de bico laranja. As cidades, Nova Deli incluída saíram do nevoeiro, as águas nos mares e nos canais de Veneza estão azuis da cor do céu, o céu que nos protege. Pode parecer provocador, mas as consequências do novo vírus não são todas dramáticas, para o planeta que nos acolhe o vírus significa um momento de alívio e um suspiro profundo”.
Resumo	O Jornal iniciou com a primeira fotografia da Terra a partir do espaço (O nascer da Terra). Vídeo sobre os 50 anos desde que este dia é comemorado, mostrando os problemas que a Terra tem sido vítima. Incêndios, temperaturas incomuns, poluição atmosférica, degelo... Mas, perante isto, viu-se uma mudança durante a pandemia do COVID, os animais voltaram a andar livremente por todo o lado, enquanto os humanos estão em casa. A poluição diminuiu. Águas mais limpas (mar).
Palavra chave	Poluição, degelo.
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
b) Título	Sem título
Jornalista	Pivô José Alberto Carvalho
Hora	20h
Duração (m:s)	01:16
Notícia	“O suspiro do planeta também se mede olhando para este mapa de uma organização internacional que mede a qualidade do ar em tempo real. As manchas verdes e azuis é onde a atmosfera está mais limpa. As

	manchas amarelas, progressivamente laranjas e vermelhas são aquelas que indiciam maior concentração de elementos poluentes, nomeadamente dióxido de carbono, nitrato de azoto e outras substâncias químicas. Olhando para o mapa como é apresentado na página desta organização na internet, que mede a qualidade do ar, observamos esta circunstância completamente inédita. Isto aqui é a Europa, está toda verde e onde temos manchas de poluição é sobretudo em África, no Médio Oriente, em algumas zonas da China, nomeadamente em Cantão e nas províncias do Sudeste da China. A esmagadora maioria do planeta respira agora bastante melhor do que alguma vez aconteceu nas últimas décadas”.
Resumo	Apresentaram um mapa do mundo, que representa a qualidade do ar, com base nos dados da organização que não consegui ler. A Europa está com qualidade verde e onde há mais poluição é em África, no medio oriente e na China.
Palavra chave	Dióxido de carbono, nitrato de azoto (gases com efeito de estufa)
Tema	Consequências da Covid-19
c) Título	Dia internacional da Terra
Jornalista	Pivot José Alberto Carvalho
Hora	21h35m
Duração (m:s)	02:33
Notícia	“Retomo agora o suspiro inicial deste noticiário. O alívio do planeta que, com a humanidade em casa, está a respirar muito melhor. O Secretário Geral das Nações Unidas António Guterres propôs à comunidade internacional seis ações para salvar o planeta, numa mensagem para assinalar este Dia Internacional da Terra. (VIVO)”
Resumo	António Guterres propõe seis ações para salvar o planeta O planeta respira melhor com todos em casa. Guterres deixa uma mensagem. O COVID é o maior teste que o mundo enfrentou desde a II Guerra Mundial. “O impacto da Covid-19 é imediato e terrível”. “A rutura climática está a chegar a um ponto sem retorno”. Devemos proteger o ambiente. Promove uma sociedade mais verde e sustentável. Os poluidores devem pagar a sua poluição.
Palavra chave	rotura climática, poluição, gases com efeito de estufa
Tema	Leis e medidas
d) Título	<i>Planetiers World Gathering</i> : adiado para outubro
Jornalista	Pivot José Alberto
Hora	21h38m
Duração (m:s)	06:12
Notícia	“Se o vírus não tivesse surgido, Portugal estaria a receber a partir de hoje um dos maiores inventos internacionais sobre empreendedorismo e sustentabilidade. O <i>Planetiers World Gathering</i> foi, no entanto, para o outono. Sérgio ribeiro é o autor da ideia responsável pela a organização, está agora em direto neste <i>Jornal das 8</i> . - Muito boa noite Sérgio, temos ouvido muito as pessoas desejarem um regresso à normalidade, mas a minha pergunta neste dia da terra ao organizador do <i>Planetiers World Gathering</i> é esta. O novo normal deve ser o antigo normal ou precisamos de um melhor normal? - Muita boa noite José Alberto e obrigado pelo convite. Realmente essa é umas das perguntas que mais nos desafia neste momento e acho para tomarmos as decisões certas muitas vezes temos que perceber qual será o caminho que podemos tomar correto, mas também precaveremos do errado. Há aqui um risco muito grande de os agentes económicos e

	<p>governamentais acharem que o país ou o planeta já respirou durante estes meses e agora temos que pôr o pé no acelerador para recuperar a economia. Aí corremos o risco de voltar ao sistema antigo, ou seja, e as provas que temos visto cada vez mais das consequências e das respostas que o planeta tem dado a este sistema e como temos funcionado é que não podemos voltar ao sistema antigo. A boa situação que estamos a viver digamos assim é que fomos obrigados a parar e talvez repensar a forma como estávamos a operar no comércio, na economia, na governância e podemos realmente abrir aqui portas para um futuro mais risonho do planeta e da humanidade. Nunca esquecendo do que estamos a falar aqui e da sobrevivência de uma simbiose que há entre este planeta, o melhor que ele nos dá e a sobrevivência da humanidade como nos estamos a operar porque o planeta continua. Nós é que temos que equilibrar a nossa existência nestes ecossistemas.</p> <p>- Sérgio mas entretanto e pegando nessas mesmas palavras e nessas ideias por exemplo o facto de uma parte significativa das empresas e das atividades ter transferido o seu trabalho para teletrabalho em casa, está a mostrar desde logo que afinal é possível. Em algumas empresas estão até a concluir que é mais eficiente, do que a situação anterior. O teletrabalho, por exemplo, que se demonstra agora por obrigação, que é possível, pode dar um enorme contributo, se for encarado de forma estruturada, sustentável a longo prazo para uma extraordinária melhoria, seja na vida das pessoas, seja na vida do planeta, porque reduz-se desde logo a mobilidade das pessoas.</p> <p>- Sem dúvida e não esquecer a quantidade de viagens internacionais que acontecem de negócios e acho que isso é apenas um dos casos que somos obrigados a testar uma forma mais sustentável e é a prova que as vezes sustentabilidade é eficiência. Eficiência que vai tocar na parte económica, na porta financeira e vai mais do que tudo tocar num dos pontos que o Professor x, premio novel, que teve a sua intervenção da abertura que menciona no equilíbrio que não podemos ignorar e devemos assentar sobre todas as decisões que temos sobre economia, sociedade e ambiente. Estamos num momento inédito, nunca vimos o efeito borboleta, como o bater das asas da borboleta, como é explicado, cria um furacão do outro lado. Neste momento estamos a ver como um morcego, que foi realmente a causa agora comprovada deste vírus, vai afetar a economia global. Como é que uma pessoa comer um morcego infetado na China, esgota o papel higiénico em Portugal? Ou seja, é um efeito borboleta de tal forma que se não equilibrarmos tudo, se não pensarmos numa forma de recuperar a economia de forma sustentada, ligada ao ambiente, nós não vamos ter um futuro prospero. Temos de olhar a 10 anos. (...) Isto nem considerando o impacto negativo que já assistimos das alterações climáticas que anualmente estamos a ter 5,3 triliões de dólares por ano.</p> <p>- Ou seja, haverá oportunidades imensas se a humanidade decidir mudar o paradigma de organização, de trabalho e de economia em que tem vivido de grosso modo nos últimos trezentos anos. Muito obrigada, contamos com o <i>Planetiers World Gathering</i>, que reúne personalidades muito significativas de todo o mundo e que está marcado para o outono, assim que o vírus nos permita”.</p>
Resumo	<p>Inovação sustentável conquista ainda mais importância com pandemia no planeta</p> <p>Entrevista a Sérgio Ribeiro, diretor executivo do <i>Planetiers</i>. Perceber qual o caminho correto a seguir. Perceber como estávamos a trabalhar e o que não devemos fazer. O teletrabalho pode melhorar o planeta, pois reduz a mobilidade das pessoas (nacional e internacional). “Pé no</p>

	acelerador para recuperar, há o risco de cairmos no sistema antigo”. Como o efeito borboleta do morcego, fez com que tudo mudasse e estava no outro lado do mundo. Há que recuperar a economia de forma sustentável.
Palavra chave	Ambiente, alterações climáticas
Tema	Outros
e) Título	Locais de todo o mundo desertos
Jornalista	Sem indicação
Hora	21h44m
Duração (m:s)	01:52
Notícia	“O mundo parou, um vírus invisível torna-se uma ameaça global. Uma pandemia que não conhece raças, idades, países, estatutos sociais e económicos. Nos quatro cantos do mundo as ruas estão desertas, o silêncio impera. O barulho do trânsito de Nova Iorque ficou mudo, na Fontana de Trevi em Itália, já não há turistas a atirar a moeda da sorte. Nas praias da República Dominicana e do Rio de Janeiro não há toalhas estendidas. Observamos agora, mais do que nunca que o problema de um único habitante do planeta, é o problema de todos. A cada dia regeneramos com a esperança que na vida nada é permanente, tudo passa, mas até lá fique em casa”.
Resumo	Copacabana sem toalhas estendidas e a Fontana de Trevi em Roma sem turistas. As alterações climáticas são invisíveis, são uma consequência dos Incêndios, degelo. A camada de ozono e o aquecimento não vemos. O vírus é igualmente invisível, só vemos consequências, as ruas desertas. Mas as cores voltaram as cidades poluídas, porque o mundo parou. Cidades desertas.
Palavra chave	Alterações climáticas, degelo, aquecimento global
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 23/04/2020	
Dia 24/04/2020	
Dia 25/04/2020	
Dia 26/04/2020	
Dia 27/04/2020	
Dia 28/04/2020	
Dia 29/04/2020	
Dia 30/04/2020	
Dia 1/05/2020	
Dia 2/05/2020	
Título	Fenómeno registado em Março já desapareceu
Jornalista	Rolando Santos
Hora	21h08m
Duração (m:s)	01:40
Notícia	“Com a mesma rapidez com que abriu, fechou. Em março, a Agência Espacial Europeia detetou sobre o Ártico um buraco na camada do ozono, cerca de dez vezes maior que Portugal. Era o maior ali detetado desde 2011. A 1 de maio a Organização meteorológica mundial anunciou que o buraco já não existe. O seu aparecimento deveu-se à ação de ventos fortes durante o inverno, que prenderam grandes quantidades de ar frio sobre o Pólo Norte. Com o fim da noite Ártica no início da Primavera, o calor solar conjugado com a poluição atuou sobre essas camadas de ar reduzindo o ozono. Os peritos garantem que nada disto tem a ver com os efeitos da pandemia no ambiente. Devido aos confinamentos, a poluição global caiu a pique desde março. Há 30

	anos a redução do ozono na atmosfera da Terra era o grande problema ambiental que ameaçava a humanidade. Enormes buracos sobre os polos do planeta aumentam de ano para ano e punham em risco todas as formas de vida. O ozono é uma espécie de guarda sol da Terra para os piores efeitos da radiação. A causa do aparecimento desses buracos era a emissão para a atmosfera dos chamados gases CFC, usados no ar condicionado, nos frigoríficos e noutros equipamentos. Em 1987 todos os países do mundo assinaram um acordo para pôr fim à produção dos CFC e desde então os buracos na camada de ozono têm sido reduzidos ou mesmo eliminados”.
Resumo	Buraco na camada de ozono detetado sobre ártico foi revertido. Em março a agência espacial europeia detetou sobre o Ártico um buraco na camada de ozono cerca de 10x maior que Portugal, era o maior registado desde 2011. A 1 de maio foi anunciado que já não existe, este buraco deveu-se à ação de ventos fortes durante o inverno que prendeu grandes quantidades de ar frio sobre o polo Norte. Com o fim da noite ártica no início da primavera o calor solar, juntamente com a poluição atuaram sobre essas camadas de ar reduzindo o ozono. Especialistas dizem que nada tem a ver com os efeitos da pandemia. Devido ao confinamento a poluição global caiu a pique desde Março. Há 30 anos a redução do ozono era o grande problema ambiental, os buracos aumentavam de ano para ano (o ozono protege-nos de radiações). Em 1987 os países acordaram reduzir os gases CFC e por isso os buracos têm reduzindo ou sendo eliminados.
Palavra chave	Poluição, ambiente
Tema	Fenómenos climáticos atípicos
Dia 3/05/2020	
Dia 4/05/2020	
Dia 5/05/2020	
Dia 6/05/2020	
Dia 7/05/2020	
Dia 8/05/2020	
Dia 9/05/2020	
Dia 10/05/2020	
Dia 11/05/2020	
Dia 12/05/2020	
Dia 13/05/2020	
Título	Coronavírus ameaça tribos indígenas
Jornalista	Catarina Canelas
Hora	21h14m
Duração (m:s)	02:43
Notícia	<p>“É uma luta pela sobrevivência em pleno século XXI. Preparam-se mantimentos, não há tempo para despedidas de um lugar que é casa de sempre. As canoas são o meio de fuga ao vírus desta comunidade indígena no Equador que teme pela sua extinção. (VIVO)</p> <p>Os mais novos e os mais velhos são os primeiros a partir para o interior da selva Amazónica, na esperança de que a infeção lá não chegue. São movidos pela História que não os deixa esquecer, que a varíola e outras epidemias como o sarampo e a gripe, levadas pelos colonizadores até às américas a partir dos finais do século XIV, provocaram a extinção de 80% dos povos indígenas locais. (VIVO)</p>

	<p>O medo espalhou-se. As comunidades indígenas de toda a Amazônia gritam ao mundo por ajuda e já foi criado um fundo de emergência internacional.</p> <p>(VIVO – os povos indígenas de toda a Amazônia são a última linha de defesa contra a destruição das florestas e a nossa maior esperança de mitigar as alterações climáticas)</p> <p>Não se trata agora só e apenas de contrariar o passado e temer que estas comunidades não sobrevivam para contar um novo capítulo da história, em causa está toda a humanidade”.</p>
Resumo	Comunidades indígenas temem a sua extinção, como já aconteceu no passado, por causa de doenças trazidas pelos exploradores. A existência dos índios impede a destruição das florestas, que é a maior esperança de mitigar as alterações climáticas.
Palavra chave	Alterações climáticas
Tema	Consequências da Covid-19
Dia 14/05/2020	
Dia 15/05/2020	
Dia 16/05/2020	
Dia 17/05/2020	
Título	Temperatura do ar atinge valores recorde
Jornalista	Pivô José Alberto Carvalho
Hora	21h33m
Duração (m:s)	00:49
Notícia	<p>“Em Portugal talvez não se tenha dado muito por isso, mas o mês de abril foi um dos meses mais quentes desde que há registo e atingiu os valores record de abril de 2016 que foi considerado o mais quente de sempre. Os dados são os do Observatório Europeu Copernicus que registou subidas acentuadas sobretudo no Norte e Centro dos Continentes Europeu e Asiático. Na Suíça, por exemplo, a temperatura média do ar aumentou três graus centígrados, em França terá sido o terceiro mês de abril mais quente desde o início do século vinte. Perante os dados disponíveis nesta altura, diversas entidades internacionais alertam que este ano pode vir a ser o mais quente desde que há registo ou seja 1980”.</p>
Resumo	O mês de abril foi um dos mais quentes desde que há registo, ultrapassando o ano de 2016. O observatório europeu registou subidas acentuadas sobretudo no Norte e Centro da Europa e Ásia. A temperatura média do ar na Suíça aumentou 3 graus centígrados. Diversas entidades internacionais alertam que este pode ser o ano mais quente desde 1980.
Palavra chave	Alterações da temperatura – não é usado este termo, mas é onde se insere
Tema	Fenómenos climáticos atípicos

Anexo 5. Peças jornalísticas onde o autor colaborou na produção



Emissão da peça sobre o dia do animal de estimação, 20 de fevereiro de 2020 (*Link de acesso:* <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/5e4f0c1e0cf2f02ca42dbf95>)



Emissão da peça sobre a dieta mediterrânica, 10 de outubro de 2020 (*Link de acesso:* <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/video/5f8219600cf2ae07a2545468>)

Anexo 6. Notícias escritas pelo autor, publicadas no *site* da TVI24

Homem faz explodir parte da casa enquanto matava uma mosca

Idoso usava uma mata-moscas elétrico e não contava com a fuga de gás, que provocou a explosão

2020-09-07 11:05 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/idoso/homem-faz-explodir-parte-da-casa-enquanto-matava-uma-mosca>

Idosa pede para morrer depois de seis meses sem visitas no lar

A filha pede que o Governo britânico retome as visitas aos lares, avançando com a testagem de todos os visitantes

2020-09-07 13:07 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/covid-19/idososa-pede-para-morrer-depois-de-seis-meses-sem-visitas-no-lar>

Aqui treinam-se cães para detetar coronavírus

Os beagles e os pastores alemães são as raças mais capazes para detetar o odor.

2020-09-07 16:45 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/namibia/aqui-treinam-se-caes-para-detetar-coronavirus>

Governo alemão atribui 300 euros de "abono do coronavírus" por cada filho

A partir de dia 7 de setembro, na Alemanha, todos os pais passarão a receber 300 euros por cada criança, com o intuito de combater a crise económica causada pelo coronavírus e incentivar o consumo.

2020-09-07 17:13 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/covid-19/governo-alemao-atribui-300-euros-de-abono-do-coronavirus-por-cada-filho>

Surfista morto por tubarão em praia repleta de turistas

É o primeiro ataque mortífero de tubarão em 60 anos na região Coolangatta, em Queensland, na Austrália

2020-09-09 13:04 / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/primeiro-ataque-mortifero-de-tubarao-em-60-anos-na-australia>

Não há oxigénio na Lua, mas há ferrugem

A Lua não tem oxigénio, nem água no estado líquido, mas foi encontrada ferrugem na sua superfície. Um grupo de investigadores da NASA e de várias universidades dos Estados Unidos têm uma possível explicação

2020-09-09 19:50 / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/tecnologia/terra/nao-ha-oxigenio-na-lua-mas-ha-ferrugem>

17 horas separaram calor intenso de neve no Colorado

As temperaturas elevadas que se fizeram sentir ao longo do fim de semana, no Colorado, Estados Unidos, foram drasticamente revertidas com a passagem de uma frente fria vinda do Canadá. Os termómetros passaram dos 34 graus para temperaturas negativas

2020-09-10 11:39 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/as-17h-que-separaram-calor-intenso-de-neve-no-colorado>

VIOLAÇÃO DE IDOSA DE 86 ANOS NA ÍNDIA CAUSA ONDA DE INDIGNAÇÃO

De acordo com as autoridades indianas, foram registados 33.977 casos de violação na Índia em 2018, último ano com dados disponíveis. Isso equivale a uma violação a cada 15 minutos

2020-09-10 20:05 / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/violacao-de-idosa-de-86-anos-causa-indignacao-na-india>

COBRA DE 62 ANOS PÕE OVOS SEM ESTAR EM CONTACTO COM MACHO HÁ 30 ANOS

A pitão-real é a única cobra conhecida a pôr ovos numa idade tão avançada

2020-09-11 12:02 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/cobra-de-62-anos-poe-sete-ovos-sem-estar-em-contacto-com-macho>

STEVIE LEE, ESTRELA DE “JACKASS”, MORRE AOS 54 ANOS

O ator norte-americano, conhecido por muitos pela alcunha de “Puppet, the Psycho Dwarf” ou em português “Fantoche, o anão psicótico”, morreu em casa

2020-09-11 12:53 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/stevie-lee-estrela-de-jackass-morre-aos-54-anos>

HERDEIRA DA GUCCI ACUSA EX-PADRASTO DE ABUSO SEXUAL. MÃE E AVÓ SABIAM DE TUDO

Alexandra Zarini avançou com uma ação em tribunal, na qual confessou que foi abusada sexualmente durante dezasseis anos por Joseph Ruffalo, o ex-marido da mãe

2020-09-11 23:34 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/alexandra-zarini/herdeira-da-gucci-processa-ex-padrasto-por-abuso-sexual-mae-e-avo-sabiam-de-tudo>

SEM FILTROS: A CAMPANHA DE UMA MAQUILHADORA PARA MOSTRAR POROS E RUGAS NAS REDES SOCIAIS

Sasha Pallari quer que os cibernautas deixem de ser dependentes dos filtros e passem a mostrar a realidade sem disfarces

2020-09-14 15:50 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/sem-filtros-a-campanha-de-uma-maquilhadora-para-mostrar-poros-e-rugas-nas-redes-sociais>

AUTORIDADES PROCURAM PANTERA QUE ESTÁ À SOLTA EM GRANADA

Um animal, que aparenta ser uma pantera negra, foi avistado por moradores de Ventas de Huelma, Granada. A Guardia Civil faz as buscas com patrulhas terrestres, câmaras térmicas e a mobilização de um helicóptero

2020-09-15 20:11 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/pantera-negra/autoridades-procuram-pantera-que-esta-a-solta-em-granada>

ESTE AEROPORTO RECEBEU A CLASSIFICAÇÃO MÁXIMA DE SEGURANÇA "ANTI-COVID"

Foi o primeiro aeroporto do mundo a receber a classificação máxima para a segurança contra a covid-19.

2020-09-15 17:47 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/aeroporto-de-roma-recebe-premio-de-cinco-estrelas-anti-covid>

EUA: REVOGADA LEI QUE PROIBIA CIDADÃOS DE USAR CALÇAS LARGAS E ABAIXO DA CINTURA

A comissão municipal da cidade de Opa-Locka, na Flórida, revogou uma lei que tinha sido aprovada há 13 anos

2020-09-16 17:20 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/eua-revogada-lei-que-proibia-cidadaos-de-usar-calcas-largas-e-abaixo-da-cintura>

HOMEM USA COBRA COMO MÁSCARA EM AUTOCARRO DE MANCHESTER

Passageiro utilizava aquilo que parece ser uma pitão à volta do pescoço e da boca

2020-09-16 17:00 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/cobra-e-utilizada-para-substituir-mascara-num-autocarro-britanico>

"MEDICANE", UM RARO FURACÃO QUE ESTÁ A DEVASTAR O SUL DA GRÉCIA

Chama-se Ianos e já obrigou as autoridades a emitirem um alerta vermelho

2020-09-18 17:21 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/a-tempestade-medicane-ianos-esta-a-causar-estragos-na-grecia>

BALEIA PERDE-SE E FICA PRESA EM RIO CHEIO DE CROCODILOS DURANTE 17 DIAS

Animal perdeu a orientação na altura da migração

2020-09-21 18:16 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/baleia-jubarte-escapa-ao-fim-de-17-dias-pres-num-rio-habitado-por-crocodilos-na-australia>

PROTAGONISTA DE SÉRIE JUVENIL PRESO POR PORNOGRAFIA INFANTIL

Jeremiah Harris, um dos protagonistas da série "Cheer", pode ser condenado a 30 anos de cadeia

2020-09-21 12:53 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/ator-de-serie-juvenil-da-netflix-pres-por-pornografia-infantil>

MORREU O "LEOPARDO DAS NEVES", O PRIMEIRO HOMEM A ESCALAR O MONTE EVERESTE 10 VEZES

Ang Rita morreu na segunda-feira aos 72 anos

2020-09-22 12:12 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/morreu-ang-rita-sherpa-o-primeiro-homem-a-escalar-o-monte-evereste-10-vezes>

AQUECIMENTO GLOBAL CRIA DEFORMAÇÕES NO SOLO E AMEAÇA CASAS NA SIBÉRIA

Aquecimento do subsolo permanentemente congelado é responsável pela formação de cavidades alagadiças que alteram a paisagem siberiana

2020-09-22 18:12 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/as-alteracoes-climaticas-estao-a-provocar-danos-irreversiveis-na-siberia>

SISMOS SUBAQUÁTICOS PERMITEM ESTUDAR O AQUECIMENTO DOS OCEANOS

Os cientistas descobriram uma nova forma de medir o aquecimento dos oceanos

2020-09-22 15:31 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/terramotos-subaquaticos-permitem-analisar-o-aquecimento-dos-oceanos>

VOCALISTA DE FOO FIGHTERS ENVOLVE-SE EM “BATALHA” E SURPREENDE BATERISTA DE DEZ ANOS

Desafiado por uma baterista de dez anos nas redes sociais para ver quem é o melhor baterista, Dave Grohl partilhou um vídeo que emocionou a pequena artista

2020-09-22 17:29 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/vocalista-de-foo-fighters-envolve-se-em-batalha-e-surpreende-baterista-de-dez-anos>

LUA AZUL VAI ILUMINAR A NOITE DE HALLOWEEN

Uma lua rara está vai ocorrer no próximo dia 31 de outubro

2020-09-23 13:02 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/tecnologia/outubro/lua-azul-vai-iluminar-a-noite-do-dia-das-bruxas>

ÁRVORE QUE DÁ ORIGEM AO XAROPE DE ÁCER ENFRENTA RISCO DE EXTINÇÃO

A exploração excessiva de madeira, as alterações climáticas, a desflorestação e os incêndios ameaçam a sobrevivência dos bordos

2020-09-23 19:03 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/bordo/arvore-que-da-origem-ao-xarope-de-acer-enfrenta-risco-de-extincao>

NOVO ASTEROIDE PASSA MUITO PERTO DA TERRA

O asteroide 2020 SW foi descoberto a 18 de setembro pelo Laboratório Lunar e Planetário da Universidade do Arizona. Passará tão perto da Terra que a gravidade do planeta irá alterar a sua velocidade e o seu percurso no Espaço

2020-09-24 12:58 / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/tecnologia/espaco/novo-asteroide-passa-muito-perto-da-terra>

BILLBOARD MUSIC AWARDS 2020: HÁ DUAS ARTISTAS FEMININAS QUE SE DESTACAM ENTRE OS NOMEADOS

Cerimónia da entrega dos prémios foi adiada para outubro e os nomeados foram conhecidos na última terça-feira

2020-09-24 21:36 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/billie-eilish/entre-os-nomeados-para-o-billboard-music-awards-2020-ha-duas-artistas-femininas-que-se-destacam>

URSO MATA CAÇADOR NO MAIOR ESTADO DOS EUA

Foi o primeiro ataque de um urso pardo no Parque Nacional Wrangell-St. Elias, Alasca. As autoridades iniciaram uma investigação

2020-09-24 21:24 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/urso-mata-homem-no-maior-estado-norte-americano>

RATO GIGANTE RECEBE MEDALHA DE OURO "POR BRAVURA" E SALVAR VIDAS

Herói de quatro patas fez em 30 minutos o que um humano levaria quatro dias a fazer

2020-09-26 18:56 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/acredite-se-quiser/camboja/rato-recebe-medalha-de-ouro-e-e-aclamado-heroi>

CONSUMO EXCESSIVO DE ALÇAÇUZ LEVA HOMEM À MORTE

Um homem norte americano consumiu diariamente alçaçuz preto, durante duas semanas e entrou em paragem cardíaca

2020-09-26 12:26 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/consumo-excessivo-de-alcacuz-leva-homem-a-morte>

CHINA QUER EVITAR IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS CONGELADOS A PAÍSES COM SURTOS DE COVID-19

Brasil, Indonésia e Rússia são, para já, os países afetados por esta medida

2020-09-28 12:48 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/pequim/china-quer-evitar-importacoes-de-produtos-congelados-a-paises-com-surtos-de-covid-19>

MULHER LIBERTADA SEIS ANOS DEPOIS DE SER CONDENADA POR SOFRER ABORTO ESPONTÂNEO EM EL SALVADOR

Desde 1998 que o país criminaliza qualquer forma de aborto. Quase 20 mulheres estão presas pelo mesmo motivo

2020-09-28 16:32 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/internacional/cindy-erazo/mulher-libertada-em-el-salvador-depois-de-condenada-por-sofrer-aborto-espontaneo>

ESTAS SÃO AS MELHORES IMAGENS AÉREAS DO MUNDO

Já são conhecidos os vencedores dos Drone Awards 2020

2020-09-28 19:12 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/geral/30-09-2020/os-vencedores-do-drone-awards-2020-foram-revelados>

EMOJIS: CONHEÇA O QUE AÍ VEM

Mais de duas centenas de novos emojis estão a chegar aos sistemas operativos Android, IOS e outros

2020-09-29 16:32 Redação / MS

Link: <https://tvi24.iol.pt/tecnologia/lancamento/emojis-conheca-o-que-ai-vem>

Anexo 7. Classificação de vídeos para o *Twitter* da TVI, realizadas pelo autor

Data: 9/09/2020



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1303748244460261376>



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1303746342582390791>



tvi24 @tvi24pt · 11 Sep

Pandemia está a afetar a saúde mental dos portugueses



Pandemia está a afetar a saúde mental dos portugueses | TVI24
Os pedidos de consultas de psiquiatria e psicologia têm aumentado nos últimos meses. O confinamento e a falta de emprego são alguns ...
tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1304430918980042756>



tvi24 @tvi24pt · 11 Sep

Trump proposto a nomeação para Prémio Nobel da Paz



Trump proposto a nomeação para Prémio Nobel da Paz | TVI24
No comício de campanha no Michigan, Trump anuncia a nomeação proposta por um deputado de direita norueguês para o Prémio Nobel...
tvi24.iol.pt



Link: não encontrado.



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Uso de máscara na via pública pode ser obrigatório em Guimarães



Uso de máscara na via pública pode ser obrigatório em Guimarães | ...
Guimarães tem registado cerca de 20 casos diários de covid-19. O
Presidente da Câmara apela ao Governo que o uso de máscara na via...
tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1304439793783369728>



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Aproveite. Estes podem ser os últimos dias de calor



Aproveite. Estes podem ser os últimos dias de calor | TVI24
Onze distritos estão em alerta amarelo durante o fim de semana por
causa do calor. A próxima semana traz a chegada do outono com a ...
tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1304446001453961227>



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Seca no Alentejo deixa agricultores sem rendimentos



Seca no Alentejo deixa agricultores sem rendimentos | TVI24

A seca no concelho de Santiago do Cacém está a prejudicar os agricultores. Alguns vêm-se obrigados a trocar as culturas de regad...

tvi24.iol.pt



 3

 7



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1304461107130662913>



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Encomendas de chás biológicos alentejanos dispararam durante a quarentena



Encomendas de chás biológicos alentejanos dispararam durante a qu...

Os produtos biológicos são cada vez mais a primeira opção. Para estes chás, as plantas utilizadas têm um objetivo específico. Durante a ...

tvi24.iol.pt





 2



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1304462400532418560>



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Ecovia do Rabaçal: percursos pedestres, escalada e canoagem atraem turistas



Ecovia do Rabaçal: percursos pedestres, escalada e canoagem atrae...
As atividades que se podem realizar na Ecovia do Rabaçal, em Valpaços, são várias ao longo de 60 quilómetros. Canoagem, pesca o...
tvi24.iol.pt

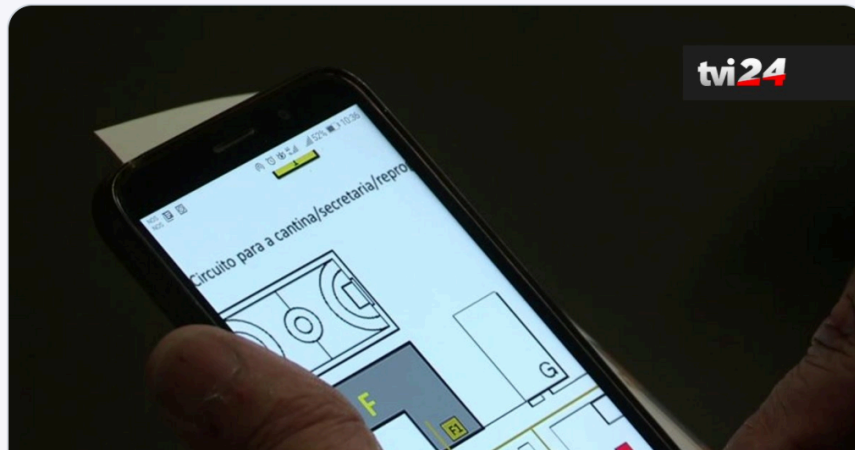


Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1304462419511709697>



tvi24  @tvi24pt · 11 Sep

Aplicação ajuda alunos do agrupamento de Canelas a evitar aglomerados



Aplicação ajuda alunos do agrupamento de Canelas a evitar aglomer...
A Escola de Canelas, em Vila Nova de Gaia, criou uma aplicação na qual os alunos podem consultar a entrada a que se devem dirigir par...
tvi24.iol.pt



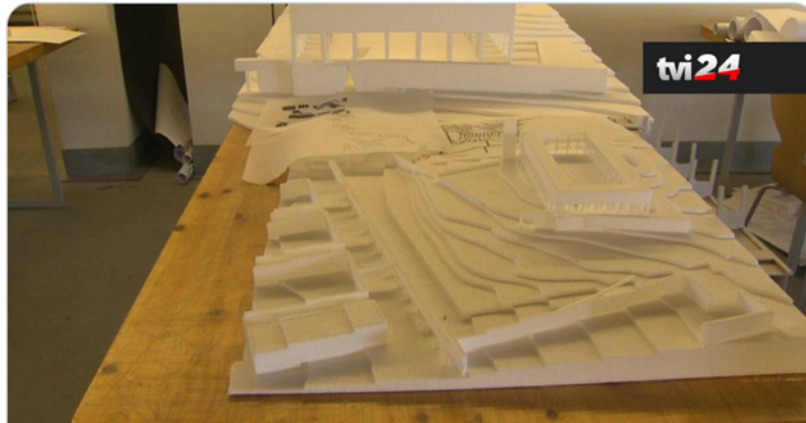
Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1304463574287503361>

Data: 17/09/2020



tvi24 @tvi24pt · 3h

Portugal ganha pela primeira vez uma bolsa para investir na arquitetura



Portugal ganha pela primeira vez uma bolsa para investir na arquitetura...
O Conselho de Investigação Europeu no domínio da arquitetura premiou Portugal com uma bolsa de um milhão e meio de euros. O ...
tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1306585055150714880>



tvi24 @tvi24pt · 3h

Chuva, trovoada e granizo devem manter-se até sábado



Chuva, trovoada e granizo devem manter-se até sábado | TVI24
O mau tempo ao longo do dia pode vir acompanhado por ventos forte e queda de granizo, o que coloca 16 distritos do país sob alerta ...
tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1306588839478136832>



tvi24 @tvi24pt · 3h

O impacto da covid-19 nas famílias numerosas



O impacto da covid-19 nas famílias numerosas | TVI24

Com o início do ano letivo, os pais adaptam-se às novas rotinas e procuram alternativas ao apoio que os avós não podem dar este ano. ...

tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1306593875956437002>



tvi24 @tvi24pt · 2h

Dicas para escolher a máscara certa para proteger as crianças e a carteira



Dicas para escolher a máscara certa para proteger as crianças e a ca...

Na lista de compras para o regresso às aulas a máscara é uma prioridade. A dificuldade é encontrar a certa para cada criança e a ...

tvi24.iol.pt



Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1306601919796989953>



tvi24  @tvi24pt · 2h

Novo calendário escolar: as férias mantêm-se, mas o ano letivo vai ser mais longo



Novo calendário escolar: as férias mantêm-se, mas o ano letivo vai se...
Para além das novas normas sanitárias, o calendário escolar também vai ser diferente. As férias de Natal, Carnaval e Páscoa mantêm-se, ...
tvi24.iol.pt



3



Link: <https://twitter.com/tvi24ultimas/status/1306605201542066177>



tvi24  @tvi24pt · 2h

Covid-19: taxa de transmissão na Europa atinge nível alarmante



Covid-19: taxa de transmissão na Europa atinge nível alarmante | TVI...
Por todo o mundo o número de infetados já vai quase nos 30 milhões e a Europa encontra-se agora num estado alarmante devido ao aument...
tvi24.iol.pt

1



Link: <https://twitter.com/tvi24pt/status/1306611518004490241>

Anexo 8. Entrevista à Jornalista Isabel Semedo

Jornalista da editoria de economia

Hora: 14h29m – 14h35m

Dia: 8/10/2020

P: Com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação, como é que as notícias da TVI sobre alterações climáticas são trabalhadas?

R: São trabalhadas precisamente da mesma maneira que as outras notícias todas, ou seja, tem de haver uma notícia e a partir daí vamos tentar falar com especialistas de forma a que nos expliquem melhor o que se passa. Ninguém de nós tem formação superior em alterações climáticas, de maneira que é tudo tratado dessa forma. Vamos contactar várias pessoas e depois disso tudo fazemos então o nosso filtro, de forma a compactar tudo numa reportagem. Depois depende do tempo que a reportagem tiver.

P: Considera que as alterações climáticas são um tema promovido?

R: Acho que ainda devia ser mais promovido. Acho sinceramente que no que diz respeito às televisões ainda há... apesar de haver a sensação de estarmos sempre a falar da mesma coisa, ou seja, alterações climáticas, tempo, etc, acho que em termos científicos ainda podemos aprofundar um pouco mais e fazer mais reportagens nesse sentido. Não nos ficarmos só por debates e peças mais pequenas.

P: Quem escolhe as fontes? São os jornalistas ou os editores?

R: A questão do escolher as fontes... Cada um tem as suas, não é? As fontes são adquiridas ao longo de um percurso profissional e a partir do momento em que contactamos a pessoa pela primeira vez, cria-se ali uma ligação, eu fico com o contacto, ele fica com o meu e cada vez que precisamos eventualmente de uma opinião, uma pequena entrevista ou mesmo só um esclarecimento contactamos e é assim que se constrói a relação. É conforme a necessidade naquela altura e os especialistas conforme as determinadas áreas.

P: Acha que quando escreve sobre ambiente, a informação que a fonte lhe dá precisa de ser trabalhada ou alterada?

R: Sim, sim, sempre. Nem que seja pôr termos contraditórios, só os próprios cientistas entre si não se entendem. Uns acham uma coisa, outros acham outra. Às vezes chegamos aquela parte

em que o melhor é pormos os dois e as pessoas em casa, apesar de não terem uma conclusão, ao menos ficam mais informadas das várias perspetivas.

P: Mas não altera o que eles dizem, não simplifica os termos?

R: Não. Às vezes os termos têm de ser simplificados, mas quando são termos técnicos têm de ser colocados tal e qual como são. A ideia é o simplificar a linguagem. Os termos técnicos alguns dá para simplificar outros não.

P: Quando se trata de ambiente (alterações climáticas) procura que fontes, normalmente?

R: Temos os ambientalistas cá em Portugal, as associações ambientalistas, temos os nossos cientistas que estão nas universidades e temos os nossos governantes que tomam decisões e também empresas, dependendo do ramo a que estão ligados, pode ser a energia solar, a indústria química, que de alguma forma estão ligados pelos piores motivos.

P: Costuma trabalhar com frequência este tema?

R: Não, eu estou na editoria de economia e quando posso, quando há um furinho tento fazer algo sobre ambiente, mais direcionado para os oceanos e a preservação dos oceanos.

P: Na TVI não há ninguém que trate só temáticas ambientais?

R: Não, nós aqui na TVI somos todos muito polivalentes. Há cerca de três pessoas que volta e meia pegam neste assunto, que de facto não é só interessante, como tem muito para dizer. Mas não há ninguém específico a tratar destas matérias, não.

Anexo 9. Entrevista à Jornalista Isabel Loução Santos

Jornalista da editoria de economia

Hora: 16h10m

Dia: 9/10/2020

P: Como é que resulta o produto “notícia”, com base na relação dos jornalistas com as fontes de informação?

R: A nossa relação com as fontes, eu acho que vai também do tempo que podemos dedicar-lhes. Também começa por ser um problema que existe, acho eu no ponto de vista das televisões. Não me lembro de nenhuma, talvez a RTP tenha uma editoria de ambiente...

P: Acho que na SIC há pelo menos uma jornalista...

R: Era a Carla Castelo, mas já não está. Mas isso também não faz uma editoria, é uma pessoa. Eu aqui faço, mas faço sobretudo economia. É uma espécie de complemento, *side job*, mas não é a minha ocupação principal e eu acho que passa por aí um pouco da explicação de não termos fontes tão próximas e que nos garantam notícias tão assíduas, tão frequentes sobre ambiente, porque nós também não fomentamos essas fontes.

P: Por que razão acha que não há um interesse?

R: Não, porque como não há uma editoria específica de ambiente, não há o porquê de fomentar esses contactos. Conhecer pessoas... Porque também se, nós não temos um espaço onde temos a certeza que vamos ter uma notícia, específica sobre ambiente, se depende muitas das vezes da opinião do coordenador, que pode mudar consoante o coordenador e o dia, isso significa que nós não temos assim muita certeza se de facto o fomentar essas fontes, depois vai ter frutos. E se vai ser proveitoso tanto para mim, como para a fonte em causa e não queremos defraudar essas pessoas, com quem estabelecemos essas relações e não dar expectativas falsas de algo que acaba por não acontecer. Tem de haver uma estratégia que enquadre o ambiente, como uma das apostas também no fluxo informativo diário. E se isso existir, essa relação com as fontes torna-se mais assídua e mais proveitosa, obviamente, porque há muita coisa que se pode fazer e há muitas fontes sobre ambiente.

P: Quais fontes costuma utilizar?

R: Eu costumo falar com cientistas sobretudo. Não vou muito para os institucionais. Ministério do ambiente só para confirmar alguma informação que eu tenha, mas o que costumo

fazer mais é falar com cientistas, associações ambientalistas. Às vezes grupos comunitários que existem, ainda não fui muito por aí, mas estava a pensar algum dia fazer algo por aí. Há grupos de surfistas, há grupos de pessoas que se organizam, por exemplo... isto é mais nos plásticos e o plástico não tem nada a ver com alterações climáticas e é uma confusão que se faz. E há grupos agora, por exemplo, de pais de jovens que pertencem ao movimento da Greta Thunberg, de ação climática e há várias organizações cívicas, de pais e de miúdos que se estão a mobilizar para tomar ação concreta quanto a isto e eu acho que isso também é interessante trazer para o noticiário. É como digo, é difícil, porque o ambiente, as alterações climáticas é um tema intermitente. De vez em quando há uma grande apetência para ouvir e de repente, também porque as redações não apostam nele e não há um trabalho sistemático sobre ele, que também fomente a vontade do público querer saber mais e aprofundar mais, também há essa questão.

O público em si não me parece com muita apetência para ouvir sempre falar desses assuntos.

P: Quando está a tratar esses assuntos, ou seja, vai ter com a fonte, recolhe a informação e depois tem de dar uma volta ao texto, de forma a que o público perceba melhor os conceitos?

R: Claro, claro, claro. É assim, já alguns cientistas perceberam qual é a lógica da narrativa do jornalista, em televisão especificamente. Já perceberam qual é a linguagem que eles têm de utilizar, já se estão a adaptar um pouco a esta nossa linguagem, mais de decodificar os conceitos. Mas ainda assim nós temos sempre de pedir-lhes esse exercício de "simplifique agora isso" ou por exemplo muitas vezes nós temos de pensar em situações, que nós enquanto jornalistas e pessoas que não são daquela área, quase como espetadores e observadores do que se passa, como é que eu gostaria de ver isto explicado. Como é que eu entenderia, enquanto espectadora esta questão que estou a conhecer e como é que eu a gostaria de transmitir, para eu perceber. Por exemplo, lembro-me de uma das reportagens que eu fiz sobre alterações climáticas, fiz três, acho que na segunda, imagina, há um fenómeno que acontece que, há o vórtice polar, que é uma corrente de ar gelado, que circunda o Pólo Norte. É o chamado *jet stream*, quando nós, por exemplo, vamos para Nova Iorque a viagem demora x, quando nós voltamos é mais rápido, porque apanhamos essa corrente de ar que é mais vantajosa. Esse vórtice polar tem se comportado de uma maneira agora mais imprevisível e dando a entender que não há uma ligação direta, mas que tem a ver com as alterações climáticas. Ou seja, ele parece não ser tão consistente na sua formação, ele era muito contido, era uma espécie de corrente de ar forte, bem direcionada e uma banda curta e ele agora está a deslassar-se, como se de repente pequenas partes dessa... (interrupção de terceiros).

Mas imagina, isso é um fenómeno que está cada vez mais atribuído às alterações climáticas e a questão é, como se explica isso? A minha missão era tentar explicar isso na peça, porque é uma

das questões importantes, por exemplo, quando nós temos as chamadas vagas polares, massas de ar frio que vêm do Pólo não sei quê, também são mais frequentes, em Nova Iorque também começam a ser mais frequentes, vem uma massa de ar gélida mesmo, que aquilo é terrível, com consequências até para a saúde das pessoas e as tempestades que provoca nos nossos invernos, em janeiro fevereiro, sobretudo, como é que eu explicava isso? É uma coisa completamente abstrata. Um vórtice polar... Uma corrente de ar fria e tal. O Professor explicava-me da melhor forma que podia e, obviamente de uma maneira simples, mas ainda assim que não dava para chegar às pessoas. Aí nós podemos fazer o exercício de “senhor Professor e se eu explicasse isto desta forma?”. Temos nós de processar essa informação e tentar torná-la o mais simples possível e nessa transformação nós perguntarmos, temos de perguntar se aquilo é rigoroso ou não. E se eu lhes explicasse isto abrindo e fechando uma porta, por exemplo, como se de repente entrasse uma corrente de ar na casa, eu abro a porta e essa corrente entra e de outra forma a porta estaria fechada. “Sim pode explicar dessa forma”, porque a diferença de temperatura é o que faz com que esse ar não escape da banda, que eu estava a dizer, estreita e vá para outras latitudes. Porque como há menos diferença de temperatura e o próprio Pólo está cada vez mais quente, aquele ar fica menos concentrado e espalha-se mais pelo planeta. É uma maneira que nós temos, tanto como os cientistas, de tentar explicar e ao mesmo tempo fazer o trabalho como deve ser.

P: Não podem trocar os conceitos e dar-lhe outro significado.

R: Não, a ideia aqui é ser o mais rigorosa possível, naquilo que se diz. A ideia é que o cientista veja, uma dona de casa veja, um senhor que trabalhe nas obras veja e perceba e o cientista não fique chocado, entenda que aquilo é uma forma de se chegar a todas as pessoas, mas que ainda assim é rigorosa e factual.

P: Por exemplo, a relação que tem com esse Professor, quanto mais próxima ou de cumplicidade é melhor.

R: Sim, sim, obviamente é melhor. Com este Professor temos feito já vários trabalhos, conheço-o perfeitamente. Se tiver alguma dúvida ligo-lhe e esta proximidade com as fontes facilita imenso, não só ao fazer trabalhos específicos e tornar isso numa notícia, mas muitas vezes para retirar dúvidas, para esclarecer, para dar conhecimento de coisas que nós precisamos de fazer, em que ele não participa, mas nós precisamos do conhecimento dele e, portanto, isso é ótimo. É de fomentar.

P: A Isabel costuma escolher as suas fontes quando tem uma reportagem ou é o editor?

R: Não, eu escolho as minhas fontes. Aí em alterações climáticas, sim.

P: Quando diz alterações climáticas, engloba o quê?

R: É assim, as alterações climáticas têm sobretudo a ver com fenómenos climatéricos, mas com fenómenos de clima, ou seja, há aqui uma grande diferença, que às vezes as pessoas não entendem que é a diferença entre a meteorologia e clima. Um fenómeno meteorológico é um evento a curto prazo, que acontece muitas vezes por outros fatores conjunturais daquele momento.

P: As massas de ar por exemplo.

R: Sim, mas um fenómeno climático é diferente. Precisa de um intervalo de 20 a 30 anos, até se tornar relevante e quando tratamos de alterações climáticas, estamos a falar desses grandes movimentos de 20 ou 30 anos, que começam a ser estudados e começam a indicar uma tendência. Não só a chuva, não só o tornado, quer dizer, por isso é que os cientistas têm grande dificuldade em dizer “ah este tornado tem a ver com as alterações climáticas ou este furacão”. Não. Não se sabe. Não se pode dizer que este tornado em específico, pode ter havido ali uma condição própria, naquele dia, alguma coisa que aconteceu ali que provou o fenómeno meteorológico, porque o cientista de alterações climáticas, ele só vê intervalos de 20 ou 30 anos de cada vez e portanto é aí que ele entende o que se passa com o clima. Não é no tornado ou no furacão. Obviamente que, se aparecer aqui um furacão em Portugal, que não é algo comum, eles não dizem logo que tem a ver com as alterações climáticas, eles nunca dizem isso, mas é altamente provável que tenha a ver, porque nunca chegou historicamente um furacão a Portugal. Mas também tem a ver com a frequência. Se chegou um e depois estamos dez anos sem ver nenhum não é um fenómeno climático, é um fenómeno climatérico. Há também a questão dos plásticos, que nada tem a ver com alterações climáticas, são outro departamento. Os plásticos nós conseguimos resolver, a questão da poluição humana, que nós podemos com esforço e dedicação anular, mitigar, o que for. As alterações do clima estão longe disso, são grandes processos planetários que tem a ver com este jogo de forças entre elementos, entre vários fatores que jogam para que nós tenhamos um determinado clima, é esta combinação, este jogo que está a ser alterado, não é? Mas é uma coisa lenta e não é o plástico que aumenta o calor, não tem nada a ver. É o dióxido de carbono que a fábrica emite, isso sim tem a ver com as alterações climáticas. O plástico em si, não tem. É um fenómeno circunscrito de poluição, como podia ser outro tipo de poluição qualquer. A diferença é essa.

P: Eu estou a analisar o *Jornal das 8*, ao longo de três meses para perceber a quantidade de notícias sobre alterações climáticas.

R: São pouquíssimas, não é?

P: É e é muito difícil, porque no outro dia apareceu uma notícia sobre a pressão baixa que provocou chuva. Eu acho que não posso inserir isso numa notícia de alterações climáticas.

R: Não, isso é um fenómeno meteorológico. Quando são notícias, imagina “setembro foi o mês mais quente que há registo”, isto também podíamos fazer, mas agora é o orçamento... mas era uma notícia importantíssima. O mês de setembro foi o mês mais quente que há registo na história. Isto é preocupante. E isto já são as alterações climáticas. Essa é a diferença. Agora uma chuvada intensa ou isto ou aquilo não. Um furacão pode ser, ou uma tempestade de categoria muito elevada chegar a Portugal, não é alteração climática, mas já pode estar inserido nesse fenómeno e podemos ter alguém que venha enquadrar isso na questão das alterações climáticas. Mas só os fenómenos meteorológicos, não contam.

P: Portanto a Isabel não trabalha sempre este tema?

R: Eu trabalho este tema desde sempre, para já tenho interesse e depois tive oportunidade de alguém me dar o espaço para o fazer. A partir daí sempre foi um interesse meu, não consigo é conciliar com a minha vida profissional. Trabalhar em economia e nisto.

P: Mas não acha que devia ser mais abordado?

R: Talvez, talvez. Por exemplo se a empresa apostasse numa editoria, talvez ponderasse isso. Agora também é um facto que nós, TVI, somos os únicos que fizemos grandes reportagens sobre alterações climáticas. A SIC às vezes tem uns produtos, mas são comprados ao estrangeiro, sobre coisas que se passam nas ilhas do Pacífico. Há várias coisas, mas são compradas, não são nossas. A Carla Castelo fazia algumas coisas, mas eram mais circunscritas, algum problema específico de poluição, peças mais pequenas. Sobre um tema, em termos científicos, o conceito de alterações climáticas nós somos os únicos a falar das grandes tendências do clima e daquilo que é esperado a uma escala global, planetária.

P: De momento não fez nenhuma?

R: Fiz uma em 2009 e faço sempre questão de fazer isto a nível global, com Portugal, Noruega e ainda foi outro sítio qualquer na primeira, não me lembro. Na segunda fui aos Estados

Unidos, a Cabo Verde, a Marrocos, sei lá, à Alemanha, ao Pólo Norte, à Holanda, vários sítios para poder dar esta escala planetária. Porque isto não é um problema português, as alterações climáticas nunca se podem olhar só para o nosso umbigo. É um bocadinho ao contrário daquilo que é o lema do jornalista “quanto mais próximo melhor”, aqui o que eu acho é que temos de trazer sempre isto para a nossa realidade, mas o que eu acho nas alterações climáticas é que é precisamente essa escala global que interessa. É isso que eu acho que as pessoas procuram saber. Não se consegue entender o fenómeno só olhando para Portugal. Ele não nasce aqui, não acaba aqui e as consequências que nós temos e é aí que eu quero chegar, é que acontecendo em Portugal vai ter impactos, como noutras partes do mundo terá outros, mas depois elenco quais são as questões do caso português, que tem bastantes. Portugal é um país com maior risco de desastres naturais, perdas, de empobrecimento, de todas as questões importantes daquilo que se perde com o aquecimento global crescente, Portugal está mais do lado dos perdedores, do que dos ganhadores. A Noruega está do lado dos ganhadores, há países que ganham com isso. Há medida que deixam de ter gelo, têm mais terra cultivável, por exemplo. Podem explorar petróleo, que é o que já se está a passar no Pólo. Portanto alguns países ficam a ganhar com isso, Portugal não, Portugal está do lado dos perdedores, claramente. Tem uma variedade de grandes riscos, da seca, da desertificação, das cheias, do risco de furacões também, das tempestades, do nível das águas também afeta um país como nós, que tem uma costa tão grande e tão mal construído nessa faixa e, portanto, temos vários riscos envolvidos. Mas a ideia é tornar o mais global possível, porque é um fenómeno que não se explica de outra forma.

P: Quando foi a esses países todos, como escolhia as fontes de informação?

R: Fazia trabalho de casa aqui, tentava ver pessoas relevantes que encontrava na internet ou outras pessoas que eu tinha contactos, davam-me referências nesses países, “olhe conhece alguém?”. Alguém de uma universidade de cá, conhece alguém de uma universidade de lá. Por exemplo, nos Estados Unidos, falando de furacões há um que é *National Hurricane Centre*, que é o principal órgão público desse tema e, portanto, aí vais logo diretamente a essa organização e tentas falar com alguém da comunicação e explicas o teu objetivo, falar sobre isto, sobre aquilo e eles arranjam-te. Normalmente no estrangeiro é fácil encontrares pessoas disponíveis para falar. É mais fácil do que cá.

P: Já me respondeu a tudo. Obrigada.

R: Boa, boa, boa.